UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

IGOR JOSÉ TRABUCO DA SILVA

"MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO" – A ASSEMBLÉIA DE DEUS E A POLÍTICA EM FEIRA DE SANTANA (1972 – 1990)

Salvador
2009

IGOR JOSÉ TRABUCO DA SILVA

"MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO" – A ASSEMBLÉIA DE DEUS E A POLÍTICA EM FEIRA DE SANTANA (1972 – 1990)

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em História da Universidade Federal da Bahia, sob orientação da Professora Doutora Elizete da Silva.

Salvador
2009

IGOR JOSÉ TRABUCO DA SILVA

"MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO" – A ASSEMBLÉIA DE DEUS E A POLÍTICA EM FEIRA DE SANTANA (1972 – 1990)

Dissertação defendida e aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof Dr Aldo José Morais Silva - UNEB

Profª Drª Elizete da Silva – UFBA /UEFS

Profª Drª Sueli Ribeiro Mota Souza - UNEB

A minha mãe

por todo seu amor,

generosidade e apoio

em todos os momentos

Plantar o trigo e refazer o pão de cada dia
A fé, a fé, paixão e fé, a fé faca amolada
O chão, o chão, o sal da terra o chão, faca amolada
Deixar a sua luz brilhar no pão de todo dia
Deixar o seu amor crescer na luz de cada dia
Vai ser, vai ser, vai ter de ser, vai ser muito tranqüilo
Um brilho cego de paixão e fé, faca amolada

Fé cega faca amolada

(Milton Nascimento/ Ronaldo Bastos)

Agradecimentos

Durante o árduo processo de desenvolvimento desta dissertação algumas pessoas estiveram envolvidas, direta ou indiretamente, em sua produção, tanto em dar sugestões, conseguir materiais que contribuíram com sua escrita ou simplesmente através das palavras de carinho e conforto, que foram estimulantes e decisivas nos momentos de maior angústia.

A minha mãe Zelande pelos incentivos e encorajamentos que foram fundamentais para o ingresso e a conclusão do mestrado. Pelas comidas prontas que mandava para Salvador, quando minha dedicação à escrita necessitava de mais atenção e pela especial acolhida em meu retorno à Feira de Santana para apenas me concentrar neste trabalho.

Aos meus familiares pela inestimável ajuda emocional: ao meu irmão Iaron, meu pai Antonio, minhas tias, tios, primos e primas, que são muitos. Em especial, agradeço a Alanna, minha prima, que ajudou com as impressões dos materiais provisórios, que foi minha portadora ao levar e pegar materiais junto a minha orientadora e pelos empréstimos de livros na Biblioteca da UEFS. A Alfredo que levou estes materiais até Salvador. Ariane, Jaquinho, Jão e Marquinho pela distração quando não tinha mais paciência com o computador.

A Maria Cecília, amizade de longas datas, e que posso sempre contar nos momentos difíceis, inclusive na ajuda à dissertação. A Uyara e Mariany, pela amizade.

Aos que tanto contribuíram a minha formação desde a Graduação em História na UEFS. São muitas histórias e muito a agradecer a Tatiana, Fabrício, Igor Gomes, Edivania e Iris, pelo envolvimento, colaboração e preciosa amizade destes destacados historiadores, dos quais tenho orgulho de ser amigo e estar junto em todos momentos, sempre que possível. A Guiu, que integrou esse nosso seleto time (risos), por toda colaboração esses anos, o acolhimento e a amizade. Aos históricos: Clara, Nilton, Paloma e Robério.

Aos amigos formados no mestrado da UFBA: André, Gisele e Reinaldo, muito importantes nos encontros de História, conversas de bar e nas discussões historiográficas. A Adriana e Zózimo pela ajuda com fontes e materiais.

A Antônia, valiosa amizade formada para além do trabalho, enquanto professores da escola Normal de Camaçari e que muito ajudou quando precisei me ausentar da escola e mudar o horário das minhas aulas. A Iasnaia, outra importante amizade formada no trabalho.

A Sara Ferreira, que tive a felicidade de conhecer na graduação, quando participava do Centro de Pesquisa da Religião, me falta palavras para agradecer o tanto que fez durante todos esses anos de vida acadêmica. O que consegui coletar de fontes e dados e as entrevistas realizadas tiveram a sua participação, generosidade e sempre sincera amizade.

Aos professores que participaram de minha formação e foram importantes em diversas etapas e dos quais tenho muita admiração: João Rocha, Rogério, Eurelino Coelho, André Uzêda, Rinaldo, Edilece, Gino e Clóvis Ramaiana.

Aos professores Aldo Morais e Sueli Souza, por aceitarem compor a banca deste trabalho de mestrado.

A professora Elizete da Silva que me orienta desde a graduação na UEFS. Orientou a monografia de especialização, também pela UEFS, e a presente dissertação de mestrado, pela UFBA. Espero que me oriente também quando chegar à vez da tese de doutorado. Sou muito grato por ter tido a sorte de ser um de seus orientandos, pois além de ser uma excelente professora e orientadora é uma das raras pessoas que conheço dada a sua ética, bom humor, disposição e paciência.

Às pessoas que cederam parte do seu tempo para conceder entrevistas: Gerson Gomes da Silva, Cadmiel Pereira, Marli Santana, Norma Soares, Jairo Soares e Luciano Ribeiro. Aos membros da Assembléia de Deus que também entrevistei, concederam a pesquisa em suas fontes e foram sempre generosos e solícitos. Aos funcionários da Câmara Municipal de Feira de Santana, Assembléia Legislativa da Bahia e Biblioteca Municipal de Feira de Santana pela ajuda durante a pesquisa.

E a Deus, que nos momentos de angústia sempre invocava o Nome.

A todos que me ajudaram e que compartilho as qualidades que este trabalho possa ter, menos os inevitáveis erros, que são de minha inteira responsabilidade. Muito obrigado!

Resumo

A presente dissertação analisa a atuação política da Assembléia de Deus de Feira de Santana, instalada em 1938. O contato com a sociedade feirense ocorreu através da política assistencialista. As atividades beneficentes proporcionaram uma interferência da Assembléia de Deus nas questões sociais e foi importante por aproximá-la das lideranças políticas municipais e estaduais. Foi, portanto, inevitável a relação de favorecimento dos políticos às obras sociais e espirituais da Assembléia de Deus de Feira de Santana em troca de voto. Conscientes de sua força eleitoral e de sua representatividade, a participação na política partidária se efetivou com a eleição de candidatos próprios entre 1972 e 1990. A investigação das relações entre religião e política compreende um período rico do contexto nacional, isto é, da ditadura militar ao processo de abertura democrática.

Palavras-chaves: Pentecostalismo – Política – Feira de Santana

Abstract

This dissertation analyzes the political action of Feira de Santana's Assembléia de Deus, installed in the city in 1938. The contact with the Feira de Santana's society happened through the pratical assistance. The fund-raising activity provided an interference of Assembléia de Deus in the social issues and helped to approach it to the political and city and state leaders. It was, therefore, unavoidable the promoting relation of the politicians with the social and spiritual works of Assembléia de Deus of Feira de Santana in exchange for votes. Aware of their electoral strength and their representativeness, the participation in party politics has leaded to the election of their own candidate in 1972. The investigation of religion and politic relations includes a rich period at national context from military dictatorship to democratic open-mind in Feira de Santana.

Keywords: Pentecostalism – Politic – Feira de Santana

Lista de abreviaturas

AD – Assembléia de Deus

ADEFS – Assembléia de Deus de Feira de Santana

ADONEP - Associação de Homens de Negócios Evangélicos

AFAS – Associação Feirense de Assistência Social

AMA – Amparo ao Menor Abandonado

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

CEADEB - Convenção Estadual das Assembléias de Deus na Bahia

CEBAD - Centro Beneficente da Assembléia de Deus

CGADB - Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil

CIA – Centro Industrial do Aratu

CIS – Centro Industrial do Subaé

CRDJ – Centro de Recuperação Desafio Jovem

CVL – “Cristo vos Liberta”

DEM – Partido Democrata

IURD - Igreja Universal do Reino de Deus

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

MOC – Movimento de Organização Comunitária

OEAD – Orfanato Evangélico da Assembléia de Deus

PDLI - Plano de Desenvolvimento Local Integrado

PDS – Partido Democrático Social

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

SEFAM - Associação Feirense de Assistência a Mendigos

SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

SUS – Serviço Único de Saúde

Índice de Tabelas

Tabela 1: Profissões dos membros fundadores da ADEFS.....57
Tabela 2: População de Feira de Santana.....63
Tabela 3: Migração entre os assembleianos.....89
Tabela 4: Últimos números da eleição a prefeito (1982).....163

Índice de fotos

Foto 1. Pastor Severino Soares realiza uma cerimônia de casamento.....51
Foto 2. Modernização em Feira de Santana.....67
Foto 3. A tradicional feira.....71
Foto 4. Migrante protestante fugindo da seca.....84
Foto 5. Família migrante.....90
Foto 6. Antigo prédio do Orfanato da Assembléia de Deus em Feira de Santana.....102
Foto 7. As crianças do Orfanato.....104
Foto 8. Centro de Recuperação Desafio Jovem.....107
Foto 9. Cruzada evangelística.....115
Foto 10. Pastor Severino Soares no púlpito da AD.....137
Foto 11. Santinho do Pastor Severino Soares.....141
Foto 12. Programa evangélico de rádio com Waldeir Pereira.....142
Foto 13. Vereador Waldeir Pareira ao lado do Pastor Severino Soares e outros membros em culto na Assembléia de Deus de Feira de Santana.....143
Foto 14. Deputado Gerson Gomes e Pastor Severino Soares com outros assembleianos.....152
Foto 15. Formatura no CRDJ.....153
Foto 16. Campanha eleitoral de Gerson Gomes no ano de 1986.....158
Foto 17. Candidatos a prefeito em 1982 em Feira de Santana.....160
Foto 18. A dupla política Colbert Martins e Francisco Pinto.....162

Sumário

Introdução.....15
O problema.....15
Aspectos teóricos: as relações entre religião e política.....18
Metodologia.....26

Capítulo I
Caminhos cruzados: a Assembléia de Deus em Feira de Santana.....31
Protestantismo no Brasil e na Bahia.....31
As origens pentecostais.....34
O protestantismo nas terras de Sant'Anna: a presença da Assembléia de Deus.....36
A religiosidade feirense: a Feira é de Sant' Anna.....41
Choque entre a religiosidade popular e os pentecostais.....45
Calendário festivo nacional e conflitos com o ideal de trabalho protestante.....47
Costumes e doutrinas da Assembléia de Deus de Feira de Santana.....49
Expansão e composição social.....54

Capítulo II
Pentecostais assembleianos em Feira de Santana: entroncamento sócio-cultural.....62
Feira de Santana: uma modernização "forçada".....68
A instalação do Centro Industrial do Subaé.....73
Pentecostais, as invasões e o crescimento demográfico em Feira de Santana.....76
Marx, os favelados e a Bíblia entre Messias e Waldeir.....86

Capítulo III

A Assembléia de Deus de Feira de Santana e o assistencialismo.....92
Da aversão protestante a “este” mundo à participação política.....94
Levando fé aos despossuídos: a assistência social e a presença assembleiana junto aos poderes públicos.....97
As instituições sociais assembleianas em Feira de Santana.....100

Capítulo IV

De indivíduos-fora-do-Mundo para indivíduos-no-Mundo.....120
Os assembleianos na política partidária feirense.....127
Os escolhidos: a Assembléia de Deus de Feira de Santana elege seus “irmãos”.....131
Perfis de José Marques de Souza, Lucivaldo Teixeira e Urbano Matos.....132
Perfis de Manoel Joaquim da Silva e Severino Soares.....135
Um perfil de Waldeir dos Santos Pereira.....142
Um perfil de Gerson Gomes da Silva.....148
As relações político-partidárias de Gerson Gomes.....167

Considerações finais.....181

Fontes.....185

Referências bibliográficas.....188

Anexos.....195

INTRODUÇÃO

A presente dissertação objetiva analisar o contexto que levou a participação evangélica no cenário político. A Assembléia de Deus se instalou na cidade de Feira de Santana em 1938.

Esta dissertação que ora se apresenta resulta de um processo de pesquisas e interesses iniciados desde a graduação, quando integrante no Centro de Estudos da Religião (CPR), núcleo de pesquisa do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana. O aprofundamento da pesquisa em fontes primárias, principalmente os *Livros de Atas da Assembléia de Deus*, chamou a atenção para o fazer política entre os membros desse grupo religioso, de origem protestante, possibilitando o caminhar para este trabalho.

A presença e influência das religiões, e seu papel estruturador nas sociedades é um fator inegável. Vários estudiosos já apontaram nessa direção. No campo religioso, fundamentaram-se ações, formas de pensamentos, tentativas de compreensão e explicação do mundo e finalidade dos homens, no interior de culturas e sociedades. A atuação das religiões não ocorre em campos isolados, não corresponde a aspectos irrelevantes da vida social e não se limita apenas a questões relativas à fé e sua complexa estrutura de organização.

A religião como integrante do cultural interfere na complexa realidade humana, interagindo e sendo estruturada em seus aspectos sociais e políticos. A análise da religião e do religioso não se limita aos estudos eclesiásticos, abarca também relações de poder em contextos específicos.

O problema

No ano de 1972, em Feira de Santana, cidade do interior baiano, foi eleito vereador Gerson Gomes da Silva, exercendo junto a Câmara de

Vereadores de Feira de Santana seu primeiro mandato municipal. O segundo foi no ano de 1976. Este segundo mandato não foi completado por ter sido eleito, em 1978, para deputado estadual, cargo ao qual retornou entre em 1986. Entre uma candidatura e outra para deputado estadual, concorreu a uma vaga para prefeito da cidade, em 1982, sendo o segundo mais votado, perdendo para um antigo aliado político, mas nas circunstâncias políticas, adversário, José Falcão da Silva. O político assembleiano Gerson Gomes atuou tanto na oposição, MDB, quanto na situação PDS.

Gerson Gomes da Silva foi o principal nome feirense da Denominação Pentecostal Assembléia de Deus de Feira de Santana a conseguir um cargo eletivo em plena década de 1970, tendo iniciado sua tentativa de inserção no mundo político já na década de 1950. Suas candidaturas tiveram apoio de diversos grupos evangélicos, não só da Assembléia de Deus, o que contribuiu para ocupar sucessivos cargos nos poderes públicos local e estadual.

Fator marcante foi que Gerson Gomes entrou na política partidária em um período em que o grupo religioso era pouco afeito a uma aproximação direta com atividades políticas. Não que não a praticasse. Praticava, mas não de forma direta. Gerson Gomes foi um divisor de águas na atuação política assembleiana em Feira de Santana, contribuindo para uma maior visibilidade social da mesma na cidade e no Estado da Bahia.

Portanto, a problemática central busca analisar os fatores que levaram ao ingresso político partidário de assembleianos feirenses em um momento em que a política não era praticada de maneira ampla, antecedendo o que alguns estudiosos denominaram de “despertar da consciência política evangélica à campanha irmão vota em irmão” ocorrida na década de 1980, em nível nacional, influenciando a Constituinte de 1986. Assim, a presente dissertação analisa a participação política assembleiana, em Feira de Santana em um período que antecedeu à Constituinte de 1986, tendo a Assembléia de Deus eleito seus próprios representantes na defesa dos interesses da comunidade.

A análise, portanto, apontou um fato interessante para a cidade de Feira de Santana: a entrada de evangélicos na política teve presença assegurada através de força eleitoral e cumprimento de mandato antes da Constituinte de

1986, o que contraria a idéia de estudiosos[1] de que a presença evangélica na política foi concomitante ao processo de abertura, pós-governo militar.

Faz-se necessário ressaltar que a presença política antes da abertura democrática ser restaurada e da Constituinte de 1986, não ocorreu com forte intensidade tal qual se processou neste período, em que a presença evangélica na política foi mais ampla em nível local e nacional.

A candidatura de Gerson Gomes foi possibilitada neste período, mesmo quando a política não era bem vista pelos "irmãos", não apenas pelo fato de ser conhecido nos meios religiosos, mas também, e que contava muito, não ser o pastor do grupo. Ou seja, ele tinha um poder simbólico, era conhecido e admirado entre os evangélicos, mas não estava à frente de uma congregação. Os assembleianos achavam que a entrada dos pastores na política poderia significar uma desvirtualização dos valores religiosos a que se apegavam.

A política, para os membros da Assembléia de Deus, era considerada ímpia, não devendo ser praticada pelo grupo. O lidar com a política pertencia ao mundo e os membros deveriam evitar se misturar, "contaminar", pois participar de atividades ímpias significava para os assembleianos desviar dos mandamentos divinos. A advertência era *tu não participarás*, conforme demonstrou a documentação utilizada, sobretudo pelas discussões nos *Livros de atas da Assembléia de Deus* em Feira de Santana. Contudo, em meio a essa rejeição da política, ainda na década de 1950 foi registrado os primeiros candidatos da Denominação Assembléia de Deus em Feira de Santana a pleitear, não obtendo sucesso, uma cadeira na Câmara Municipal. Mas significou um avanço em relação a objeção que faziam dessa prática.

A Assembléia de Deus se inseriu no município de Feira de Santana, cidade de origem notadamente católica, atestada pelo seu nome de batismo, em 1938. Feira de Santana teve sua formação econômica relacionada inicialmente à prática do pastoreio, posteriormente foi impulsionada pelo comércio regional, pelas atividades industriais e, sobretudo, por ter se tornado

---

[1] Ver FRESTON. Paul. *Protestantes e política no Brasil*: da constituinte ao impeachment. Tese de doutorado. Unicamp. S.P. 1993 e PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*: religião, sociedade e política. Ed Hucitec. São Paulo. 1996.

um importante entroncamento rodoviário, interligando o Norte e o Sudeste brasileiro.

O período de análise corresponde aos anos de 1972 a 1990, fase de maior atuação política do grupo religioso assembleiano, tanto em atividades assistencialistas, para manter suas entidades sociais, como na política partidária, com candidatos próprios, através de atuações, como as de Gerson Gomes da Silva e Waldeir dos Santos Pereira, membros da Assembléia de Deus que foram eleitos a cargos políticos no período em estudo.

Este recorte abarcou aspectos importantes da História Nacional, como o período do regime militar à abertura democrática, passando pela Constituinte Nacional de 1986. Em nível regional e local vislumbramos o processo de industrialização do Nordeste, o surto migratório e o crescimento de cidades, em vigor desde a década de 1950.

Feira de Santana, em virtude da modernização processada no período em apreço pelo crescimento urbano, em grande parte decorrente de seu potencial comercial, despontou como uma cidade interiorana de inegável relevância regional, nos limites do sertão e do litoral. Assistia, em decorrência de seu desenvolvimento econômico, a vinda de grupos imigrantes de diversas áreas do sertão nordestino, em boa parte fugindo dos transtornos causados pela seca e falta de trabalho no campo. Concomitante com o desenvolvimento feirense se expandiu a Denominação Assembléia de Deus, arregimentando expressivo número de membros e interferindo em questões do seu cotidiano.

Aspectos teóricos: as relações entre religião e política

A temática em apreço estuda a relação entre religião e política, vista por muitos, ainda como pólos opostos, principalmente pelos praticantes de manifestações de fé ou por militantes políticos.

Por política entende-se, em conformidade com René Remond, um *ponto para onde conflui a maioria das atividades e que recapitula os outros*

componentes do conjunto social.[2] Ou seja, a política perpassa e interfere nos aspectos econômicos e sociais, bem como na vida cotidiana de homens e mulheres, não que as determine ou que a vida social seja pré-condição de sua existência. A política, assim como a religião, está inserida na dinâmica sócio-cultural.

Pretende-se analisar aspectos da política assistencialista e política partidária. O envolvimento político não isentou os cuidados em relação à manutenção doutrinária e aos costumes da comunidade religiosa. A questão moral, determinante da organização religiosa do grupo, foi um fator que influiu em seu relacionar com a política. A atuação de membros do grupo no campo político vinculava-se às hierarquias ou poder simbólico ocupado na Denominação. Portanto, as concepções que formaram em torno da política relacionam-se às representações construídas em torno do exercício do poder político, tanto no âmbito interno da comunidade, quanto em seu âmbito externo. Foi uma forma de demarcar presença na sociedade feirense e afirmar seu espaço no campo religioso local.

A religião, por ser um elemento da cultura, perpassa por diversos aspectos do social, *adquirindo assim um lugar privilegiado, porquanto ela seria o caminho através do qual passariam as aspirações, representações, interpretações, enfim, a visão de mundo dos seus membros*[3]*.* Estes aspectos demonstram a complexidade que assumem os estudos da religião, bem como sua influência em diversos aspectos do social, o que levou a pensar sua definição nos diversos campos do saber, tanto no âmbito da História das Religiões, como da Sociologia, na Filosofia da Religião e na Antropologia Cultural. Conforme Stefano Martelli *a religião passa a ser reconhecida como um fator relevante da mutação social e política que está rapidamente mudando o rosto do mundo contemporâneo*[4]*.* Ou seja, a religião assumiu posição central para a compreensão social, pois ela não se limita a um espaço fechado. Seu poder de alcance se tornou bastante amplo, interferindo tanto no social quanto no político.

---

[2] RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro. Ed FGV. 2003, p. 447.
[3] TEIXEIRA**,** Marli Geralda. *Nós os batistas... um estudo de história das mentalidades.* São Paulo. FFLCH/ USP. Tese de doutoramento. 1983, p. 15.
[4] MARTELLI, Stefano. A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização. São Paulo, Paulinas. 1995, p.09.

As relações políticas e a prática cotidiana de diversos grupos evangélicos, ficaram cada vez mais próximos, dada a expansão da interferência da religião na sociedade, não que esta relação estivesse livre de conflitos, mas foi necessária no aprofundamento das relações com a comunidade circundante. O avançar das relações entre religião e política não significou uma definição ideológica e partidária por parte de seus integrantes. Pelo contrário, faltava, sobretudo, por parte destes grupos pentecostais, uma ideologia política.

Inicialmente para estes segmentos, sobretudo nos primeiros anos do século XX em que possuíam pouca expressão na sociedade, a política significaria a derrocada das práticas religiosas, a contaminação, sendo muito mais interessante esperar o *celeste porvir*. Contudo, as mudanças sociais ocorridas na sociedade brasileira, indicaram uma nova direção, principalmente com a laicização do Estado, o crescimento do protestantismo no Brasil a representatividade que foram acumulando. Isto possibilitou a pregar a concepção de que deveriam ser *"cabeça e deixar de ser cauda"*. Esta perspectiva, da análise do texto bíblico, partiu da premissa de que os evangélicos deveriam participar do mundo de modo a defender os interesses da "sua igreja" e não deixar para outros grupos, alheios aos seus interesses, tomar tais decisões. Assegurando condições para esta nova postura a política foi se tornando prática necessária e aceita no interior do grupo religioso.

Um outro fator foi o auto-reconhecimento dos protestantes como melhor indicados a reger a ordem política do País, dado a ética que afirmavam possuir, bem como a densidade eleitoral que o crescimento das comunidades evangélicas passaram a ter. No caso da Assembléia de Deus de Feira de Santana, a partir de 1950. O crescimento da atuação política protestante foi possibilitada pelas mudanças externas e internas em suas comunidades.

Freston elucidou bem os motivos desta aproximação entre religião e política ao afirmar que *a entrada pentecostal na política é um ato de defesa cultural: uma reação a mudanças no ambiente social que ameaçavam minar a capacidade de manter a cultura do grupo.*[5]

---

[5] FRESTON, 1993, op.cit., p. 216.

O presente trabalho utilizou como pressupostos os estudos do cultural, com influência no social, no trato dos novos objetos e valorização dos sujeitos na História. Para tanto, deram suporte a este trabalho as contribuições dos historiadores Roger Chartier, E. P. Thompson e do sociólogo Pierre Bourdieu, dada sua influência entre os historiadores que estudaram a religião e a necessidade da prática da interdisciplinaridade

Roger Chartier tem como interesse investigar as instituições de ensino, os intelectuais, a festa, a morte, a leitura, a religião, inseridas em um conjunto de práticas e objetos culturais que adquirem sentido do lugar em que fala o sujeito. São centrais em sua análise conceitos como representação, representação coletiva e apropriação, pois:

> Identifica o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real[6].

Em torno deste entendimento que Chartier formulou sua metodologia partindo de um estudo crítico dos textos, da história dos livros e da análise das práticas. O autor utilizou essa metodologia para analisar a relação entre "o mundo do texto" e o "mundo do leitor". O leitor, ou seja, o sujeito se apropria do texto, o objeto, que está em interlocução com ele, a partir da leitura de mundo que faz. A leitura de mundo é um processo historicamente determinado e cujos modos e modelos variam de acordo com os tempos, lugares e os grupos (comunidades) envolvidos. Isto possibilitou a produção de sentido entre o leitor (sujeito) e o texto (objeto). A leitura envolve gestos, hábitos, espaços. Portanto, nesta relação, o conceito de apropriação foi fundamental por romper com o conceito de sujeito universal e abstrato.

> A noção de apropriação pode ser, desde logo, reformulada e colocada no centro de uma abordagem de história cultural que se prende com práticas diferenciadas, com utilizações contrastadas[7].
>
> A apropriação a nosso ver, visa uma história social dos usos e interpretações referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas, que as produzem[8].

---

[6] CHARTIER, Roger. *A história cultural* – entre práticas e representações. RJ. Bertram Brasil. 1990, p. 16-7.
[7] CHARTIER. 1990, op.cit., p. 26.

Para o autor, as práticas, ao serem apropriadas, cruzam com as representações. Metodologicamente este recorte assumiu lugar central no estudo do cultural. Pelo fato da representação significar ver o ausente, distinguindo o que representa do representado, ou melhor, a representação significa a relação entre uma imagem presente e um objeto ausente. Trabalhando com a representação na História e as possibilidades e dificuldades quanto ao uso do conceito, Falcon afirmou que:

> Representar pressupõe uma atividade ou 'faculdade' da consciência cognitiva em relação ao 'mundo exterior': re-apresentar uma presença (sensorial, perceptiva) ou fazer presente alguma coisa ausente, isto é, re-apresentar como presente algo que não é diretamente dado aos sentidos[9].

A representação está no interesse de quem as forja. Conforme Pierre Bourdieu trata-se de um poder simbólico[10]. Desta forma, a representação de mundo social parte da descrição da sociedade tal como determinado grupo pensa como esta sociedade deveria ser.

A partir da realidade vivenciada pelos assembleianos, em Feira de Santana, nos anos de 1970 a 1990, os mesmos forjaram suas representações e práticas políticas. Discute-se como esta Denominação se apropriou do contexto feirense que vivenciava e como construiu suas representações de mundo vinculadas à realidade religiosa, conforme encaravam as doutrinas, normas e costumes e o que possibilitou, nesse complexo contexto sócio-cultural, sua participação política.

As relações sociais não se desenvolveram à parte de seu contexto, mas influenciadas pela representação das atitudes e costumes da sociedade. Assim, faz-se necessária uma maior atenção ao que Thompson afirmou quanto à complexidade do termo cultura.

Ao estudar a cultura plebéia inglesa do século XVIII, o autor atentou para o consenso que pode invocar, retirando a atenção das contradições sociais. Isto por ser a cultura *um emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e*

---

[8] CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *Estudos avançados.* 11 (5), 1991, p. 180.

[9] FALCON, Francisco J. Calazans. História e representação. In: CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo (orgs) *Domínios da História:* ensaios de teoria e metodologia. RJ. Campus. 1997, p. 45-6.

[10] BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. SP. Ed Perspectiva, 1974.

atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas[11].

Thompson analisou os costumes dos ingleses no século XVIII, contribuindo para pensar o sujeito na História. Através da experiência de sujeitos comuns, que por diversas vezes foram marginalizados da História e vistos como bestiais, o autor trouxe uma contribuição fundamental ao desenvolvimento da História Social e da História Cultural, ao analisar eventos sociais partindo de outra ótica, não a oficial, dos vencedores, mas de pessoas comuns. Este trabalho busca essa ótica ao analisar pessoas comuns, que integraram a comunidade assembleiana de Feira de Santana.

O autor em outro trabalho sobre a classe trabalhadora inglesa[12] discutiu a influência da religião, no caso, o metodismo, sobre a sociedade. Thompson abordou que a religião independente de qual seja, não está fora de um contexto sócio-cultural e de uma conjuntura. Discutindo o Metodismo na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, mostrou como o mesmo foi de extrema importância em inculcar a idéia de trabalho como *um puro ato de virtude* (...) *inspirado pelo amor de um ser transcendente que age* (...) *sobre nossa vontade e nossas emoções*[13]. Sobre a religião Thompson ainda acrescentou sua importância e relevância social e política:

> A Revolução Inglesa foi disputada em termos religiosos não porque seus participantes estavam confusos com relação aos seus interesses reais, mas porque a religião importava. As guerras giraram, em boa medida, em torno de autoridade religiosa[14].

Ao estudar o Metodismo, uma dissidência protestante da Igreja Anglicana, o autor demonstrou sua relevância, em uma época de transição nas relações de trabalho, para a disciplinarização do trabalhador que se deparava com os modos de trabalho do capitalismo industrial. Esta concepção, advinda do fato de o Metodismo estava a favor da ordem vigente, do aprimoramento da moralidade pública e promoção da lealdade da classe média. O trabalho seria a principal forma de conservar a graça, puro ato de virtude.

---

[11] THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo. Cia das Letras, 1998, p. 22.
[12] THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, V. II.
[13] THOMPSON, 1987, op. cit., p. 240.
[14] THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses* e outros artigos. SP. Unicamp, 2001, p. 119.

O Metodismo conseguiu desempenhar o papel de religião de exploradores e explorados, conforme Thompson. Os exploradores com a disciplinarização do trabalho acumulariam riqueza e os explorados mantinham-se na graça de Deus. Função alcançada no forte papel de doutrinação, contribuindo o Metodismo ao mesmo tempo para uma prática religiosa dos explorados e exploradores, ocorrida desde a Escola Dominical, já no primeiro ano de vida da criança, com um ideal de pecaminosidade primitiva destas e o ensino de "recreações" produtivas; como noções de trabalho.

> As crianças, mal sabendo caminhar aprendiam cantos em que eram consideradas 'por natureza e também na prática, desprezíveis escravas do pecado'. O 'olho penetrante do Deus onipotente estava atento aos seus atos mais secretos[15].

Na análise do Metodismo na sociedade inglesa, o autor demonstrou a importância que o mesmo teve na sociedade e a função social que cumpriu ao tentar ordenar a mesma, a partir da relação que teve com seus membros e a comunidade ao seu redor, em seus aspectos econômicos e políticos. O que não fugiu muito, observando os limites temporais e espaciais da postura dos grupos pentecostais do início do século XX, utilizando sob a forma de normas e doutrinas a ordenação de seus grupos religiosos.

A Assembléia de Deus construiu uma ética do trabalho similar. O trabalho serviu de complemento à oração. Analisando um grupo assembleiano do município de Santa Maria, Pernambuco, Regina Novaes demonstrou que o horário dos cultos eram adaptáveis conforme o ritmo de trabalho dos seus fiéis, por ser a maioria deles agricultores. Assim, a sociedade foi organizada e estruturada a partir do ingresso na denominação religiosa e esta também se adaptou a experiência vivenciada, desde que não confrontasse sua autoridade. *Além da experiência comum e da opção comum que os identifica, a ajuda entre os "irmãos de fé" é de suma importância para a coesão do grupo[16].*

Na elaboração da dissertação foi útil a noção de paternalismo de Thompson, como instrumento de compreensão das relações do grupo religioso nos intercursos sociais e nos jogos políticos, de modo a compreender a sua organização.

---

[15] THOMPSON, 1987, op.cit., p. 257.
[16] NOVAES, Regina Reyes. *Os escolhidos de Deus*: pentecostais, trabalhadores e cidadania. RJ. Ed Marco Zero, 1985, p. 81.

Na comunidade religiosa assembleiana exercem poder os diáconos, os presbíteros e os pastores, detentores do poder simbólico. Estão em ordem crescente de influência e poder. O diácono, ou ministro, tem funções técnicas, servindo como o "recepcionista" do grupo religioso, aquele que recolhe o dízimo. Já o presbítero serve como ajudante do pastor em reger a comunidade. O pastor é o representante principal no governo e administração eclesiástica. É o detentor máximo do carisma, isto é, dos dons extraordinários, conforme Weber[17] e Bourdieu[18].

O campo religioso se constituiu por tensões entre a hierarquia do grupo religioso, pastores e leigos, no interior e fora da instituição religiosa. Segundo Bourdieu:

> A concorrência pelo poder religioso deve sua especificidade (em relação, por exemplo, à concorrência que se estabelece no campo político) ao fato de que seu alvo reside no monopólio do exercício legítimo do poder de modificar em bases duradouras e em profundidade a prática e a visão do mundo dos leigos, impondo-lhes e inculcando-lhes um habitus religioso particular, isto é, uma disposição duradoura, generalizada e transferível de agir e de pensar conforme os princípios de uma visão (quase) sistemática do mundo e da existência.[19].

Tais especialistas exercem uma relação carismática, que está imbuída de relações de poder e de dominação. A dominação ocorre pelo fato dos fiéis aceitarem o poder dos pastores e demais profetas e realizarem sua ação no grupo religioso em função da subordinação a estes. Para Bourdieu, o carisma assume função de disfarce para as pretensões políticas da comunidade religiosa. Em suas palavras:

> Para tanto, tendo em vista que o princípio do efeito de consagração reside no ato que a ideologia e a prática religiosa cumprem uma função de conhecimento – desconhecimento, basta perceber que os especialistas religiosos devem forçosamente ocultar a si mesmo e aos outros que a razão de suas lutas são interesses políticos. Primeiro, porque a eficácia simbólica de que podem dispor nestas lutas depende de tais interesses e, portanto, convém-lhes politicamente ocultar a si mesmos e aos outros seus interesses políticos (ou seja, em linguagem 'pagã', interesses 'temporais'). Assim, talvez seja preciso reservar o nome carisma para designar as propriedades simbólicas (em primeiro lugar, a eficácia simbólica) que

[17] WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. SP. Martin Claret. 2002.
[18] BOURDIEU, 1974, op.cit.
[19] BOURDIEU, 1974, op.cit., p. 88.

> se agregam aos agentes religiosos na medida em que aderem à ideologia do carisma, isto é o poder simbólico que lhes confere o fato de acreditarem em seu próprio poder simbólico[20].

Essas referências teóricas foram fundamentais para tentar compreender ações e organizações próprias da dinâmica interna da Assembléia de Deus de Feira de Santana, bem como as suas relações com o campo político feirense do período em estudo.

Busca-se a compreensão de como se processaram as relações dos grupos protestantes com a sociedade em que estavam inseridos, em outras palavras: como os assembleianos de Feira de Santana faziam a leitura da realidade circundante e participavam dos jogos de poder.

Portanto, o campo religioso foi constituído também pela hierarquia dentro de cada grupo religioso, na qual os bens simbólicos (conhecimento religioso) eram distribuídos entre o grupo. A hierarquia religiosa, ainda seguindo Bourdieu, apresentou razões de estruturação na racionalização e moralização da religião, que, por sua vez, foi influenciada por aspectos ocorridos na sociedade, como a urbanização.

Outros conceitos válidos para o trabalho são o de Denominação, que se refere ao grupo religioso como um todo, no caso a Denominação Assembléia de Deus se refere ao conjunto assembleiano. Forma esta utilizada de modo a diferenciar de Igreja, usada mais comumente para se referir ao catolicismo, a Igreja Católica ou grupos religiosos institucionalizados nos quais os fiéis não ingressam voluntariamente, a exemplo da Igreja Anglicana e da Igreja Luterana. Seita, outra designação para grupos religiosos menores, não institucionalizados e reconhecidos pela sociedade, em diferenciação a Igreja e Denominação. E congregação ou templo para se referir ao local de culto evangélico.

Metodologia

[20] BOURDIEU, 1974, op.cit., p. 54-5.

No processo de construção do trabalho fontes cruciais foram utilizadas para a concretização da pesquisa: *Livros de Atas* e *Livros de Membros da Assembléia de Deus de Feira de Santana*, *Livros de Atas do Centro de Recuperação Desafio Jovem da Assembléia de Deus de Feira de Santana*, *Estatutos da Assembléia de Deus de Feira de Santana*, *Livros de Atas da Câmara de Vereadores* de Feira de Santana, *Projetos de leis, Requerimentos e Moções da Assembléia Legislativa da Bahia*, jornais e revistas de circulação municipal, jornal *O Mensageiro da Paz*, da Assembléia de Deus, sob a forma de coletânea, entrevistas com membros da Denominação assembleiana e da sociedade feirense e iconografias.

Os *Livros de Atas da Assembléia de Deus*, de 1950 a 1990 e os *Livros de Atas do Centro de Recuperação Desafio Jovem*, de 1980 e 1990 foram de fundamental importância para compreender a dinâmica do grupo, como aspectos ligados aos costumes e doutrinas, disciplinarizações, ações políticas ligadas, sobretudo à prática assistencial, bem como assuntos relativos ao cotidiano do grupo. Foram atas das reuniões ordinárias da AD, bem como atas de sua entidade assistência, o Centro de Recuperação Desafio Jovem, utilizado para tratamento médico e espiritual de toxicômanos, mantidos pela comunidade religiosa.

Os *Livros de Membros* demonstraram o crescimento da Assembléia de Deus em Feira de Santana, por conter os membros filiados ao grupo e registrar aspectos importantes, tais como data de batismo, carta de recomendação para os membros provenientes de outras congregações da Assembléia de Deus em todo o País.

A pesquisa nos *Livros de Atas da Câmara de Vereadores*, de 1973 a 1978, foi uma forma de analisar a atuação dos políticos locais, membros da Assembléia de Deus, em um período que passou pelo regime militar, com a presença do bipartidarismo, e pela abertura democrática. Ao analisar o desempenho dos membros da Assembléia de Deus, Gerson Gomes da Silva e Waldeir Pereira, se buscou perceber relações e alianças deles com outros políticos de Feira de Santana, e os benefícios concedidos aos evangélicos, sobretudo aos assembleianos.

Projetos de leis, Requerimentos e Moções da Assembléia Legislativa da Bahia, de 1979 a 1982 e 1987 a 1990, com o intento de perceber a atuação de

Gerson Gomes como político do legislativo e os projetos e benefícios concedidos à comunidade evangélica, bem como outros projetos de sua autoria.

Entre os jornais da cidade foram utilizados o *Jornal Feira Hoje*, de 1972 a 1990, e a *Revista Panorama*, como instrumentos para verificar a dinâmica social e política feirense, a idéia de desenvolvimento e modernização, bem como as questões políticas. Traziam notícias correntes e cotidianas destacando a importância comercial e industrial e a posição que assumia Feira de Santana no interior baiano.

A coletânea de *O Mensageiro da Paz* serviu para compreender o pensamento assembleiano frente os acontecimentos nacionais. Já as fontes iconográficas, retiradas tanto dos jornais e revistas que circulavam na cidade, como as obtidas de acervo pessoal contribuíram no "olhar" sobre a organização social e política do período analisado.

Ressalta-se a importância da História Oral na reconstituição do período histórico em apreço, sendo inclusive um meio de dar voz aos sujeitos, tranformando-os em parte integrante da historiografia, uma história de vidas e não de vidas à parte. As entrevistas foram utilizadas, pois alguns protagonistas estão vivos e atuantes na comunidade religiosa. A História Oral tem importância por ser:

> Uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo... Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato - e pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações[21].

Compuseram a lista de entrevistados: o diácono da Assembléia de Deus e ex-deputado Gerson Gomes da Silva; as senhoras Marli Santana e Norma Soares, membros da AD, o Pastor Jairo Soares, sobrinho do falecido pastor da Assembléia de Deus e também ex-vereador, Severino Soares; Cadmiel Pereira, filho do falecido pastor e ex-vereador Waldeir Pereira; o ex-vice-

[21] THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. SP. Paz e Terra, 2002, p.45.

prefeito Luciano Ribeiro; e obreiros do Centro de Recuperação Desafio Jovem ao qual preferimos não informar a identidade.

Alguns trabalhos, apesar de ainda poucos, analisaram a experiência e atuação do Pentecostalismo no Brasil. Destaque aos livros de Émile Leonard[22], pioneiro no estudo da experiência pentecostal na sociedade brasileira. Beatriz Muniz de Souza estudou os pentecostais em São Paulo, numa perspectiva sociológica[23]. Francisco Cartaxo Rolim[24] abordou sociologicamente o fenômeno pentecostal no País.

Os trabalhos de Paul Freston[25] e Paulo Siepierski[26] ganharam reconhecimento ao analisar a pertença ao protestantismo na sociedade brasileira, demonstrando suas relações com à política nacional e como tais grupos adentraram neste terreno. Antonio Pierucci e Reginaldo Prandi[27] enfatizaram a atuação política pentecostal na Constituinte de 1986. O trabalho de Sueli Mota Souza[28] analisou questões de gênero dentre os pentecostais em Salvador. A dissertação de Maria Izabel Sampaio[29] analisou a representação de cura e doença na Assembléia de Deus de Feira de Santana frente a preferência à utilização da cura espiritual e Jonatas Meneses[30] trabalhou a participação político-partidária dos assembleianos em nível estadual, com os assembleianos de Sergipe, na Constituinte de 1986.

Também merecem referência os trabalhos de Oneide Bobsin[31] sobre a atuação política pentecostal e de Regina Novaes[32], que analisou aspectos

---

[22] LEONÁRD, Émile. O Iluminismo num protestantismo de constituição recente. São Paulo. Imprensa Metodista. 1988.

[23] SOUZA, Beatriz Muniz de. *A Experiência da Salvação*. Pentecostais em São Paulo. São Paulo. Duas cidades. 1969.

[24] ROLIM, Francisco Cartaxo. Pentecostalismo: Brasil e América Latina. Petrópolis. RJ. Vozes, 1994.

[25] FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil*: da constituinte ao impeachment. Tese de doutorado. Unicamp. S.P. 1993.

[26] SIEPIERSKI, Paulo D e GIL, Benedito M. (orgs.). Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens. São Paulo. Paulinas. 2003.

[27] PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*: religião, sociedade e política. Ed Hucitec. São Paulo. 1996.

[28] SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. *Em diálogo com Deus*: a construção do “self” entre mulheres pentecostais. Salvador. UFBA. 2007. (Tese de doutorado).

[29] SAMPAIO, Maria I. da Silva. *Representação do processo saúde-doença entre os pentecostais da Assembléia de Deus em Feira de Santana*. Feira de Santana. UEFS. Ba. 2003. (dissertação de mestrado).

[30] MENESES, Jonatas Silva. *A participação política da Igreja Evangélica Assembléia de Deus no Estado de Sergipe*: estratégias e ações para um projeto político. Salvador. UFBA, 1995.

[31] BOBSIN, Oneide. *Produção reigiosa e Significação Social do Pentecostalismo a partir de sua Prática e Representação.* São Paulo. Universidade Católica de São Paulo. 1984.

políticos e costumes em comunidades rurais em Pernambuco. A monografia de especialização de Sara Ferreira[33] analisou a atuação das mulheres do Círculo de Oração da Assembléia de Deus de Feira de Santana, a dissertação de Célia Santana[34] fez uma comparação do comportamento e costumes das mulheres de classe média e baixa no Recife, e Clari Couto[35], em sua monografia de especialização analisou as normas, costumes e doutrinas da Assembléia de Deus de Conceição do Coité, e o mais recente, uma monografia de conclusão de graduação em História, de Jean Neilla Ferreira[36] analisou a atuação política da Assembléia de Deus de Feira de Santana nos anos 1990, conhecida entre os assembleianos como a *Década da Colheita*.

No intuito de analisar a atuação política dos assembleianos de Feira de Santana dividiu-se o trabalho em quatro capítulos. No primeiro há uma análise da presença do pentecostalismo na sociedade brasileira, baiana e feirense. No segundo capítulo discute-se a presença da Assembléia de Deus em uma Feira de Santana vivenciando seu processo de modernização e como este interferiu na realidade feirense e foi por ela afetada. Já no terceiro capítulo a ênfase recai sobre as atividades assistencialistas e o surgimento de uma atuação político partidária no grupo religioso em destaque. Por fim, no quarto capitulo foi traçada a sistematização política partidária da Assembléia de Deus, com a candidatura e eleição de seus representantes, bem como as relações partidárias mantidas com lideranças políticas de destaque no cenário local e estadual. Nas considerações, uma retomada das questões principais da dissertação.

---

[32] NOVAES, Regina Reyes. *Os escolhidos de Deus*: pentecostais, trabalhadores e cidadania. RJ. Ed Marco Zero. 1985.

[33] FERREIRA, Sara Silva dos Anjos. *O papel da mulher na expansão e consolidação da Assembléia de Deus em Feira de Santana* (1949 - 1980). Feira de Santana. UEFS. 2008. (Monografia de especialização).

[34] SANTANA, Célia. *Mulheres pentecostais*. UFPE. Recife. 2001. (Dissertação de mestrado)

[35] COUTO, Clari Alves. *Orar e vigiar:* o poder disciplinador da religião como representação do pecado na AD de Conceição do Coité, 1970 a 1990. UEFS. 2001.

[36] FERREIRA, Jean Neilla Rocha. *Assembléia de Deus em Feira de Santana*: um estudo das representações políticas na década da colheita. UEFS. Feira de Santana. 2009. (Trabalho de conclusão de curso).

CAPÍTULO I

Caminhos cruzados: a Assembléia de Deus em Feira de Santana

Este capítulo visa analisar a presença do grupo pentecostal Assembléia de Deus em Feira de Santana a partir da leitura que o grupo fez do campo religioso feirense, reorganizando sua visão religiosa e de mundo, interagindo com a sociedade feirense e intervindo em seus aspectos culturais e sociais.

Antes de aprofundar estas questões faz-se necessária uma análise do protestantismo no Brasil, analisando sua relação com outros grupos religiosos, sobretudo os pertencentes ao catolicismo e às religiões afro-brasileiras, bem como perceber alguns aspectos centrais da organização social do grupo, a exemplo de sua noção de trabalho e interação social, de modo a entender melhor a formação e inserção da Assembléia de Deus em Feira de Santana.

Protestantismo no Brasil e na Bahia

Os trabalhos históricos sobre o protestantismo no Brasil passaram a adquirir forma científica[37], com o historiador francês Émile G. Léonard, quando da sua estadia no Brasil, na década de 1950, na Universidade de São Paulo, sendo uma extensão de seus estudos sobre a História da Reforma Protestante. *É a primeira tentativa de grande síntese e é o primeiro trabalho com*

[37] Até então os trabalhos sobre religião tinham caráter basicamente confessionais.

sistematização de fontes e preocupação com rigorosa documentação dos fatos[38].

A presença protestante no Brasil pode ser remontada, mesmo que esporádica e de caráter limitado, ao período colonial. Pode-se citar a presença dos huguenotes no Rio de Janeiro, no século XVI, e os calvinistas no Nordeste, no século XVII[39].

Contudo, apenas com a abertura dos portos brasileiros aos ingleses, em 1808, devido a dependência econômica de Portugal à Inglaterra foi que o protestantismo penetrou em terras brasileiras. O protestantismo teve sua entrada sistemática no Brasil com a transferência da família real portuguesa, em 1808. Nesta vinda há de se considerar os interesses britânicos, que mantinha relações políticas e comerciais com Portugal, buscando, com a transferência da família real, vantagens e definição de privilégios econômicos.

Desde então os protestantes buscaram se constituir e se fortalecer como uma das principais forças religiosas do Brasil, adentrando em diversos setores da vida social e política e incorporando novos valores em um País que tinha por *slogan* ser o maior País católico do continente.

A política migratória foi uma forma de penetração do protestantismo no Brasil. No início do século XIX ocorreu o fluxo de comunidades anglicanas, de origem britânica, e luteranas, de origem alemã, identificadas com o tipo de protestantismo de imigração por destinarem-se a satisfazer as necessidades religiosas de seus colonos, sem preocupação proselitista de conseguir novos membros em meio à sociedade brasileira.

A presença do protestantismo missionário no Brasil foi favorecida também pelo contexto nacional da necessidade de imigrantes e das disposições de boa vontade do Imperador Pedro II, como afirmou Émile Leonard:

> Essa atitude já positivista, de pretender servir-se da igreja no terreno social, sem um grande interesse por sua mensagem espiritual,

---

[38] Issac N. Salum em prefácio ao livro de Leonard. In: LÉONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro*: estudo de eclesiologia e história social. 3ª ed. rev. São Paulo. Aste, 2002, p. 16.

[39] Sobre a presença protestante no Brasil ver os trabalhos de SILVA, Elizete da. *Cidadãos de outra pátria*: anglicanos e batistas na Bahia. Tese de Doutorado. São Paulo. FFLCH-USP. 1998; TEIXEIRA**,** Marli Geralda. *Nós os batistas*... um estudo de história das mentalidades. São Paulo. FFLCH/ USP. Tese de doutoramento. 1983; SANTOS, Lyndon de Araújo. *As outras faces do sagrado:* protestantismo e cultura na Primeira República Brasileira. EDUFMA. SP. Ed ABHR. 2006; LÉONARD, 2002, op cit., dentre outros.

> deveria proporcionar grandes facilidades aos primeiros missionários protestantes, apreciados por D. Pedro II pelos seus conhecimentos e pelos serviços práticos que poderiam prestar. O proselitismo religioso desses missionários, não muito interessante aos olhos do Imperador, não representava, entretanto, para os direitos do Estado o mesmo perigo que o catolicismo, fervoroso mas ultramontano, dos padres vindos da Europa[40].

O impacto da presença protestante no Brasil ocorreu na segunda metade do século XIX com a instalação do protestantismo missionário, representado pelas denominações protestantes históricas – congregacionais, presbiterianos, metodistas, batistas, episcopais, dentre outros. Considera-se a Primeira Igreja Evangélica Congregacional do Brasil, fundada em 1858, como a primeira igreja brasileira de origem protestante missionária, devido ao batismo do primeiro brasileiro. Conforme Lyndon Santos:

> As comunidades organizadas a partir da segunda metade do século XIX diferenciam-se do protestantismo de imigrantes pelo fato de congregar brasileiros conversos. Não era a intenção dos imigrantes expandir sua fé aos brasileiros, mas preservar sua cultura e identidade étnicas. Uma forma dessa preservação foi a permanência das liturgias celebradas na língua alemã nativa. A partir dos anos de 1850, o protestantismo construiu justificativas teológicas para o seu proselitismo entre os brasileiros[41].

Na Bahia, tivemos a presença dos presbiterianos na década de 1870. Os primeiros grupos batistas se instalaram em 1882, fruto do evangelismo e avivamento religioso norte-americano. Pode-se considerar que foi na Bahia que os protestantes, especialmente batistas, iniciaram uma atividade missionária mais intensa. Elizete da Silva descreveu a escolha missionária pela Província baiana *além de preocupação essencialmente religiosa, fatores econômicos, geográficos e de comunicação foram decisivos para a eleição da Bahia, como lugar estratégico para o estabelecimento da denominação batista na Bahia*[42].

---

[40] LÉONARD, 2002, op.cit., p. 54.
[41] SANTOS, 2006, op.cit., p. 29.
[42] SILVA, Elizete da. *A missão batista independente*: uma alternativa nacional. Dissertação de mestrado. Salvador. UFBA. 1982, p. 79.

As origens pentecostais

O contexto de formação do pentecostalismo ocorreu justamente em um momento de insegurança social do fim do século XIX, início do século XX. Era vivenciada uma onda de desemprego, que podia ser medida em nível mundial, com os efeitos da Revolução Industrial. A religião teve assim seu papel de conforto social.

> O pentecostalismo toma o nome do incidente que está na origem da Igreja Cristã, a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes, e se vê como um retorno às origens... Não há muita idéia de desenvolvimento, pois tudo já está contido no evento paradigmático original[43].

Observa-se que o pentecostalismo tomou eventos narrados na Bíblia para justificar sua formação. Em grande medida não levou em consideração contextos sociais e culturais que justificaram seu aparecimento e força em um período em que o protestantismo histórico reinava entre os reformados. Esta fundação a-histórica pesou na consideração pentecostal em manter-se, em grande medida, presa aos seus costumes e tradições pela tentativa de negar ou não aceitar mudanças sociais.

Freston abordou a concepção que os pentecostais tinham da História, na qual os *eventos posteriores se reduzem virtualmente à expansão geográfica, ou seja, às origens em outras cidades. Não há muita idéia de desenvolvimento, pois tudo já está contido no evento paradigmático original*[44].

O marco da formação pentecostal esteve relacionado com a expectativa de fim de mundo com a virada do século, remetendo, consequentemente para uma maior religiosidade popular. Levou a fenômenos como a glossolalia, que remetia ao falar em línguas estranhas. Tal fenômeno foi atribuído à intensa oração e manifestação de fé. Relacionava-se ao movimento de santidade ("holiness"). Sua evidência relacionou-se ao batismo no Espírito Santo.

---

[43] FRESTON, Paul. Breve história do Pentecostalismo. In: ANTONIAZZI, Alberto... (et al). *Nem anjos nem demônios*: interpretações sociológicas do pentecostalismo – Petrópolis, RJ. Vozes, 1994, p. 69.
[44] FRESTON, 1994, op. cit., p. 65.

Diversos autores remetem a baliza de formação do movimento pentecostal internacional ao trabalho de W. J. Seymour, um garçon negro, nascido escravo nos EUA.

> Em 1906, Seymour foi convidado a pregar em Los Angeles pela pastora de uma igreja negra "holiness". Lá a glossolalia fez sucesso e ele alugou um armazém para sua "Missão de Fé Apostólica". A novidade e a localização favorável (Los Angeles era a cidade que mais crescia no país, com muitas minorias étnicas e ethos de fronteira) logo atraiu os brancos, mas a liderança de negros e de mulheres é marcante nos primórdios do pentecostalismo[45].

Emílio Conde também atribuiu a formação pentecostal ao incidente ocorrido em Los Angeles, na Califórnia, e mencionou outras formas de avivamentos pentecostais:

> Podemos citar também os avivamentos ocorridos na Suécia em 1858, e na Inglaterra em 1740. Na América do Norte, podem-se mencionar os avivamentos no Estado de Nova Inglaterra em 1854, e na cidade de Moorehead, em 1892, seguidos dos de Galena, Kansas, em 1903, e Orchard e Houston, em 1904 e 1905, respectivamente[46].

Contudo, pelo fato de Emílio Conde ser um jornalista e evangélico da AD, não atribuiu o sentido e contexto social dado por Freston. Limitou-se apenas a dados relacionados aos milagres e ações divinas. Não apontou os conflitos ocorridos por um negro estar à frente do movimento pentecostal. Foi em razão disto que se formou a Assembléia de Deus norte-americana, quase exclusivamente branca, em oposição à Igreja de Deus em Cristo, exclusivamente negra.

Devemos ressaltar que a religião define e redefine seu caráter a partir das condições socioculturais em que se insere. No caso, o protestantismo implantado no Brasil acompanhou tais mudanças. Os espaços de relações sociais foram deixando de ser apenas o interior das congregações. Os protestantes foram sistematicamente alcançando as ruas, a mídia e a política, acompanhando as transformações da sociedade. Bourdieu indicou que:

---

[45] FRESTON. Paul. *Protestantes e política no Brasil*: da constituinte ao impeachment. Tese de doutorado. Unicamp. S.P. 1993, p. 67.

[46] CONDE, Emílio. *História das Assembléia de Deus no Brasil*. RJ. CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus). 2 ed. 2000, p. 21.

> O conjunto das transformações tecnológicas, econômicas e sociais, correlatas ao nascimento e ao desenvolvimento das cidades e, em particular, aos progressos da divisão do trabalho e à aparição da separação do trabalho intelectual e do trabalho material, constituem a condição comum de dois processos que só podem realizar-se no âmbito de uma relação de interdependência e de reforço recíproco, a saber, a constituição de um campo religioso relativamente autônomo e o desenvolvimento de uma necessidade de "moralização" e de "sistematização" das crenças e práticas religiosas[47].

Progressivamente estes especialistas religiosos (pastores, presbíteros, diáconos) foram conquistando espaços, antes de domínio quase exclusivo dos católicos, com seu corpo sacerdotal. Tal como os católicos (dominantes na instituição eclesiástica), os protestantes buscaram participar das relações de poder na sociedade brasileira.

O protestantismo nas terras de Sant'Anna: a presença da Assembléia de Deus

A presença protestante em Feira de Santana remonta ao final do século XIX com a presença de missionário presbiteriano Chamberlain.

> Em 1889, o Reverendo G. Chamberlain distribuía Bíblias e folhetos evangélicos e realizava cultos públicos. Conforme a Folha do Norte, em uma dessas atividades *é vaiado o pastor protestante Chamberlain, cidadão norte-americano, ao iniciar na praça João Pedreira uma conferência de propaganda religiosa. A polícia intervém no sentido de dispersar os agressores, que retornavam de uma procissão. Estabeleceram-se correrias e tumultos. Feridos, a pedra, diversas pessoas" (Folha do Norte, 24/03/1940, p. 4).*[48]

O casal de neozelandeses Roderick e Isobel Gillanders estabeleceram o primeiro núcleo protestante *organizando-o para arregimentar fiéis e expandir a*

---

[47] BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo. Ed. Perspectiva, 1974, p. 34.

[48] SILVA, Elizete da. *Protestantismo Ecumênico e realidade brasileira*. UEFS. Feira de Santana. 2007, p. 128. (Trabalho de Professor Pleno).

partir desta cidade a sua ação evangelizadora à micro-região, até então com um inexpressível número de protestantes[49].

A presença protestante nas terras de Sant'Anna começou de forma tímida e resistente, como relatou a missionária Isobel Gillanders em suas memórias. A missionária não deixou de relatar os conflitos provocados pela Igreja Católica, quando do início da presença protestante em Feira de Santana, que tentava impor sua supremacia e influência política para expulsar os recém-chegados missionários. O grupo protestante fundou a Igreja Evangélica Unida, com templo próprio e não apenas em locais improvisados, em 1937. Mesmo com a construção de templos, era uma forte prática protestante a pregação em casa de fiéis e simpatizantes que convidavam os pastores a realizar cultos em suas casas.Em 1966 passou a chamar Igreja Evangélica Fundamentalista.

A pregação em Feira de Santana iniciou-se com a atividade de venda de Bíblias, a colportagem, idêntica que o assembleiano sueco Daniel Berg realizou no Pará, nas primeiras décadas do século XX. Atividade comum aos missionários estrangeiros que no País aportavam. Para a missionária Gillanders, os primeiros anos de pregação foram de muitas dificuldades, principalmente pela perseguição católica, a qual ficou identificada nas memórias da autora como "o inimigo". Compreende-se, assim, uma díade entre o protestantismo, como o bem, a luz, e o catolicismo, o mal, as trevas, como foi evidenciado na afirmação ao comentar o trabalho de pregação *numa cidade hostil e perversa – verdadeiramente uma cidade do inimigo*[50]. Conforme a seguinte passagem:

> O padre agora estava resolvido a expulsar da cidade o missionário e seus auxiliares. Sua primeira tentativa foi convocar o prefeito e os vereadores para negociar com eles se concordariam com seu pedido, mas eles não aceitaram. Seu próximo movimento foi requisitar a polícia para coagir seus inimigos, porque ele julgava ser. Outra vez seu pedido foi rejeitado duramente, porque um poder maior do que ele estava sob controle[51].

---

[49] GUIMARÃES, Tarcísio Farias. *A expansão protestante em Feira de Santana (1935 – 1995)*. Feira de Santana. Texto não publicado, s/d, p. 2.
[50] GILLANDERS, Isobel. *A história inacabada*. Tradução: Lélia V. Fernandes. Feira de Santana. Ed. Planzo. 1990, p. 22.
[51] GILLANDERS, 1990, op. cit., 1990, p. 26

Ficou também manifesto que a “proteção divina” garantiu a permanência do casal missionário pelo fato deles seguirem ao “Deus correto”, que não era o do catolicismo com suas práticas equivocadas e ausência de leitura da Bíblia, livro sagrado que identificavam como regra de fé e prática.

A fundação do grupo pentecostal assembleiano foi com os missionários suecos. Juntamente com outros fiéis estrangeiros e brasileiros fundaram o grupo pentecostal da AD a partir do cisma com a Igreja Batista, assumindo primeiramente a designação de Missão de Fé Apostólica, em 1911. O nome Assembléia de Deus foi dado, aproximadamente, em 1917. A fundação do Pará se espalhou pra outras cidades. A fundação da AD em Salvador foi em 1930 e em Feira de Santana, 1938:

> Os primeiros novos convertidos em Feira de Santana foram batizados no rio Paraguaçu, na cidade de Cachoeira, pelo pastor José Moreira e Silva, que naquele tempo cuidava do trabalho em Feira de Santana. Os primeiros batizados com o Espírito Santo foram Maria Júlia e o irmão Prachedes. Dentre os primeiros pastores contavam-se Jorge Monteiro da Silva e Manoel Joaquim dos Santos. No pastorado desse último fundou-se o orfanato mantido e ministrado pelas Assembléias de Deus[52].

As pregações assembleianas em Feira de Santana podem ser remontadas ao ano de 1936, com a figura de José Carlos Guimarães, um negociante de animais que para Feira de Santana se dirigiu no intuito de vender o produto e aproveitava para exercer a evangelização.

A partir da presença de José Guimarães, os trabalhos de pregação assembleianos aumentaram em Feira de Santana.

> No mês de janeiro de 1937, o Pastor Firmino Lima, juntamente ao irmão José dirigem um culto na Praça dos Remédios e o culto inaugural foi dirigido no mesmo dia... Naquele tempo, segundo o irmão José Carlos Guimarães, não havia nenhuma Denominação Evangélica, sendo a Assembléia de Deus a pioneira. O irmão Firmino Lima não participou do culto inaugural, pois necessitou regressar. Assim estava lançada a primeira semente pentecostal nas terras de Feira de Santana.[53]

---

[52] CONDE, 2000, op.cit., p. 174.

[53] FERNANDES, Rogério Armentano. *65anos*: jubileu de ferro. Resumo do Histórico da ADEFS (1938 – 2003). Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Feira de Santana – Ba. 2003, p. 4.

O memorialista Presbítero Rogério Armentano Fernandes não comentou a presença da Igreja Fundamentalista, de iniciativa do casal Gillanders, no início dos anos 1930. Mas, de fato, a primeira denominação organizada e de caráter pentecostal foi a Assembléia de Deus.

A fundação, com a construção do primeiro templo da Assembléia de Deus de Feira de Santana ocorreu em 1938, por doação da "irmã" Amália Nascimento, sistematizando as atividades de evangelização. Desse período até seu Jubileu de Ouro, comemoração dos 50 anos, a denominação cresceu qualitativamente, alcançando a marca de quase dez mil membros[54], em 1988, e fisicamente, possuindo 11 sub-campos: Antônio Cardoso, Bonfim de Feira, Humildes, Jaguara, Jaíba, Lagoa da Caiçara, Matinha, Ouriçangas, Ponto de Serra Preta, Santanópolis e São José e um total de 160 congregações[55] (novos templos), em 2003.

Sobre a fundação assembleiana em Feira de Santana Sara dos Anjos relatou:

> Em Feira de Santana, a congregação central da Assembléia de Deus instalou-se em 1938. Posteriormente, foi construído um grande templo próximo à estação rodoviária, local de intensa movimentação de moradores da cidade, passageiros migrantes que se deslocavam para outras regiões do Estado e do País, especialmente para São Paulo. Feira de Santana, no período, não era apenas um grande centro comercial, mas uma cidade entroncamento, ligando por via de transporte terrestre o nordeste e o sudeste do País[56].

Ao longo de suas memórias, Gillanders comentou o crescimento protestante em Feira de Santana a partir da vinda de presbiterianos, batistas e congregacionais na cidade. Grupos que reconheceu como tipicamente protestante, mantendo, portanto, bons relacionamentos com os mesmos. Diferentemente das relações com os pentecostais que chegavam à cidade e entraram em disputa por fiéis. Não admitia certas práticas pentecostais, como o "falar em línguas estranhas". Pentecostais assembleianos eram vistos pelos missionários neozelandeses de forma negativa:

---

[54] FERNANDES, 2003, op. cit., p. 8. Esta estimativa é do grupo assembleiano de Feira de Santana.
[55] Idem., p. 13
[56] FERREIRA, Sara Silva dos Anjos. O papel da mulher na expansão e consolidação da Assembléia de Deus em Feira de Santana (1949 - 1980). Monografia. Feira de Santana. UEFS, 2008, p 36.

> Nosso pastor não tinha o Espírito Santo nem também falava línguas. Tendo sido enganados pelos pentecostais, que imediatamente os batizaram. Naquela ocasião 22 membros professaram sua fé. Estas notícias foram uma verdadeira decepção para nós e tristeza para os nossos corações. Tais experiências dentro de grupos cristãos são muitas vezes mais difíceis de aceitar do que a perseguição dos de fora[57].

Apesar de reconhecer os pentecostais como grupo cristão, não davam a eles os mesmos créditos que davam aos demais protestantes históricos, que comungavam, junto com eles, as mesmas práticas. Entre os pentecostais que a autora se referiu a ênfase foi sobre os da Assembléia de Deus, primeira Denominação pentecostal a chegar na cidade, na mesma década dos fundamentalistas, 1930.

Feira de Santana, na década de 1950, começava a abrigar um número cada vez mais crescente de protestantes, inclusive pentecostais que rapidamente foram crescendo numericamente e disputando espaços com católicos e com os membros das religiões afro-brasileiras.

O crescimento evangélico no Brasil está aliado ao processo de urbanização e ao crescimento de uma sociedade de massa. Neste contexto ocorreu o crescimento e expansão de denominações, como a Assembléia de Deus. *Começa quando a urbanização e a formação de uma sociedade de massas possibilitam um crescimento pentecostal que rompe com as limitações dos modelos existentes*, segundo Freston[58].

Os grupos evangélicos tiveram um maior crescimento no Brasil a partir da segunda metade do século XX. Período que coincidiu com o desenvolvimento urbano de Feira de Santana, acompanhado pelo aumento no setor comercial, de bens e serviços. O contexto urbano propiciou a expansão de estabelecimentos religiosos, especialmente pentecostais.

Tomando por base o trabalho de Elizete da Silva, *A Expansão Protestante em Feira de Santana*, compreende-se a importância que a religião teve para o conhecimento da sociedade feirense:

> Na medida em que se busca conhecer grupos organizados e segmentos da sociedade perscrutando os sentimentos religiosos, as

[57] GILLANDERS, 1990. op cit., 1990, p. 54.
[58] FRESTON, 1994, op.cit., p. 72.

relações com o sagrado e as representações sociais e políticas a partir das matrizes doutrinárias, uma contribuição fundamental está sendo feita para resgatar historicamente a sociedade feirense e suas relações culturais[59].

A religiosidade feirense: a Feira é de Sant' Anna

Ao observar-se pelo nome que leva: Feira de Santana, constata-se uma influência inegável do catolicismo sobre a cidade. Não é uma Feira de Oxalá, não é nem uma Feira de Jesus. É uma Feira de Sant'Anna.

Foi sob uma religiosidade católica que a cidade recebeu o nome de sua emancipação. Não poderia ser diferente em um País que teve o catolicismo como um dos elementos de sua colonização, no qual as alianças políticas, mesmo após as relações do Brasil com os protestantes ingleses, estavam em mãos de católicos. Afinal, o português católico continuava a ser o colonizador e a religião não deixou de ser um instrumento de poder, que contribuiu para solidificar e afirmar poderes, legitimar embates entre as classes e confortar os que eram oprimidos pelos poderes que o mesmo catolicismo apoiou.

Ao fazer um "resgate" das memórias feirenses, a autora Ana Angélica de Morais reforçou a imagem católica da cidade, presente nos costumes. Utilizando poemas de poetas feirenses, como Maria José Dantas Carneiro, publicados no Jornal Folha do Norte, registrou a presença do catolicismo na formação da cidade.

e então no meio da quentura
tudo se desfaz
mas o astro rei declina
e a noite vem tangida pela viração
e na noite semeada de estrelas
a gente se destrai
contemplando os astros
no passeio pelo firmamento

[59] SILVA, Elizete da. *A Expansão protestante em Feira de Santana* – 1935 a 1995. Projeto de Pesquisa, 2000, p. 04.

as sonoras vibrações do sino da igrejinha dos Remédios
capela pequena e toda
de simplicidade e pobreza[60]

No poema, a noite estrelada feirense entra em sintonia com a Igreja dos Remédios, um templo com arquitetura característica do catolicismo feirense. A este templo foi atribuído elementos típicos da construção simbólica do catolicismo, como simplicidade e pobreza, ou mesmo do adjetivo igrejinha, que reúne estes elementos de forma muito mais significativa e com maior impacto. À tradição sertaneja e da feira livre que compuseram o histórico feirense somam-se os costumes católicos:

> Há também em outros artigos e crônicas referências ao lado cultural, costumes e hábitos que caracterizavam bem a vocação sertaneja e rural aliada ao sentimento de festa e de fé do povo de Feira de Santana, os centenários desfiles da lavagem, levagem, procissões, carnaval, bailes pastoris, pregões, além das concorridíssimas boiadas que ainda atravessavam algumas ruas da cidade, na trajetória matinal, acordando os moradores com a sonoridade de seus aboios[61].

Os costumes católicos permeavam o imaginário dos feirenses. A Igreja Católica exercia uma unidade religiosa na cidade de Sant'Anna. Os protestantes que chegavam, portanto, eram recebidos estranhamente. Este não foi um aspecto único de Feira de Santana. Ainda mais ao pensar que os costumes eram naturalizados no cotidiano popular e que a sua desconstrução para a construção de algo novo gerava desconfianças e reações, como com a pregação do primeiro missionário protestante, Chamberlain, conforme informou Silva.

Pode-se verificar isto nas entrevistas, como na da assembleiana Norma Soares, que veio de família católica, com diversos costumes típicos do catolicismo popular e que após "abertura" para enfrentamento com seus preceitos religiosos adotou o pentecostalismo como sua nova opção religiosa, enfrentando, inclusive a oposição familiar. Fato este também de não se estranhar dada a predominância católica no imaginário feirense.

---

[60] MORAIS, Ana Angélica Vergne de. Resgate da memória literária de Feira de Santana. IN *Feira de Santana: seu passado, seu presente, seu futuro*. Feira de Santana: Associação Comunitária dos Amigos de Feira de Santana – ACAFS/ Universidade Estadual de Feira de Santana, 2000, p. 49.
[61] MORAIS, 2000, op. cit., p. 50.

> Quando eu aceitei Jesus eu tinha 12 anos. Meus pais eram muito católicos. Minha mãe retava, era rezadeira... Tinha aquela devoção. Então, eu era muito católica, era da irmandade de Coração de Maria... Aí eu não perdia novenas de maio, que eram as novenas de Maria. Morava ali no DNER. Todas as 6 horas quando eu ouço ainda o sino bater eu me lembro. Eu estava ali... E ainda levava a missa pra casa. Você podia passar por cima de mim no caminho eu não abria a boca pra ninguém não porque eu aprendi no catecismo isso. Levar a missa pra casa, aí eu fazia isso. Então, como é bom a gente receber estes convites... [62]

A conversão adquire um sentido divino. Por isto o significado do batismo corresponder a nascer de novo, nascer para a fé em Deus e não mais servir às coisas do mundo. Verifica-se que era inevitável uma reação da família tipicamente católica perante a mudança de postura em relação ao grupo religioso. Ainda mais quando se leva em conta que estas memórias se referem a uma Feira de Santana da década de 1950, em que a presença protestante estava reduzida a uns poucos representantes, tendo maior presença a Igreja Evangélica Unida, batistas históricos e a Assembléia de Deus.

As memórias de Norma Soares refletiram também a lembrança de alguns elementos típicos do catolicismo popular, como o "guardar a missa", o "tocar do sino", como elementos simbólicos que estruturam a relação do homem com a sociedade, servindo como elementos que ordenavam a vida cotidiana. A mudança de postura, ou seja, entrar em outro grupo significava uma nova representação, frente à realidade circundante, pois novos elementos passavam a ser utilizados em decorrência da conversão. O novo afetaria, sem dúvida, os elementos ao redor. Segundo Rubem Alves *converter-se é abandonar um discurso e adotar outro*[63].

Ao explicar a conversão a outro grupo religioso a irmã assembleiana não deixou de elencar elementos proféticos, típicos da visão de mundo protestante, sobretudo, pentecostal. A memória apesar de buscar elementos do passado mistura-se com o presente e os elementos do passado que ainda buscam se fazer úteis no presente. Verifica-se esta interação do passado no presente no relato da entrevistada.

---

[62] Entrevista com Norma Soares, membro da Assembléia de Deus, cunhada do falecido pastor Severino Soares, concedida ao autor em 19 de outubro de 2007.
[63] ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo. Ática. 1979, p. 54.

> Só que um dia eu profetizei. Veja só como foi que eu profetizei. Eu não queria ir pra Igreja naquele dia (se refere à Igreja Batista) só que mãe mandou eu ir. Foi nessa mesma Igreja que mãe deixava eu ir. Foi uma festa muito bonita que teve: - Eu pensei que você ia se decidir do lado de Cristo (disse Norma se referindo a pergunta da irmã batista). Eu disse assim: Não Dona Dina... Acho que no primeiro dia que eu for na Assembléia vou me decidir lá. Pra ver se ela nunca mais ia me chamar. Aí eu achei assim né. E com essa maneira que falei, então ela não mais me chamaria. Então ela não vai querer se decidir aqui, me deixava. E mãe não deixava ir pra Assembléia, então ela pegava e não ia mais me chamar... O primeiro dia que eu fui na Assembléia de Deus eu aceitei e eu não fui pra aceitar. Fui porque Marininha falou com mãe, me deixou e nós fomos. [64]

Conversão e profecia formam alguns dos símbolos utilizados pelo pentecostalismo, bem como o poder da oração. A crença no poder da oração foi outra perspectiva da conversão, assumindo função de profecia. Em entrevista com Marli Santana foi enfocado a necessidade da conversão para o bem-estar de homens e mulheres. E como as atividades desenvolvidas pela Denominação contribuíram para a expansão da obra assembleiana. A entrevistada expressou o imaginário mágico da conversão, em diversas passagens, entre as quais uma das narrações envolveu sua participação no Círculo de Oração, da Assembléia de Deus.

> Tinha um irmão que chamava Izídio, ele era carpinteiro, de Italegre, ele veio conduzido por alguns irmãos aqui pra Feira de Santana, por que era uma cidade mais evoluída em médicos e hospitais e um grupo das irmãs me passou pro Círculo de Oração... E o grupo que tinha era pequeno. Esse grupo orou, jejuou e Jesus realizou um grande milagre. A sua visão retornou por completo. Ele voltou pra sua casa, pro centro de sua família e continuou sua profissão durante muitos anos.[65]

Ou seja, a crença na conversão e na oração eram fatores que orientaram a organização religiosa. Sobre o Círculo de Oração e a função dele na estruturação interna, comentou Sara Ferreira ser o Círculo de Oração uma prática característica das Assembléia de Deus. *O Círculo é o encontro feito por senhoras, de moças, adolescentes que se reúnem sistematicamente para orar,*

---

[64] Entrevista com Norma Soares, concedida ao autor em 19 de outubro de 2007.
[65] Entrevista com Marli Santana, concedida ao autor em 11 de março de 2008.

fazer pedidos de oração e ler a Palavra de Deus[66]. Reforçou a autora a importância da oração para a Denominação.

Choque entre a religiosidade popular e os pentecostais

Não há como falar de religiosidade popular sem tratar de cultura, afinal a religião e a religiosidade são elementos da cultura e estão permeadas por ela, por conter práticas sociais e expressão da crença, conduta e visão de mundo de um grupo social. Segundo Roger Chartier[67] a cultura é a apropriação que um grupo faz a partir de sua leitura de mundo, que está relacionada a um contexto social específico. Esta apropriação ganha sentido na prática cotidiana do grupo.

Para Michel Vovelle[68] as representações populares se inserem em um processo de longa duração. Sem deixar de questionar o conceito de popular e sua validade nos últimos séculos, o autor questionou a permanência das práticas religiosas populares, típicas dos séculos XIII ao XVI, do século XIX aos dias atuais em meio à sua expansão urbana e industrial, que mercantilizou a religiosidade popular.

Para Renato Ortiz o mercado retirou o aspecto popular da religiosidade a transformando em bens de consumo[69]. Não se pode negar que houve um agressivo avanço capitalista, uma desestruturação da religiosidade popular, mas esta permaneceu em resistência às mudanças sociais. Paradoxalmente, incorporou elementos da sociedade em mudanças, o que seria uma contradição caso não ocorresse, pois a cultura popular, como a religiosidade popular, não é imóvel às transformações na sociedade. Pode a religiosidade

---

[66] FERREIRA, Sara Silva dos Anjos. *O papel da mulher na expansão e consolidação da Assembléia de Deus em Feira de Santana* (1949 - 1980). Feira de Santana. UEFS. 2008, p. 43. (Monografia de especialização).

[67] CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro. Bertran Brasil. 1990.

[68] VOVELLE, M. O popular em questão: a religiosidade popular. In: *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo. Brasiliense. 1991.

[69] In: ORTIZ, Renato. Religiões populares e indústria cultural. In: *Religião e Sociedade.* Rio de Janeiro, ano 3, n. 5. 1980.

popular não ter a mesma expressão de séculos longínquos, mas não morreu e sim adquiriu sentidos na sociedade com a qual se relacionou.

O protestantismo trouxe no seu bojo formas devocionais do mundo anglo-saxônico, que entraram em choque com a religiosidade brasileira, de base católica e com suas práticas populares, além das influências afro-brasileiras.

Lyndon Santos relatou os conflitos entre católicos e protestantes e suas devoções populares no Maranhão, e a Igreja Católica recusava ter seu patamar no mesmo nível de religiões acatólicas, já que o protestantismo era *um aglomerado de seitas dissidentes que se desapegaram do tronco católico*[70]. O protestantismo, por sua vez condenava as práticas heréticas da Igreja Católica. Estas críticas tomaram proporção maior com a presença pentecostal no País, no início do século XX, com o aumento da população evangélica.

Emílio Conde ao relatar a vinda da Assembléia de Deus para a Bahia não escondeu o preconceito e oposição às práticas católicas e as crenças advindas do candomblé como perniciosas, não deixando de destacar, como prática de todo bom "crente", a "vitória" da AD em terras brasileiras.

> O início do trabalho em Salvador não foi tarefa fácil. É conhecida de todos a grande idolatria que domina a cidade, cheias de Igrejas do catolicismo romano, onde imagens de escultura são cultuadas. Não menos numerosos são os terreiros e cultos pagãos de origem africana trazidos pelos escravos, cujo desenvolvimento mais acentuado ocorreu na Bahia[71].

O missionário sueco Daniel Berg, um dos fundadores da AD, juntamente com seu conterrâneo, Gunnar Vingren demonstrou, em suas memórias, as práticas religiosas brasileiras vinculadas à religiosidade popular católica. Forma de religiosidade esta absolutamente predominante no Brasil dos primeiros anos do século XX, mais ainda em aldeias e vilas afastadas, como as de Belém do Pará[72]. Sutilmente criticavam esse apego como causa dos males da carne e do espírito. Relatando um encontro com uma mulher agonizante:

---

[70] SANTOS, 2006, op.cit., p. 122.
[71] CONDE, 2000, op.cit., p. 170-1.
[72] BERG, Daniel. *Enviado por Deus*: Memórias de Daniel Berg. Rio de Janeiro. CPAD. 2000, p. 82.

> A enferma tinha as mãos cruzadas sobre o peito e o olhar fixo em um objeto entre as velas. Quando me aproximei, percebi que ela olhava para a imagem de uma santa, a qual todos dirigiam suas orações como último recurso e refúgio... Porém se ela cresse em Jesus podia estar certa de que ele a libertaria e a perdoaria, pois foi para isso que o filho de Deus morreu na cruz. Insisti com a enferma que a única coisa que ela deveria fazer era crer nessas verdades, para ser inteiramente liberta[73].

Portanto, o apego às imagens, típicas do catolicismo popular, era visto como falta de doutrina e conhecimento bíblico. A centralidade das Sagradas Escrituras foi um princípio protestante que os assembleianos trouxeram para o Brasil. Acreditavam que a leitura da Bíblia doutrinaria a população brasileira no sentido de abolir as práticas da religiosidade popular, consideradas pecaminosas.

Calendário festivo nacional e conflitos com o ideal de trabalho protestante

No início do século XX um dos conflitos que os protestantes, sobretudo os anglicanos, antigos donos de indústrias e grandes comerciantes na Bahia e em outras regiões brasileiras, encontraram foi uma abundância de dias festivos, que constantemente interrompiam a jornada de trabalho dos baianos, que se entregavam às festividades. Os batistas também criticavam esta situação, pois seria para eles as festas profanas um indício de degradação social. O conflito se acirrava pelo fato das festas terem uma origem católica. Assim, anglicanos e batistas acusavam os católicos de promover uma orgia social e impedir o desenvolvimento do País, que seria pela ética do trabalho e não por festas profanas.

Desta forma, os protestantes voltaram-se contra o catolicismo brasileiro, os feriados e dias santos, que tiravam os trabalhadores de seus postos de trabalho. Os batistas não consideravam que o catolicismo pertencesse à cristandade. Reafirmavam o progresso originário dos princípios evangélicos, que estavam em um patamar civilizatório superior ao dos católicos.

---

[73] BERG, 2000, op. cit., p. 84-5.

> A profusão de dias santos e festas católicas do calendário baiano, além de parecerem idólatras e desnecessários, se chocavam frontalmente com a ética do trabalho seguida pelos batistas, que concebiam o trabalho como uma ordenança divina e que o dia de descanso era necessariamente o domingo[74].

A respeito das festas religiosas populares na Bahia, Edilece Couto mostrou que as mesmas iniciavam no Dia de Todos os Santos e iam até o último dia de carnaval, portanto de novembro até fevereiro. As festas populares tinham, ao lado do sentimento de devoção religiosa, um aspecto profano, no qual se misturavam elementos do culto católico e africano. Como a autora afirmou era uma carnavalização das festas religiosas, tendo como participantes boa parte da população de cor, entre os quais estavam ricos e pobres.

Edilece Couto também destacou que a Igreja Católica não era passiva, ou totalmente passiva, aos festejos populares, tendo sido inúmeras as tentativas de impedi-las, não só no Brasil.

> A alegria proporcionada pela música e dança sensual no adro ou no largo em frente aos templos era vista pela Igreja como desordem e profanação. A Europa pós-tridentina realizou um combate aos inimigos dos cristãos – especialmente aos hereges e seus costumes. Houve uma satanização das manifestações populares, principalmente aquelas realizadas dentro do calendário das festas católicas[75].

Riolando Azzi[76] também abordou a tentativa do episcopado em controlar as irmandades católicas e as festas populares de caráter religioso, sobretudo as que ocorriam à noite, e que não seguiam os preceitos e organização eclesiástica, tornando-se uma ameaça à honra divina. O movimento de reforma religiosa que a Igreja tentou levar adiante obteve sucesso parcial, pois não conseguiu controlar grupos de leigos, não diretamente ligados ou dependentes das paróquias e dioceses.

O catolicismo, apesar de controlar algumas festas religiosas populares, ligadas ao culto dos santos de devoção, não conseguiu impedir outras de domínio religioso popular. Também a Igreja Católica não podia entrar

---

[74] SILVA, Elizete. Protestantismo e Religiosidade Popular. In: *Religiosidades, Misticismo e História no Brasil Central Brasília*. CEHILA, 2001, p. 339-40.

[75] COUTO, Edilece Souza. *Tempo de Festas*: homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940). Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Letras da UNESP. Assis – SP. 2004, p. 166-7.

[76] AZZI, Riolando. *O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular*. Petrópolis, Vozes. 1997.

constantemente em conflito direto com seus fiéis, apesar de alguns bispos o terem feito, perante a ameaça de outros grupos religiosos, com destaque ao protestantismo missionário, que procurava trazer ao seu seio membros ou aqueles que se afirmavam católicos, seja por meio de sua atividade missionária ou de crítica às práticas católicas, como as festas por eles promovidas.

Os assembleianos condenavam tais festas, pois segundo suas normas afetavam a moral do fiel, que deveria permanecer em sã conduta, bem como atentava contra os costumes e o pudor do fiel, que deveria se preservar, segundo as leis divinas.

Essas festividades aliavam duas práticas abominadas pelos assembleianos: o uso de bebidas alcoólicas e a liberação da sexualidade fora do casamento, terminantemente proibidas no conjunto normativo assembleiano. Tanto que a manutenção de centros assistenciais de recuperação de toxicômanos e o incentivo ao casamento entre fiéis estavam na organização normativa da Denominação.

Costumes e doutrinas da Assembléia de Deus de Feira de Santana

A AD teve, em sua formação, costumes e doutrinas bastante rigorosos quanto ao doutrinamento de seus fiéis. Esta foi a forma encontrada para manter a coesão do grupo, a moralidade, vinculando atitudes não dignas de um evangélico, segundo a conduta pregada, como pecado, decorrência da mundanidade. Por isso a necessidade de afastamento do mundo e dos seus estímulos, como a bebida e o apelo sexual.

Era intensa a disciplinarização de seus membros quanto às normas e costumes. Verificamos em ata nº 235, a exortação do Pastor Severino Soares, em exercício no período:

> Devemos ter cuidado, pois estamos diante de Deus. O nosso peso deve corresponder ao do Senhor, pois tanto no sentido material como no espiritual Deus está observando a nossa vida, pois ele nos convoca por todos os ângulos[77].

Na ata de nº 237 o Pastor Severino Soares recomendava a centralidade do texto bíblico e o rigor comportamental:

> Lembramos que aqui é lugar de encontro com Deus que os nossos caminhos devem ser enquadrinhados e só a Bíblia é toda ferramenta para uma vida... E frisou que a porta para o céu é estreita e por isso devemos negar a nós mesmos para irmos para lá[78].

Estas mensagens exortativas refletiam tanto a forma de conduta da Denominação, como atribuia aos pastores e fiéis a função de zelar não só por si, como pelos demais membros da comunidade religiosa. Havia uma preocupação explicitada nos *Livros de Atas* com a postura dos fiéis, sendo recorrente assuntos relativos a disciplinarização, suspensão, exclusão, reconciliação, formação de comissões para visitar fiéis suspeitos de "infração da lei cristã", afastamento da comunhão com os demais membros e pedido de perdão do fiel admitindo seu "desvio" e solicitando reconciliação com o grupo.

Em diversas atas, encontram-se registros de fiéis suspensos ou excluídos da congregação devido as vestimentas que usavam, inadequadas a um crente. Estas advertências serviam para homens, mas, principalmente para mulheres. Chamavam a atenção feminina ao corte e tintura do cabelo, a pintar as unhas, a depilar as pernas e sombrancelhas. Estas não eram atitudes dignas de uma cristã[79], conforme a ótica da Assembléia de Deus de Feira de Santana.

Na ata nº240 mulheres foram advertidas por cortar os cabelos, ficando proibidas de participar da ceia, ou seja, das comunhões realizadas para os membros e das decisões internas do grupo[80]. Tais ocorrências expressavam o modo de pensar e a forma de organização assembleiana no período. Na ata nº 251:

---

[77] *Livro de Atas da Assembléia de Deus*. Feira de Santana. 26 abr. 1978.
[78] Idem, 30 jun. 1978.
[79] *Livros de Atas de Assembléia de Deus de Feira de Santana*. Feira de Santana. 29 mar. 1974; 28 jun. 1974; 30 jun. 1978; 01 de set. 1978; 29 jan. 1979; 29 fev. 1980; 24 jun. 1983.
[80] Idem, 29 set. 1978.

> o pastor falou sobre a vaidade que está tomando conta de muitos e pediu a Igreja que orasse para Deus guardar a pureza de nossa Igreja, livrando-nos de Jezebel, e nos falou que devemos ficar embaixo do sangue de Cristo e zelarmos pela doutrina da Igreja[81].

A Jezabel citada pelo pastor era uma mulher do Velho Testamento, de origem fenícia, que pintava os olhos e desobedecia os princípios judaicos. No Novo Testamento, Jezabel aparece como a representação de uma prostituta. Portanto, cabia a mulher uma vestimenta adequada que cobrisse o corpo, símbolo do pecado, e sem ornamentações excessivas, como pintura e brincos, como conferimos em foto de um casamento no meio assembleiano.

Foto 1. Pastor Severino Soares realiza uma cerimônia de casamento. Acervo pessoal de Eber Soares.

Os membros que ingressaram em uma Denominação pentecostal construíram, além de uma nova relação com a sociedade, de batismo e do

[81] *Livros de Atas de Assembléia de Deus de Feira de Santana*. Feira de Santana. 26 jun. 1979.

mundo, uma relação com eles mesmo, de modo a si entender melhor, bem como a sociedade circundante. Por isso buscavam resistir às tentações veementemente condenadas pela AD, pois ser afastado da comunhão significava ficar excluído, não participar ou ter acesso às decisões do grupo religioso.

Ao analisar a construção do "self", autoconsciência, entre as mulheres que ingressaram no pentecostalismo, Sueli Souza identificou no diálogo e interação com o Espírito Santo uma forma de lidar consigo, com a família e com a sociedade pertencente.

> Vale então, salientar que a experiêcia do recebimento do Espírito Santo é a base comum que garante a certeza do vivenciado que ajuda na compreensão, seja em eventos extraordinários, seja cotidiano. Parece ser desta forma que o "Self-Totalmente-Outro" por sua capacidade de se ajustar a várias experiências, a uma gama de infinita variedade de tipos de "selves", tem se tornado agente catalisador e fonte de construção do "self" para pentecostais, especialmente mulheres aflitas.[82]

O espaço conquistado com a conversão não se resume a normas e costumes rígidos, mas uma forma de se encontrar, de entender seu cotidiano a partir da exeriência construída na comunidade religiosa, possibilitando uma afirmação e um situação de pertencimento. Por isso que muitas vezes as rígidas disciplinarizações eram aceitas de modo a manter a coesão interna do grupo.

Outro assunto discutido nas atas foi quanto ao espaço de sociabilidade do fiel. Mesmo estando em processo de transformação de aspectos da mentalidade evangélica havia a recomendação de andar em companhia de seus pares assembleianos, de modo a evitar a corrupção dos não convertidos à Palavra..

A normatização dos costumes era, portanto, forma da AD manter seu grupo coeso e submisso aos preceitos religiosos, sendo inclusive um meio de diferenciação entre os outros protestantes e a Igreja Católica, considerada liberal em suas práticas. A aparência do converso era fundamental para seu testemunho enquanto crente. As roupas, o modo de se portar, identificavam a

---

[82] SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. *Em diálogo com Deus*: a construção do "self" entre mulheres pentecostais. Salvador. UFBA. 2007, p. 246. (Tese de doutorado).

construção de uma identidade peculiar aos pentecostais assembleianos na sociedade feirense.

Clari Couto ao analisar os costumes e doutrinas da AD em Conceição do Coité, no semi-árido baiano, observou o rigor da sua ética comportamental assembleiana e que a Denominação se orgulhava de *distinguir-se de outros grupos religiosos pelo conservadorismo no campo dos usos e costumes que são impostos aos fiéis como emblema para sua permanência no grupo*[83].

Portanto, os costumes da AD acabavam por tomar uma dimensão maior que a própria doutrina do grupo. Os costumes eram uma interpretação da leitura bíblica, ou seja, das doutrinas. Racionalmente os costumes deveriam estar submissos à doutrina, mas na prática não aconteceu. Apesar da AD tratar os costumes como doutrina, ou muitas vezes dar mais atenção aos usos dos costumes, estes não podiam ser confundidos, conforme um líder assembleiano.

> "Doutrina, estritamente falando, é o ensino bíblico normativo, terminante, final, derivado das Sagradas Escrituras, como regra de fé e prática de vida, para a Igreja através de seus membros"; enquanto que "Costume é uma forma de expressão do porte, postura e comportamento social da pessoa ou congregação, confirmando ou comprometendo a doutrina bíblica, a moral e a ética cristã"[84].

A expansão da AD, deveu-se a este controle sobre o corpo e a conduta do fiel. Regina Novaes afirmou que o controle e a disciplina eram mais aceitos entre os membros das classes mais baixas, que formavam grande parcela da AD, por estes se sentir mais seguros e referendados perante a sociedade devido aos códigos rigorosos. Isto demonstra uma característica da comunidade religiosa. Os adultos formavam a maioria de seus membros. Para ser membro precisava ser batizado, o que ocorria, geralmente, após os 12 anos de idade, ou quando em faixa etária necessária para compreender o ato de conversão. Foi constatado pela autora as dificuldades para os jovens ingressarem na comunidade devido as *interdições ao fumo e a bebida e "as*

---

[83] COUTO, Clari. *Orar e vigiar:* o poder disciplinador da religião como representação do pecado na AD de Conceição do Coité, 1970 a 1990. UEFS. 2001, p. 71.
[84] GILBERTO, Antônio. Doutrina, usos e costumes. s/d. apud COUTO, 2001, op.cit., p. 83.

vaidades do mundo" também são apontadas como obstáculo para os jovens se converterem[85].

Contudo, havia um grande número de crianças e adolescentes congregados, ou seja, que frequentavam o grupo religioso mas não faziam parte do quadro de membros por ainda não terem condições de entender e aceitar o batismo, no geral filhos ou famíliares dos membros adultos.

As normas e doutrinas ao contribuir para a formação da visão de mundo do fiel interviu no modo deste se relacionar com a sociedade e a rejeitar certos aspectos dela, como ocorreu com a política. Tanto que quando da aclamação das lideranças para o apoio e a eleição do "irmão" candidato, geralmente pertencente aos quadro hierárquico denominacional, houve a rejeição de muitos fiéis por trazer no imaginário o ideal de política como contaminação e afastamento do sagrado.

Expansão e composição social

Os imigrantes suíços Gunnar Vingren e Daniel Berg chegaram ao Brasil, mais especificamente no Norte do País, no Pará, em 1911, e fundaram a Assembléia de Deus, construindo a perspectiva de uma "Igreja dos pobres", com base no contexto social de marginalidade populacional na Suíça, local de origem dos missionários e de Chicago, EUA, onde estavam antes de vir para o Brasil. Por outro lado, os pioneiros assembleianos, divulgavam sua mensagem entre a população de baixa renda e da periferia das cidades nortistas. A composição social assembleiana, em suas primeiras décadas de existência, continuou como comunidade de fiéis formadas, sobretudo por membros das classes mais baixas da sociedade brasileira.

> Ocorrem no Brasil, incessantes migrações das áreas rurais para as urbanas. Os homens do campo dirigem-se para as cidades e quase da noite para o dia aparecem áreas de favelas. A Assembléia de Deus prega o Evangelho para essas pessoas e muitas aceitam-no,

[85] NOVAES, 1985, op.cit., p. 72.

> aumentando o número dos que freqüentam as igrejas. Descobriu ela a nova receptividade entre essas massas migradoras[86].

O trabalho era essencial para a manutenção da ordem, por estar vinculado a uma ordem moral. Portanto, os assembleianos incentivavam o trabalho por parte dos seus fiéis, como modo de manter estruturada a comunidade e não pela riqueza material que o fiel poderia adquirir. O pentecostalismo assembleiano contrapôs à pobreza "material" sua riqueza "espiritual"[87]. O importante não era o *status* que o fiel poderia adquirir com o trabalho, mas que por meio do trabalho, juntamente com a doutrina espiritual, mantivesse conduta reta, de honesto trabalhador, de acordo com as normas do grupo religioso, "fazendo-o para a glória de Deus".

Complementando a importância do trabalho na organização assembleiana, Regina Novaes assegurou que *enquanto indivíduo que cada membro faz sua opção exclusiva por ser crente e passa a veicular uma identidade religiosa e, que deve transparecer "um bom testemunho de vida" e a disposição de "evangelizar outros"*[88]. Esta concepção advém da idéia protestante de uma virtude relacionada ao trabalho[89]. Este proporciona uma ética comportamental e um compromisso humano com questões realmente necessárias à vida.

Jessé de Souza, ao analisar a contribuição de Weber à interpretação do atraso brasileiro e a vinculação de progresso com o protestantismo, também vinculou a idéia da vocação ao trabalho como um sinal de certeza da salvação:

> Essa confere um sentido sagrado ao trabalho intramundano ao interpretá-lo como meio para o aumento da glória de Deus na Terra de modo a dar ao crente a segurança de que seu comportamento é não apenas "agradável a Deus", mas, acima de tudo, "fruto direto da ação divina", possibilitando a fruição do bem maior dessa forma de religiosidade, qual seja: a certeza de salvação.[90]

---

[86] READ, William R. *Fermento religioso nas massas do Brasil*. Eerdmans Publishing Co. 1967, p. 129.
[87] BOBSIN, Oneide *Produção religiosa e significação social do pentecostalismo a partir de sua prática e representação.* SP. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1984. (Dissertação de mestrado), p. 140.
[88] NOVAES, 1985, op.cit., p. 69.
[89] WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Martin Claret. SP. 2002.
[90] SOUZA, Jessé de. A Ética protestante e a Ideologia do Atraso. In: *O Malandro e o Protestante*: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira. Brasília. Ed UnB, p. 27.

O trabalho era um aspecto importante para a santificação, segundo os assembleianos. Significou um complemento à oração, pelo fato do crente não estar participando de atos considerados impuros e ocuparem seu tempo com atividades sadias ao corpo e ao espírito e não atividades maléficas, como os vícios do fumo e da bebida ou vaidades tolas para um cristão, a exemplo da moda que expõe o corpo.

A AD em sua formação inicial foi reconhecida como uma "igreja de pobres". Contudo sua membrezia ao longo dos anos incorporou membros de classes sociais mais favorecidas, em decorrência de seu crescimento e projeção, passando a ter um *intelectualismo pequeno-burguês*[91], seja pela sua postura conservadora e pela posição de controle social e busca de direcionamento de sua membrezia .

Segundo Freston, o crescimento numérico e social alcançado nas últimas décadas no País, bem como a instalação de poderosa gráfica e editorial, uma das maiores do País, entre diversos grupos religiosos distanciou mais a AD da qualificação de "igreja dos pobres". Contudo, ao observar a instalação da AD, sobretudo em cidades de pequeno porte, como Feira de Santana, fica visível o aspecto de *igreja dos pobres*, pois esta classe social compõe o principal filão de membros do grupo.

Jonatas Meneses em seu trabalho sobre a AD de Sergipe mostrou que o proselitismo assembleiano foi concentrado nas áreas mais pobres das cidades sergipanas e confirmou a preocupação com a salvação com base no "Espírito Santo".

> O proselitismo dos assembleianos dirige-se a uma parcela significativa da população, completamente desassistida, cujo discurso, com base em promessas de solução para os problemas imediatos como a cura de todos os tipos de doenças, desemprego etc.[92].

---

[91] FRESTON, 1993, op cit. Intelectualismo pequeno burguês refere-se a uma mudança de posição social da AD. Freston a distancia a AD da qualificação de "igreja dos pobres", com o crescimento numérico e social que a mesma alcançou nas últimas décadas no País.

[92] MENESES, Jonatas Silva. *A participação política da Igreja Evangélica Assembléia de Deus no Estado de Sergipe*: estratégias e ações para um projeto político. Salvador. UFBA, 1995, p. 23.

Abaixo, tabela das profissões exercidas pelos membros fundadores da Assembléia de Deus de Feira de Santana, como uma forma de compreender o universo social composto por seus primeiros integrantes.

TABELA 1

Profissões dos membros fundadores da ADEFS da década de 1950					
Atividade Primária		Atividade Secundária		Atividade Terciária	
Categoria	Número	Categoria	Número	Categoria	Número
Trabalhador rural	04	Oleiro	01	Doméstica	53
Lavrador	03	Carpinteiro	01	Comerciante	04
		Costureira	04	Pedreiro	05
		Britador	01	Pintor	01
		Doceiro	02	Negociante	04
		Fundidor	01	Amolador	01
				Motorista	02
Total	07	Total	06	Total	74
				Total geral	87

Fonte: Estatuto da Assembléia de Deus de Feira de Santana. O que se relacionava a transformação de produtos foi incluído como atividade secundária, mesmo que fabricado de forma artesanal.

É certo que a membrezia assembleiana não era composta apenas de membros das classes mais baixas. Com a expansão assembleiana pelo País, a partir da década de 1950, a AD aumentou o seu número de membros atraindo diversos grupos e composições sociais. Contudo, foram os membros das classes populares o contigente inicial mais denso da AD de Feira de Santana.

Em seu *Estatuto* de fundação, a AD contou com o número de 89 membros. Entre estes se destacou o Pastor Manoel Joaquim, que apareceu como ministro do Evangelho e Manoel Marques Souza, evangelista, atividades não atribuídas enquanto profissão.

As profissões listadas corroboraram o pertencimento social de seus membros às camadas mais baixas: pequenos comerciantes, domésticas, lavrador, trabalhador rural, carpinteiro, britador, fundidor, doceiro, costureira,

negociante, motorista, pedreiro, oleiro, amolador e pintor, reafirmando o modelo de “igreja dos pobres”.

No *Estatuto* da AD também verificou-se maioria feminina. As mulheres eram 58 dos 89 membros fundadores. Domésticas ou donas-de-casa compunham a maioria: 53 mulheres. As outras profissões exercidads pelas mulheres foram: costureiras, comerciantes e negociante. Entre os homens a maioria exercia atividades como: trabalhador rural, comerciante, negociante e pedreiro. Eram 18 dos 31 membros masculinos. Apenas 01 homem aparece como doméstico. O *Estatuto* não determinou se era dono-de casa ou empregado doméstico, como jardineiro[93].

A Assembléia de Deus formou-se como uma das principais denominações pentecostais do País. A rigidez e coesão interna trouxeram uma solidariedade ao grupo religioso, identificando-os entre si “como irmãos na fé”.

Outro aspecto a observar quanto a composição social relaciona-se com a cor. O pentecostalismo teve uma grande quantidade de negros em sua composição. A Assembléia de Feira de Santana era composta de uma maioria negra, conforme as fontes iconográficas trabalhadas ao longo do texto. No Censo Demográfico de 2000 a Assembléia de Deus de um total de 8.418.140 membros, tinha 4.591.531 negros, margem bem superior aos 3.699.014 brancos. Os demais declararam a cor ou raça amarelo ou indígena ou ficaram sem se declarar[94].

Apesar do rigor na aceitação de membros, o crescimento numérico durante as décadas de 1970 e 1980 foi constante. As mulheres correspondiam a mais de 70% desse número, conforme o *Livro de membros* da AD, que registrava os membros batizados na cidade, bem como os transferidos com carta de recomendação e mudanças, cartas que atestavam o pertencimento por batismo à Denominação. Em razão disto, o grupo contava com 41 congregações já no início da década de 80. Crescimento considerável, se comparado ao protestantismo histórico na cidade e no País.

---

[93] *Estatuto da Assembléia de Deus*. 15 set. 1956. O Estatuto foi datilografado e consta nome dos fundadores da AD em Feira de Santana.

[94] OLIVEIRA, Marco Davi de. *A religião mais negra do Brasil*: por que mais de oito milhões de negros são pentecostais. São Paulo. Mundo Cristão. 2004, p.102.

Outro aspecto importante que deve ser ressaltado foi o fato dos fiéis batizados corresponder a eleitores em potencial para os projetos políticos do grupo, seja para barganhar benefícios ou pleitear cargos políticos, desde que observada a hierarquia ocupada no grupo religioso.

Percebe-se pelos *Livros de membros da Assembléia de Deus*, o grande fluxo de pessoas advindas de diferentes localidades que vieram ou tomaram Feira de Santana como ponto de passagem pelo fato dela ser um cruzamento rodiviário de três estradas federais[95]. Os assembleianos que se dirigiam para Feira de Santana traziam consigo cartas de recomendação ou mudança, atestando que já era convertido e estava em comunhão com a Denominação a que pertencia antes de se deslocar. O uso das cartas de recomendação era comum entre os assembleianos. A procedência era a mais variada, contudo grande maioria que passava a residir em Feira de Santana era proveniente de outra localidade da Bahia ou do Nordeste.

Na Assembléia de Deus não era liberada tais cartas para ida dos fiéis para outra Denominação. Contudo, aceitavam cartas de fiéis vindos de outras comunidades evangélicas que não a Assembléia de Deus. Forma esta de manter o crescimento quantitativo e certo exclusivismo. Estas referências foram encontradas em livros de atas e de membros do grupo religioso. Utilizavam-se também de carta de reconciliação como forma dos irmãos demonstrarem arrempedimento por afastamento ou desobediência aos costumes e doutrinas. Verifica-se a utilização destas cartas em diversas situações. *Conforme Livro de Atas de Assembléia de Deus*:

> O pastor Severino Soares leu para igreja uma carta da igreja Evangélica Congregacional, apresentando-a na igreja, o irmão Manoel Castro Pereira, o caso foi levado a apreciação da igreja, vários irmãos se pronunciaram em favor do irmão, quando em observação da igreja para depois ser aceito na comunhão da mesma[96].

A ata de nº 240 apresentou diversos irmãos provenientes de São Paulo, de São Gonçalo dos Campos e Lagoa do Mato, os dois últimos distritos baianos[97]. Na ata de nº 264 encontramos irmão procedentes de regiões como

---

[95] Ver mapas em anexo.
[96] *Livro de Atas da Assembléia de Deus*. Feira de Santana. 01 fev. 1974.
[97] *Livro de Atas da Assembléia de Deus*. Feira de Santana. 29 set. 1974.

Camarana – Ba, Bom Princípio Caucaia – Ceará, Candeias – Bahia[98]. Na ata 265, carta de recomendação de irmãs que estavam retornando de São Paulo[99].

As atas 261 e 277 contém cartas solicitando reconciliação e mudança de membros da Assembléia de Deus:

> Uma o pastor Rodrigo Santana solicitava a carta de mudança do irmão Raul Neves e a outra, era o próprio Raul se dirigindo à Igreja, solicitando a sua aceitação no rol de membros e pedindo perdão à Igreja. Depois de ouvida várias opiniões sobre o assunto, ficou resolvido pela maioria dos membros presentes, o envio da carta de transferência do irmão Raul para Salvador.[100]"

> Também foi apresentada à Igreja uma carta vinda da Assembléia de Deus em Barueri – S. Paulo, solicitando desta Igreja uma carta de reconciliação para a irmã Erondi Oliveira Soares, a qual estava afastada da comunhão desta Igreja. Atendendo a pedido, a Igreja recebeu em comunhão, expedindo em seguida a sua carta de mudança[101].

As cartas de reconciliação era uma forma do "irmão" suspenso da comunhão demonstrar arrependimento e solicitar sua reintegração à comunidade que era aceita ou recusada pela avaliação dos demais membros. As cartas de recomendação, mudança e reconciliação também demonstram as normas rígidas do grupo religioso da Assembléia de Deus, assumindo o controle em diversos aspectos da vida do fiel, até seu deslocamento entre localidades diferentes. Forma também de assegurar a vigilância do convertido nos preceitos assembleianos, independente da congregação assembleiana que estivesse.

As cartas eram apresentadas nas reuniões ordinárias da congregação, a qual opinava sobre a aceitação, readmissão ou mudança do membro que fazia a solicitação para a AD de outra localidade. Esta era uma forma de, inclusive, os fiéis se sentirem importantes na construção de normas do grupo, saber e reproduzir as normas e penalidades que este impunha, contribuindo para o controle dos membros da AD. Os membros colaboravam, desta forma para a manutenção de uma identidade que passava pelo rigor comportamental da

---

[98] *Livro de Atas da Assembléia de Deus*. Feira de Santana. 03 jun. 1980.
[99] Ibidem, 25 jul. 1980.
[100] Ibidem, 28 mar. 1980.
[101] Ibidem, 26 jun. 1981.

comunidade religiosa. Sobre identidade entende-se *o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado*[102]. Em muitos casos a religião foi um fator determinante na construção da identidade

Feira de Santana foi estratégica para o fluxo migratório, pois acolhia pessoas advindas de diversas cidades do interior e próximas ao litoral, como de regiões mais distantes. Pessoas muitas vezes atraídas pelo seu comércio e indústria em desenvolvimento.

Nas décadas de 1970 e 1980 foi grande o fluxo migratório para Feira de Santana. *O crescimento urbano de 1970 para 1991, isto é, desde a construção do CIS ao seu declínio maior, variou de 131.707 para 348.973 habitantes*[103].

---

[102] CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo. Paz e Terra. Vol. 2. 1999, p. 22.
[103] SANTOS, Igor Gomes. *Na contramão do sentido*: origens e trajetória do PT de Feira de Santana – Bahia (1979 – 2000). Niterói. UFF. 2007, p. 51. Dissertação de mestrado.

Capítulo II

Pentecostais assembleianos em Feira de Santana: entroncamento sócio-cultural

Este capítulo visa fazer uma discussão sobre a cidade de Feira de Santana, tomando como foco o período de instalação da Assembléia de Deus de Feira de Santana, o final da década de 1930.

As transformações decorrentes do processo de urbanização da cidade, que reorganizou sua organização econômica, a partir da relocação da feira do gado e da feira livre para ambientes considerados “adequados” ao seu funcionamento e que prezassem, acima de tudo, para uma necessidade de higienização e embelezamento das ruas e praças da cidade.

Porém, o modelo modernizante, que buscou uma reorganização das atividades comerciais e mudou com a vinda do Centro Industrial do Subaé (CIS), foi acompanhado de um crescimento da população migrante, vinda do campo, seja na busca de condições de trabalho, não mais oferecida de forma suficiente à população, decorrente da dispensa de mão-de-obra, em razão do seu desenvolvimento tecnológico. Ou fugidas da seca, que atingiu em cheio o Nordeste, nos últimos anos da década de 1970 e foi particularmente violento na primeira metade da década de 1980.

Em meio a este processo de transformação na cidade, instalou-se as primeiras congregações da Assembléia de Deus, um dos primeiros grupos pentecostais a se instalar com sucesso na cidade de Sant’Ana, buscando se relacionar com a realidade local, interferindo e criando laços com a população, além de servir de apoio assistencial na falta de condições estruturais da cidade em atender a demanda de migrantes que chegavam em busca de melhores alternativas de vida. O censo do IBGE apresentou os seguintes dados para Feira de Santana:

TABELA 2: População de Feira de Santana

Década	População total	População rural	População urbana	Taxa de urbanização
1970	187.290.	55.583	131.707	70,3%
1980	291.504	57.887	233.616	80,1%

Dados do IBGE do censo demográfico de Feira de Santana nas décadas de 1970 e 1980.

Feira de Santana *localiza-se a leste do estado da Bahia, entre a zona da mata e o sertão, numa área de transição denominada agreste baiano. Quase sua totalidade (96% da área) está inserida no polígono das secas excluindo-se somente o distrito de Humildes*[104]*.* A cidade foi crescendo como arraial, ainda no século XVIII. Em 1819, foi elevada a categoria de povoado, com o nome Santana dos Olhos D'Água, tendo destaque a feira do gado e a figura do vaqueiro, que compôs o cenário feirense, outrora predominado pela presença indígena e negra. Alguns autores atribuem ainda a formação de Feira de Santana a partir do povoamento de São José das Itapororocas, em fins do século XVII.

Muito se discute sobre a formação da cidade de Feira de Santana. A bibliografia tradicional a classifica como uma cidade de formação comercial. O que pode ser analisado enquanto uma naturalização. Isto pelo fato do seu desenvolvimento urbano ter seguido molde comercial e, depois, industrial, atendendo aos interesses dos grupos dominantes. Ao revisar a formação histórica de Feira de Santana isto deve ser relativizado: questionamentos foram realizados por alguns historiadores que inquiriram sobre a formação de Feira de Santana[105].

---

[104] FREITAS, Nacelice B. *Urbanização em Feira de Santana*: influência da industrialização (1970-1996). Salvador: UFBA. 1998, p. 53.

[105] Ver os trabalhos de SILVA, Aldo José Morais. *Natureza sã, civilidade e comércio em Feira de Santana*: elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia (1833 – 1937). UFBA. Salvador. 2000. (Dissertação de mestrado). OLIVEIRA, Clóvis F. R. *De*

O trabalho monográfico de Larissa Pacheco propõe uma visualização do passado feirense como de pequenas propriedades agrícolas, sendo que as formas de ganho estariam em mãos de negros e indígenas[106]. Para isto Pacheco valeu-se do trabalho de Zélia Lima, reafirmando uma composição étnica de quilombolas para a região de São José das Itapororocas e áreas do Recôncavo Baiano.

> Podemos dizer que a feira dava conta de grande parte das trocas mercantis da região, era circundada por um conjunto de atividades agrárias, como a produção latifundiária de tabaco, como pequenas pastagens de gado para venda e corte, onde era locado um número relativamente pequeno de trabalhadores, grande número de indígenas, trabalhadores livres e escravos que sobreviviam da agricultura de pequeno porte e de atividades artesanais[107].

Aldo José Morais Silva demonstrou que a construção da cidade de Feira de Santana foi voltada aos ideais de uma cidade saudável, portanto adequada à boa vivência dos que a residiam, como aos que desejavam se instalar seja por questões pessoais ou interesses comerciais, o que contribuiu para a idéia de cidade civilizada e progressista, mesmo que negasse aspectos de sua natureza sã, ou seja, preservada dos efeitos modernos. O autor, ao analisar a formação de Feira de Santana enfatizou a atividade comercial como um dos seus principais aspectos de identificação, que estendeu como parte do histórico das cidades, em geral, por elas em *seus aspectos urbanísticos, sempre esteve associado ao favorecimento de suas funções econômicas, notadamente comerciais.*[108]

Ao discutir o desenvolvimento da cidade feirense, Silva destacou quando esta adquiriu valores científicos e modernizantes, analisando o intuito da elite feirense de comparar a cidade às grandes metrópoles como já aparecia nos versos e prosas de seus poetas.

---

empório à princesa do Sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893 – 1937). Salvador. UFBA, 2000. (Dissertação de mestrado); LIMA, Zélia. Lucas Evangelista: O Lucas da Feira. Estudos sobre a rebeldia escrava em Feira de Santana/ 1807-1849. UFBA. Salvador. 1990. (Dissertação de mestrado) PACHECO, Larissa. *A feira e a nova Feira*: tradição, costume e conflito (1967 – 1977). Feira de Santana. UEFS. 2008. (Monografia), SANTOS, Igor Gomes. *Na contramão do sentido*: origens e trajetória do PT de Feira de Santana – Bahia (1979 – 2000). Niterói. UFF. 2007. (Dissertação de mestrado).

[106] PACHECO, 2008, op. cit., p. 21-2.

[107] Idem, p. 29.

[108] SILVA, Aldo José Morais, 2000, op. cit., p. 75.

> Esta cidade de Eurico Alves é caracterizada pelas 'largas estradas', sua paisagem iluminada pelas 'lâmpadas elétricas' e riscada por 'máquinas velozes' e suas 'sirenes'. É a imagem de uma cidade que se quer metrópole e que, como metrópole, vislumbra com entusiasmo a 'movimentação do bairro comercial', a multidão que serpenteia pelas ruas (largas) da cidade, emblema da vida urbana, tal qual nos grandes centros, quem sabe até mesmo lembranças desejosas de um longínquo Rio de Janeiro, São Paulo.[109]

Clovis Oliveira trabalhou a existência de duas cidades, duas Feiras de Santana, uma antes da urbanização, ou seja uma Feira de Santana pastoril, sertaneja e outra Feira de Santana, modernizada e comercial.

> O contexto criado a partir da tensão entre os dois fatores gera uma nova gramática urbana. Se até então a cidade era uma espécie de quintal das grandes fazendas, na qual eram realizadas semanalmente as feiras. Esse quadro deveria mudar. Nas palavras de um contemporâneo era "preciso que as luzes do progresso se abram sobre a Feira". Nesse sentido, as posturas municipais começam se dirigir contra determinados hábitos, visando modelar uma nova visão do urbano e antigas práticas passam a ser normalizadas como indesejáveis no cotidiano da cidade, tudo em nome do progresso[110].

Uma tensão foi criada pela elite governante da cidade, que negava valores, tradições, mesmo que alguns desses valores fossem reapropriados em seu favor. Vivenciou, portanto, uma Feira de Santana, que de um lado, buscava valores típicos da sociedade de consumo, modernizada e urbanizada e as heranças tradicionais, que de um lado deveriam ser extirpadas, mas de outro, ficaria como as lembranças de um nostálgico passado pastoril.

Com o desmembramento de Cachoeira, em 1832, Feira de Santana passou à categoria de vila e, em 1873, à de cidade, com denominação de cidade comercial de Feira de Santana[111]. Segundo Rossine Cruz:

> Sua posição geograficamente privilegiada facilitou tanto o crescimento de atividades produtivas e terciárias no município, quanto seu crescimento populacional, implicando reorganização dos espaços para usos produtivo, comercial e residencial, no campo e na cidade[112].

Devido a sua posição geográfica, como um local de passagem, *cortada em todas direções, por estradas, fator primordial de seu desenvolvimento,*

---

[109] SILVA, Aldo José Morais, 2000, op. cit., p. 187-8.
[110] OLIVEIRA, 2000, op. cit., p. 41.
[111] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 05 set. 1974, p. 3.
[112] CRUZ, Rossine Cerqueira da. *A inserção de Feira de Santana (BA) nos processos de integração produtiva e de desconcentração econômica nacional*. Campinas. SP, 1999, p. 277.

sendo passagem obrigatória de quem desce do Norte ou quem sobe do Sul[113], e sua relativa proximidade de Salvador, Feira de Santana teve seus primeiros impulsos. A feira do gado se estabeleceu como uma das primeiras atividades a ser praticada no arraial e foi o fator mais importante na economia da cidade, sendo a força propulsora para o desenvolvimento de outras atividades econômicas, a exemplo do artesanato do couro e agricultura. *Negociavam-se, além do gado bovino, mulas, jumentos, carneiros, cabras, porcos, galináceos e ovos, frutas, verduras e artigos de manufatura doméstica*[114].

A trajetória de Feira de Santana, como afirmava a revista quinzenal *Panorama da Bahia,* estava relacionada à existência da feira do gado e da feira livre. Estes deram um tom de uma Feira de Santana que começou a se diferenciar a partir da década de 1950, com empreendimentos modernos que começaram a vir com mais força à cidade:

> Quem viveu em Feira de Santana antes da década de 50 certamente tem histórias pitorescas para contar em relação à feira do gado, que semanalmente se realizava com mais ênfase na cidade. Freqüentemente as boiadas passavam pelo meio da rua e quando um animal se desgarrava da boiada era aquele corre-corre, num clima de pavor e algazarra. Quando a feira se realizava ainda no local onde hoje é a praça Agostinho Fróes da Mota, não havia currais, vez que os animais eram 'pastorados' e 'rodeados' pelos próprios vaqueiros. Por isso, vez por outra também acontece correria para trazer os animais de volta pro rebanho.[115]

A *Revista Panorama da Bahia* abordou estes aspectos pitorescos, como a mesma afirmou, com uma visão saudosista, porém tais transformações foram necessárias à medida que a cidade foi organizando sua atmosfera urbana. A feira do gado, abrigada no centro da cidade, abriu espaços para outras atividades comerciais, mais adequadas ao centro urbano e se dirigiu para áreas mais afastadas, como o Campo do Gado, já nos limites da Feira de Santana, na periferia da cidade.

Os pentecostais interagiam com as mudanças ocorridas e não estavam à parte das atividades rurais. Integravam a parcela da população que retirava dela sua sobrevivência. Conforme o *Estatuto da Assembléia de Deus*, havia os

---

[113] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 24 out. 1974, p. 3.
[114] CRUZ, 1999, op.cit., p. 204
[115] *Revista Panorama da Bahia*. Feira de Santana. 20 ago. 1987, p. 20.

que desenvolviam atividades agrícolas e que possuíam comércio ou eram negociantes.

Foto 2. Modernização em Feira de Santana. Imagem do Jornal Feira Hoje para retratar o desenvolvimento urbano de Feira de Santana. Note no centro da imagem a pavimentação da rua e no canto direito da imagem uma alusão a figura do vaqueiro cedendo espaço para o urbano. *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 14 mar. 1983, p. 5.

Junto à feira do gado, formou-se uma feira livre, que logo se tornaria uma das principais feiras do Norte e Nordeste do Brasil. A feira livre funcionava às segundas-feiras, na atual Avenida Getúlio Vargas, até a década de 1970, e atraía um enorme contingente populacional. Segundo Rollie Poppino:

> O estudo do comércio, em Feira de Santana, não ficaria, contudo, completo, sem uma notícia da feira semanal. Esse mercado, em Feira de Santana, é que permitia aos residentes da região circunvizinha uma oportunidade pra vender o gado em pé e os produtos agrícolas e para comprar as utilidades necessárias, que não poderiam obter onde residiam... Em 1950, a compra e a venda do gado vivo e da produção agrícola ainda predominavam na feira[116].

[116] POPPINO, Rollie. *Feira de Santana*. Ed. Itapuã. Bahia. 1968, p. 241.

A feira livre deu impulso à cidade de Feira de Santana, construindo a sua visão de cidade comercial. A proximidade da região metropolitana de Salvador facilitou o escoamento de boa parte de sua produção agrícola e de carnes.

Rossine Cruz reafirmou essa posição de Feira de Santana como centro de convergência comercial. Observou que *os movimentos de articulação comercial e de integração produtiva do capital nacional que utilizaram e criaram – e por isto mesmo tornaram este espaço privilegiado para facilitar a circulação do capital*[117]. Ou seja, a cidade recebeu investimentos estatais e federais, a partir da década de 1960, com o processo de desconcentração econômica das grandes capitais. Com esta análise, Cruz avançou em comparação a Poppino.

Feira de Santana: uma modernização "forçada"

A posição de grande cidade comercial e os impulsos industrializantes geraram processos modernizantes e urbanísticos em Feira de Santana, sobretudo, nas décadas de 1970 e 1980.

A industrialização feirense não eliminou as tradições da feira livre nas áreas centrais da cidade. Foi uma tentativa que não obteve sucesso total. Não era apenas os feirantes e populares os interessados em manter a feira livre, mas a aristocracia da região não queria ter seu poder à margem do surto industrial em Feira de Santana. Sobre a questão, Santos constatou o seguinte:

> Tentava-se consolidar em Feira de Santana uma nova hegemonia, que colocasse um obstáculo ao domínio agro-mercantil nas relações sociais feirenses. Este projeto ficou expresso na insistente proposição pelos políticos da ARENA na eleição de João Durval, considerado como o político da industrialização feirense, em oposição aos políticos do PSD, considerados como os representantes das elites rurais[118].

[117] CRUZ, 1999, op.cit., p. 233.
[118] SANTOS, 2007, op. cit., p. 50.

O desenvolvimento industrial feirense ocorreu em plena ditadura militar, que através das políticas de desconcentração econômica e da posição estratégica de Feira de Santana[119], aliado a formação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE serviu ao projeto industrial na referida cidade[120].

A elite governante de Feira de Santana pedia passagem, por meio de uma postura que não respeitava as tradições, aliada às práticas ditatoriais. Portanto, forçada a uma urbanização modernizante, que encontrou apoio em outros segmentos da sociedade, inclusive em projetos sociais como a Associação Feirense de Assistência Social (AFAS) e o Serviço de Integração de Migrantes (SIM), dirigido pelos presbiterianos progressistas em trabalho ecumênico, que contava com apoio de católicos, espíritas e outros grupos evangélicos.

Elizete da Silva fez referência ao trabalho ecumênico desenvolvido na AFAS e no SIM, que tinha como propósito ser uma resposta aos problemas sociais da cidade, através do encaminhamento de migrantes e mendigos ao mercado de trabalho e conscientização dos mesmos, em uma lógica capitalista, própria da perspectiva de mundo protestante.

> Os jovens seminaristas da década passada (1950), agora pastores, tinham diante de si a realidade concreta da região feirense, contraditoriamente próspera e miserável pela grande atração que exercia sobre a população pobre e desempregada do Nordeste, que chegava à cidade em busca de sobrevivência e oportunidades. A teologia ecumênica e contextualizada, que aprenderam teoricamente, era um desafio na práxis cotidiana da sociedade feirense.[121]

Ou seja, havia o interesse de atuação, na recuperação e reinserção social de grupos marginalizados em Feira de Santana, atendendo interesses dos poderes públicos, de limpeza e adequação da cidade aos seus interesses comerciais e industriais, próprio das grandes metrópoles. Buscava-se, assim, forjar sua origem comercial e de caráter europeizante. A *Princesa do Sertão*, entrava na rota de uma cidade moderna e progressista. Como eram pensados os próprios projetos urbanísticos do período.

---

[119] Ver mapa em anexo.
[120] CRUZ, 1999, op.cit.
[121] SILVA, Elizete da. *Protestantismo Ecumênico e realidade brasileira*. UEFS. Feira de Santana. 2007, p. 131-2. (Trabalho de professor pleno).

Sobre urbanização, Eloísa Petti Pinheiro comentou que a organização das cidades transformou a área rural, com a dominação das classes citadinas sobre as rurais. O que se constata em Feira de Santana, suscitando *práticas geradoras de cultura urbana*[122]. Pinheiro afirmou que as cidades são reflexos do tempo, ideologias, políticas e da própria sociedade:

> Nas cidades brasileiras, a reforma urbana realiza-se em princípios do século XX, constituindo o ápice de um longo processo que começa, a partir da metade do século XIX, a mudar a imagem das áreas urbanas, a fim de adaptá-las aos novos ideais modernos e higiênicos, decorrentes do avanço científico, de novas tecnologias e de novas ideologias. Com o advento das modernas teorias urbanas, pois muda-se a forma de estruturar, de pensar, de ver e de viver a cidade[123].

Essa modernização e urbanização que chegavam à cidade era, em muitos aspectos, inspiradas de grandes cidades brasileiras, como Rio de Janeiro e a própria Salvador[124], que tiveram seus processos de urbanização nas primeiras décadas do século XX. O Rio de Janeiro, por ser uma das primeiras cidades brasileiras a sofrer estes efeitos, serviu como um espelho a diversas outras cidades. Contudo, o referido modelo citadino de oposição campo e cidade não se aplicava a Feira de Santana, que buscou, em sua almejada e conturbada urbanização, a aliança conflituosa entre o tradicional e o moderno.

---

[122] PINHEIRO, Eloísa Petti. *Europa, França e Bahia*: difusão e adaptação de modelos urbanos. Salvador. EDUFBA. 2002, p. 22.
[123] PINHEIRO, 2002, op.cit., p.25.
[124] Ainda sobre a modernização em Salvador, ver: LEITE, Rinaldo, *A rainha destronada*: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas. PUC – SP. São Paulo. 2005. UZÊDA, Jorge Almeida. *O aguaceiro da modernidade na cidade do Salvador*. Salvador. UFBA, 2006; PINTO DE AGUIAR, Manoel. Notas sobre o enigma baiano. Salvador. *Planejamento*, Vol 5, N. 4, Out./ Dez., 1997.

Foto 3. A tradicional feira. O modelo urbanístico pensado para Feira de Santana não comportava a existência de uma feira livre em meio ao centro da cidade, o que levou a sua mudança parcial para o Centro de Abastecimento. *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 14 mar. 1983, p. 5. (foto de 1975)

Na tentativa de modernizar a cidade, a tradicional feira livre, espalhada por grande parte da Avenida Getúlio Vargas, foi transferida para a chamada Central de Abastecimento de Feira de Santana, o Centro de Abastecimento. Visava limitar o comércio a uma única área, de modo a manter a higiene do local, bem como atender aos interesses modernizantes. Sobre a Central de Abastecimento, Cruz abordou:

> Esta nova organização da feira permitia a manutenção de laços culturais, comerciais e mesmo produtivos, que se renovavam semanalmente e que se viam ameaçados pelas novas práticas comerciais e industriais dos anos 70. Ou seja, a nova Central era a própria feira semanal redimensionada, reestruturada e realocada em espaço adequado, mantendo os antigos e permitindo o acesso de novos feirantes, criando outras oportunidades de emprego e pequenos investimentos no comércio e nos serviços[125].

Por ter formação de economista, escaparam a Cruz alguns aspectos dessa interessante afirmação. A antiga feira livre, ao se mudar para o Centro

[125] CRUZ, 1999, op.cit., p. 237.

de Abastecimento, trouxe fissuras e desagregação na organização dos próprios feirantes, que se viram divididos a ir para o novo local, principalmente por ficarem mais distanciados do centro da cidade e pelo fato da nova organização implicar um trabalho semanal. Desta forma, laços culturais e de sociabilidade se perderam, ou afrouxaram, pois o trabalho de muitos desses feirantes não se limitava à venda de produtos, mas também ao plantio, criação ou confecção. O mesmo paralelo pode ser traçado em relação à mudança da feira do gado para o Matadouro às proximidades distrito de Jaguara, em Feira de Santana. A *Revista Panorama da Bahia* mais uma vez fez alusão a este desenvolvimento:

> Primeiro foi a feira-livre da avenida Getúlio Vargas, que foi transportada com toda a sua beleza e tradição para o Centro de Abastecimento, ora entregue ao povo feirense. Agora, comerciantes de gado, boiadeiros, vaqueiros, fateiras, magarefes e artesãos se preparam para dar adeus ao Campo do Gado, ponto de atração turística e de resistência a minoria sócio-cultural de Feira de Santana. A comercialização do gado na região que data da metade do século XIX, quando pecuaristas das mais longínquas regiões para cá se deslocaram com suas boiadas para este fim, originou a primeira fonte econômica do povoado: uma feira de gado. Antes, o Campo do Gado ocupou outras praças da cidade, conseguindo, ao longo do tempo, manter-se coesa as suas tradições, caracterizando a região como sendo de economia agropecuária.[126]

Foi corrente a discussão de adaptação da cidade às novas condições modernizantes que se impuseram. A *Revista Panorama da Bahia* se inseriu no coro da necessidade de desenvolvimento social e econômico de Feira de Santana que não comportava mais antigas atividades econômicas de sustento da região. Foi além, ao afirmar que tais atividades integravam minoria da população e que suas tradições podem ser preservadas em novos locais pré-estabelecidos. Contudo, os novos locais pouco favoreceram a população, tanto os feirantes, quanto os consumidores.

Quanto aos espaços, pode-se considerá-los adequado na ótica dos que programaram. Um exemplo disto foi o projeto do Centro de Abastecimento, bem como o matadouro, mas não na ótica da maioria dos vendedores e da população que consumia os produtos. Por fim, o espaço não foi bem planejado, pois não conseguiu evitar a sujeira e problemas higiênicos visados pelos arquitetos urbanistas e da qual foi alvo a extinta feira livre. O planejamento da

---

[126] *Revista Panorama da Bahia*. Feira de Santana. 10 fev. 1986, p. 28.

Central de Abastecimento não levou em conta que muitos destes trabalhadores não tinham uma regularidade na antiga feira livre.

O *Jornal Feira Hoje* tratou do problema e se posicionou criticamente em relação ao Centro de Abastecimento. Não que o jornal fosse contrário a este modelo urbanístico, mas que o mesmo não conseguiu tirar os vendedores das calçadas e bairros da cidade, além de manter a tão incômoda falta de higiene. Assim, surgiram notícias como *Todos estão contra o Centro* e *Deficiências do Centro de Abastecimento provocam novas feiras:*

> O Centro de Abastecimento de Feira de Santana, funcionando desde 1977, não vem atraindo os comerciantes ambulantes e a feira livre está voltando às ruas centrais, principalmente à Marechal Deodoro, praças João Pedreira e da Bandeira, onde grande parte da população está comprando flores, alimentos, frutos e miudezas... Enquanto isso os compradores também apóiam a feira livre, "porque além de ser mais fácil de se realizar a compra, não temos que enfrentar as ladeiras do Centro de Abastecimento, além da sujeira", revelou uma senhora que não quis dizer o nome, porque é funcionária pública[127].

Verifica-se que o projeto do Centro de Abastecimento enfrentou forte resistência popular, que já havia acostumado com as feiras livres no centro da cidade. Não por um aspecto que envolvesse a tradição, ou aspectos culturais, mas pela facilidade com que encontrava os gêneros alimentícios. O Centro de Abastecimento, em sua etapa inicial, não teve a organização planejada:

> Resistindo à mudança do hábito de comprar os gêneros alimentícios livremente em meios a um amontoado de feirantes desorganizados e sem perfeitas condições higiênicas... uma verdadeira explosão de feirantes, vindos de todas as partes do Estado, superlotaram o Centro de Abastecimento, transformando-o em um pandemônio capaz de afugentar os consumidores... Para Manoel Marques, superintendente, "o problema está existindo porque o Centro de Abastecimento foi construído sem nenhum planejamento sobre a quantidade de feirantes que trabalhavam eventualmente (sábado e segunda-feira) na feira livre[128].

A instalação do Centro Industrial do Subaé

Feira de Santana sofreu uma mudança em sua fisionomia, de forma mais acelerada em razão da instalação do Centro Industrial do Subaé – CIS,

---

[127] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 07 fev. 1979, p.3.
[128] Idem. 26/ mar. 1979, p. 3.

um centro de convergência com capacidade de oferta de bens e serviços. Forma esta de descentralizar a "vocação" agropecuária e comercial da cidade.

Segundo Nacelice Freitas, a localização da cidade entre o litoral e o sertão exerceu influência nas condições econômicas que possibilitaram a instalação do complexo industrial[129]. Este complexo, instalado durante o governo de João Durval na prefeitura, serviu como atração populacional de outras regiões e do Nordeste que engrossava o número de migrantes, que por sua vez já era alta em razão da posição de Feira de Santana, como privilegiado entroncamento rodoviário. O *Jornal Feira Hoje* estimou, em 1974, uma população de 150 mil pessoas na sede e 200 mil no município[130].

As características comerciais e geográficas de Feira de Santana, aliadas ao período de desconcentração produtiva no País, tiveram como incentivador a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE. Cruz explanou que o Plano de Desenvolvimento Local Integrado – PDLI reconheceu a necessidade de criação de um distrito industrial em Feira de Santana.

> Tradicionalmente ligado ao comércio, com sua sustentação na agropecuária, a economia do município passou por um processo de transformação a partir do Centro Industrial do Subaé (CIS), implantado na década de 70, na época do chamado 'milagre' econômico.[131]

O CIS serviu como área industrial de apoio ao Centro Industrial de Aratu (CIA), em Simões Filho, área metropolitana de Salvador. A cidade feirense teve, com o CIS, um crescimento na produção de bens intermediários como resultado do processo de integração e consolidação produtiva. A indústria feirense teve uma alta até 1977, passando uma crise nos anos posteriores.

> O debilitamento do Estado nacional e as mudanças tecnológicas, financeiras e estruturais, dos últimos anos, contiveram o processo de desconcentração industrial iniciado nos anos 70. A quase ausência de políticas compensatórias, por sua vez, tem aumentado a tendência à desestruturação das economias da periferia nacional[132].

---

[129] FREITAS, 1998, op cit.
[130] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 24 out. 1974, p. 3.
[131] Idem. 16 jun. 1983, p. 6. (caderno especial)
[132] CRUZ, 1999, op.cit., p. 316.

Contudo, o crescimento da indústria local foi acompanhado da expansão de atividades terciárias e da urbanização. O comércio se beneficiou com a presença das indústrias na cidade. Isto levou a um ideário de urbanização, que ganhou mais força nas tintas do *Jornal Feira Hoje*.

> O contexto urbano, como se vê, ainda requer um amplo processo de reformulação. Do ponto de vista paisagístico, um completo planejamento visual, abrangendo novas definições plásticas para ruas, praças, fachadas antigas, calçadas, etc, muito poderia contribuir para suavizar as atuais deficiências estéticas da cidade. Assim, obras de arte passariam a integrar o cenário urbano, numa opção que, evidentemente, dependeria da compreensão da comunidade e do trabalho de artistas plásticos, arquitetos, economistas e comunicadores visuais[133].

A crise enfrentada pelo CIS atravessou fins da década de 1970 e início da década de 1980, sendo encontrada solução com sua transferência do controle municipal para o controle estadual. do governador João Durval, o PDS, conseguiu a transferência da autarquia.

Era incentivada a necessidade de crescimento urbano na cidade, não só em mudanças organizacionais e estéticas, com avenidas amplas, ruas arborizadas, mas, sobretudo, na economia. Em nota o *Feira Hoje* comentou a presença em Feira de Santana de um setor tradicional e outro moderno no comércio, sendo que o setor tradicional não era bem visto. Contrastava com a visão do jornal de unir o moderno e o tradicional ao se referir aos aspectos dos costumes feirenses fincados no campo:

> Atualmente, o comércio se encontra em fase de transição, com dois tipos de comerciantes bem definidos. Uns que buscam manter a tradição. Esses vivem presos ao passado. Mantém o seu comércio praticamente estagnado, relacionado à velha clientela, preso a laços de amizade. O outro tipo de comércio acompanha bem de perto as novas técnicas de venda, estabelece cursos, monta uma administração compatível com a hora presente e recorre aos mesmos métodos utilizados nos grandes centros[134].

No entanto, apesar das insistências, o modelo de desenvolvimento feirense, mesmo se observando ao longo deste período a instalação em Feira de Santana da Universidade Estadual de Feira de Santana e do Observatório Astronômico Antares, considerados pelo *Jornal Feira Hoje,* marcos do

---

[133] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 05 set. 1974. Terceiro caderno, p. 1.
[134] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 16 abr. 1974, p.6.

desenvolvimento urbano e da modernidade, foi deficitário. O processo de desenvolvimento, sobretudo o industrial não foi acompanhado de infra-estrutura adequada, principalmente no que se refere à estrutura social, o que levou ao aumento do número de invasões e favelas. As dinamizações que se esperava de um parque industrial eram maiores do que realmente trouxe o CIS, tanto no desenvolvimento das atividades terciárias, quanto no atendimento populacional.

> Com o êxodo rural, em função da expectativa de emprego na indústria, o município não pode mais suportar essa demanda. Surgiram sub-habitações, surgiram invasões e sobre este aspecto houve um prejuízo, mas sobretudo porque o CIS não teve o desenvolvimento que deveria ter.[135]

A estrutura fragilizada do CIS não teve condições de atender a grande massa migrante que buscava empregos, estabelecendo diversas favelas na cidade que se pretendia referência de modernidade por suas lideranças urbanas.

O trabalho junto aos migrantes foi, em larga escala, desenvolvidos por grupos religiosos presentes na cidade, sobretudo, protestantes, que serviram de apoio para a crescente massa desempregada e desamparada que ocupava as ruas feirenses. A situação levou as negociações entre as lideranças políticas locais e os grupos derivados do protestantismo. Os protestantes buscavam visibilidade e defesa dos seus interesses dada a expressividade que vinham alcançando no espaço urbano feirense, sobretudo os da periferia, com maciça presença pentecostal, como a Assembléia de Deus.

Pentecostais, as invasões e o crescimento demográfico em Feira de Santana

A mudança do campo para a cidade foi bastante significativa na década de 1950, se intensificando nas décadas de 1970 e 1980. Contudo, Feira de

[135] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 16 jun. 1983, p. 3. (caderno especial)

Santana não teve condições de atender adequadamente a população migrante que para ela se dirigiu. A crise econômica, na década de 1980, afetou o País, acentuando o processo caótico de urbanização, como informou a *Revista Panorama da Bahia* em fins da década de 1980.

> A cidade possui mais de 500 mil habitantes e um déficit habitacional estimado em 17 mil unidades – ou quase 100 mil sem-tetos, amontoados em casebres de população, plástico ou taipa em mais de 30 invasões, muitas delas sem os mínimos serviços básicos. Atualmente, apenas 19 por cento da população, ou seja, menos de 100 mil habitantes, moram na zona rural.[136]

A este dilema enfrentado pelos migrantes da zona rural feirense somaram-se os migrantes vindo de outras áreas do Nordeste, que passavam uma temporada, até conseguir ir a outros lugares, especialmente a São Paulo e Rio de Janeiro, ou se fixavam em Feira de Santana. Mais adiante complementou o jornal:

> A questão habitacional ficou completamente abandonada durante o processo de industrialização do Brasil. Na fase inicial, devido à grande necessidade de mão-de-obra, chegou a haver estímulos para a construção de casas populares. Com o fim do 'milagre' econômico, acabaram esses investimentos. Mas não se freou o processo migratório.[137]

Em trabalho sobre a questão da negritude, na Denominação Batista Maranata, no distrito Grajaú, área periférica de São Paulo, Cristina Pereira analisou o desenvolvimento industrial como favorável às migrações sendo o Rio de Janeiro e São Paulo área mais favoráveis *devido aos seus potenciais de acumulação da produção industrial, o que permitiu uma diversificação da atividade fabril, beneficiando primeiramente a região sudeste do Brasil* [138]*.* Desta forma, muitos migrantes nordestinos buscavam em São Paulo uma melhoria nas condições de vida, sendo o Grajaú composto *principalmente por migrantes nordestinos.* [139]

---

[136] *Revista Panorama da Bahia*. Feira de Santana. Segunda quinzena de julho. 89, p 19.
[137] *Revista Panorama da Bahia*. Feira de Santana. Segunda quinzena de julho. 89, p 19.
[138] PEREIRA, Cristina Kelly da Silva. *A história de um silêncio*: um estudo de caso sobre questões da negritude em uma comunidade batista da periferia da cidade de São Paulo. São Bernardo do Campo. Universidade Metodista de São Paulo. 2008, p. 21-2. (Dissertação de mestrado).
[139] PEREIRA, 2008, op. cit., p. 42.

> A partir desse momento São Paulo passa a ganhar fama de ser uma 'terra de oportunidades' e a imagem do Nordeste passa a ser construída como um lugar inviável, um lugar de mazelas, seca e pobreza. Como resultado, entre os anos de 1930 e 1950, um milhão e quinhentos mil trabalhadores nordestinos migraram para a capital paulistana, incentivados pelo governo Federal e Estadual. Essa mudança geográfica significava uma busca de realização de sonhos e ascensão social. Mas muitas vezes esse novo lugar significou uma outra forma de exclusão social.[140]

Portanto, muitos dos nordestinos, dentre os quais pentecostais, que foram para outros Estados brasileiros, a exemplo dos estados do Sudeste, dado ao seu nível de industrialização, mas não conseguiram emprego ou melhoria das condições de vida retornavam ao Nordeste. Contudo este fluxo não cessou. Dos nordestinos que se estabeleceram em São Paulo, muitos foram atraídos pela mensagem religiosa dos grupos evangélicos, como constatou Cristina Pereira em relação a Denominação Batista Maranata, que foi fundada no distrito em 1982.[141]

A localização geográfica de Feira de Santana era favorável para estes deslocamentos migratórios. Contudo, a mesma não tinha capacidade estrutural para atender a tantos migrantes, como abordou Albertino Carneiro, ex-padre, que trabalhou na AFAS, no SIM e no MOC[142]:

> Por sua localização privilegiada em termos de rotatividade servindo de entrocamento para vários lugares, Feira serve de 'ponto de apoio' daqueles que saem de outros Estados, para aqui fincar raízes sem, contudo, ter consciência da falta de condição estrutural da cidade que se dirigem. [143]

> Vem o boi, sai o homem – compara Albertino, em clara referência à utilização das terras para a pecuária, principalmente a de corte, que necessita de menor contingente de trabalhadores. Com a desativação das terras ocupadas pela agricultura, além do crescente processo de grilagem em todo o Nordeste, o fluxo migratório foi elastecido de maneira descomunal. [144]

Para atender parte dessa população, a cidade tinha seus planos habitacionais, como a Urbis (que atendia a classe média) e a Planolar e a João de Barros (que atendia, principalmente, a classe mais empobrecida). Porém,

---

[140] PEREIRA, 2008, op. cit., p. 23.
[141] Idem. op. cit., 2008, p. 51.
[142] SILVA, Elizete da. *Protestantismo Ecumênico e realidade brasileira*. UEFS. Feira de Santana. 2007, p. 162 (Trabalho de plenitude).
[143] *Revista Panorama da Bahia*. Feira de Santana. 05 a 19 set. 85, p 13.
[144] *Jornal Feira Hoje*, 05 set. 1985, p. 9. (caderno quatro).

não eram suficientes. Os serviços sociais, como a AFAS e o SIM também não tinham capacidade para atender a grande demanda migrante e de “favelados” como eram denominados a população em extrema pobreza, que invadiam casas dos planos habitacionais ainda não ocupadas pelos proprietários, mas acabavam sendo a solução utilizada para atenuar o problema.

> A Associação Feirense de Assistência Social (AFAS), fundada há mais de 18 anos pelo governador João Durval, quando prefeito desta cidade, tem como objetivo amparar o mendigo residente em Feira, preparando-o para o retorno à sociedade. A AFAS funciona hoje com muito sacrifício, não impedindo que a mendicância seja um problema social da cidade. [145]

Apesar de o jornal atribuir a João Durval a fundação da AFAS, esta foi fruto do trabalho ecumênico de presbiterianos progressistas. O poder público cooperou com a formação da AFAS, mas não partiu dele tal iniciativa.

Antes da AFAS foi fundado um centro social denominado Associação Feirense de Assistência a Mendigos (SEFAM), Com a participação do assembleiano Gerson Gomes da Silva, com o Pastor Fileto Barreto, da Segunda Igreja Batista, e com o Pastor Antônio Limeira Neto, da Igreja Fundamentalista. Este trabalho filantrópico de Gerson Gomes foi iniciado com o missionário americano Rogério Perkins, em atividades do programa internacional “Alimento para a Paz, no qual distribuía cestas básicas à população feirense carente”[146].

As Igrejas evangélicas de feira de Santana recebiam e redistribuíam os donativos, que eram enviados de um programa dos EUA, *Alimento para a Paz,* e a destinava para populações carentes da cidade. Foi um programa organizado na década de 1960 pelo governo dos EUA para barrar a influência cubana.

O trabalho filantrópico dos protestantes na SEFAM foi durante o mandato do então prefeito Francisco Pinto, no ano de 1963, até seu impedimento de continuar na prefeitura, em virtude do regime militar. Período em que Gerson Gomes desenvolvia uma atuação política junto às lideranças feirenses.

---

[145] *Jornal Feira Hoje*, 05 set. 1985, p. 14. (caderno quatro).
[146] Entrevista com Gerson Gomes concedida ao autor em 13 de outubro de 2005.

> Eu na época era chefe de assistência social na prefeitura, no governo de Pinto... O trabalho que eu vinha desenvolvendo com esse serviço de assistência social foi impedido e aí foi em outra etapa iniciado seu desenvolvimento através do pastor Josué Melo que abriu a AFAS... Ele organizou a AFAS porque a SEFAM tinha sido desestabilizada.[147]

Em memória biográfica sobre a trajetória política dos vereadores de Feira de Santana, Lélia Vítor Fernandes de Oliveira apontou a organização da AFAS, *com uma estrutura mais eficiente e ampliada*[148] que a anterior (a SEFAM).

Ao analisar o trabalho dos protestantes progressistas junto aos migrantes que vieram para Feira de Santana, seja por razões de fuga da seca, falta de trabalho com a maquinização do campo, esperança de arranjar emprego no CIS, ou mesmo estar na cidade de "passagem", Charlene Brito abordou a transformação da SEFAM, com a estruturação da AFAS, que adquiriu *caráter ecumênico em 1967*[149].

Foi o pastor presbiteriano Josué Melo, com apoio de outros religiosos, o responsável pela AFAS, como também pela estruturação do SIM (Serviço de Integração do Migrante). Contavam com o apoio do poder público local e de entidades religiosas.

> Essa obra desenvolvida pelos líderes ecumênicos de Feira de Santana tinha o trabalho como finalidade última, na qual a ação pedagógica – fundamental na capacitação e moralização do profissional que era conduzido ao mercado de trabalho nascente – ligada a ética do trabalho entremeada e influenciava no processo de escolarização e treinamento do mendigo e do migrante dentro do SIM.[150]

Tanto a AFAS como o SIM funcionavam como paliativo para os fugitivos da seca e do desemprego, porém não tinham condições suficientes de atender a maioria da população, nem de encaminhar todos ao mercado de trabalho, além de enfrentar a resistência de muitos mendigos e migrantes, que negavam a ajuda "domesticadora" destas entidades religiosas**,** que mais uma vez se

---

[147] Entrevista com Gerson Gomes concedida ao autor em 08 de fevereiro de 2008.
[148] OLIVEIRA, Lélia V. Fernandes. *Inquilinos da Casa da Cidadania*. Feira de Santana. Fundação Cultural Egberto Costa. 2006, p. 112
[149] BRITO, Charlene J. *Presença protestante progressista em Feira de Santana*: um trabalho ecumênico de ação social (1970 – 1990). Feira de Santana. 2008, p. 50. (Trabalho de conclusão de curso).
[150] BRITO, 2008, op. cit., p, 43.

mostravam dispostas a ajudar aos poderes públicos. Decorrente do aumento da população no centro da cidade, a prefeitura de Feira de Santana, sob a direção de José Falcão, colaborou com o trabalho da AFAS no sentido de "limpar" a cidade da mendicância e do grande número de pessoas morando nas ruas. Não conseguindo, evidentemente, em sua totalidade.

A AFAS recebeu apoio municipal desde sua instalação. Em reunião da Câmara Municipal, em 1975, o vereador José Ferreira Pinto (ARENA) criticou a redução da verba orçamentária destinada a AFAS, sendo que as despesas da mesma eram maiores que a receita, ao que foi rebatido pelo vereador Hermes Sodré da Silva (MDB), que comentou a desorganização que estava a entidade. *Continuando, declarou que não era contrário a que a Prefeitura conceda verbas à AFAS, mas que há funcionários que ganham mais de quatro mil cruzeiros na referida entidade*[151]*.* Ao que Antonio Carlos Coelho *declarou que era dever desta casa fiscalizar a aplicação das referidas verbas, para que se dê uma verba substancial aquela entidade*[152]*.*

Em reunião subseqüente, os vereadores retomaram a discussão do envio de verbas para a AFAS, tornando esta uma questão política. Segundo o vereador Nilton Bellas Vieira a diretoria da AFAS *era quase toda composta de pessoas militantes na ARENA*. Continuando, o então vereador emedebista *declarou não ser possível que uma entidade de caráter filantrópico tenha diretores remunerados. Concluindo disse ser oportuno o presente Requerimento e por isso dava o seu integral apoio ao mesmo*[153].

Ou seja, o emedebista Bellas Vieira, concordava com uma destinação justa de verbas, que atendesse às necessidades da AFAS. O assistencialismo não era apenas característica peculiar dos políticos evangélicos, mas também da sociedade brasileira e da política desenvolvida no País. A crítica de alguns vereadores era à direção arenista da entidade, aliados do regime ditatorial. Sendo corroborado pelos também emedebistas Dival Figueiredo Machado, o qual declarou que o único político militante na AFAS era o Sr. Itaracy Pedra Branca e Antonio Carlos Coelho, que mais uma vez se referiu aos aspectos partidários:

---

[151] *Atas da Câmara de Vereadores.* Feira de Santana. 05 nov. 1975. p. 41.
[152] Idem. 05 nov. 1975. p. 41.
[153] Idem. 06 nov. 1975. p. 44.

> Declarou que quase toda a diretoria da AFAS era arenista. Continuando o orador disse ser válido o presente requerimento, enfatizando que os diretores da AFAS deveriam dar a oportunidade também aos emedebistas para auxiliar o trabalho de assistência social naquela entidade[154].

O emedebista assembleiano Gerson Gomes, um dos fundadores da SEFAM, que foi substituída tempos depois pela AFAS, abordou *sua participação na assistência social no governo do Dr. Francisco Pinto. Continuando, declarou que a AFAS é uma sociedade eminentemente política*[155]*.* Ou seja, a discussão passava pelo crivo partidário e a entidade também participava do jogo de poder local, pois a solicitação de aumento de verbas para a AFAS foi atendida e o questionamento sobre os ganhos ou não da secretaria e diretoria de uma sociedade filantrópica foram silenciadas em atas posteriores.

Os planos habitacionais também não eram suficientes para atender a demanda populacional. Os principais planos eram o João de Barros, o Planolar e a Urbis. Em uma das invasões, no loteamento do Jardim Cruzeiro, o Planolar transferiu os invasores para o terreno do João Paulo II. Mas em muitos casos prevaleceram as invasões, que cresceram na década de 1970:

> Resultado direto da expansão populacional da década de 70, a cidade enfrenta um polêmico e complicado problema, semelhante ao da maior parte dos municípios brasileiros que assistem o crescimento de sua população em índices vertiginosos: a falta de habitação, a limitação do espaço urbano, sem atender à camada populacional de baixa renda.[156]

Com a fuga populacional do campo feirense e de demais áreas do Nordeste para Feira de Santana, além da falta de capacidade estrutural para abrigar a população, restavam mesmo as invasões e a benevolência popular, atordoada com o excesso de pedintes, crianças, homens e mulheres adultos, velhos, além de portadores de deficiências físicas e psicológicas. As atividades exercidas pelos que não se dedicavam à mendicância eram as de *biscateiros, desempregados, lavadeiras ou subempregados*[157]*.*

---

[154] *Atas da Câmara de Vereadores.* Feira de Santana. p. 45.
[155] Idem. 06 nov. 1975. p. 44.
[156] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 16 jun. 1983, p. 2.
[157] Idem, 28 out. 1984, p. 3.

> A seca de mais de cinco anos, que está praticamente arrasando o Nordeste brasileiro, continua trazendo levas de retirantes a Feira de Santana, que já enfraquecida economicamente pela longa estiagem, praticamente não tem como atender aos migrantes que aqui chegam. Por esta razão, os que resolvem ficar por algum tempo só podem contar mesmo com a caridade pública já que os órgãos assistenciais há muito estão sem recursos para prestar qualquer tipo de ajuda a estas famílias, a maioria das quais ocupa as praças e passeios da cidade, atiradas ao relento com suas proles sempre numerosas. [158]

Desta forma os migrantes e retirantes que eram vítimas da seca também ajudaram a aumentar a miséria social e a deficiente estrutura urbana e modernizante de Feira de Santana. Inúmeros relatos recolhidos pela imprensa deram a dimensão dos problemas sociais produzidos pela migração:

> 'Invadi com meu marido e seis filhos. Arranjamos uns caibros, plásticos, levantamos o barraco e, como não havia telha, cobrimos com lençol. Nossa sorte foi que passaram 15 dias sem chover. Depois uns amigos deu umas telhas de eternit e aqui ficamos, já vai fazer dois anos'. O depoimento é de Ester dos Santos, lavadeira, 34 anos, moradora do Conjunto George Américo, uma invasão no bairro Campo Limpo, em Feira de Santana. Esta invasão foi iniciada em novembro de 1987 e mobilizou cerca de cinco mil pessoas, que ocuparam uma área do antigo Campo de Aviação. [159]

Apesar de confiantes na misericórdia divina, alguns protestantes vítimas da seca e da falta de políticas públicas deslocavam-se para Feira de Santana em busca de sobrevivência. Eis o relato de um fiel que chegou à cidade:

> Lá estava seco demais seu moço. Não dava pra ficar de jeito nenhum -, explicou Israel José da Silva, um protestante que não se separa da Bíblia. A sua família, composta de dez membros, chegou no início da semana a esta cidade, depois de pegar várias caronas de caminhoneiros e de passar ' muito aperto e fome, pois o dinheiro acabou logo, logo'. [160]

As invasões tomaram diversos terrenos de Feira de Santana e foram ocupados por pessoas de diversas regiões, de distritos de Feira de Santana, passando a diversos estados do Nordeste, a exemplo do Ceará, como o protestante fugitivo da seca.

---

[158] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 09 mar. 1984, p. 2.
[159] *Revista Panorama da Bahia*. Feira de Santana. Segunda quinzena de julho 1989, p.19.
[160] *Jornal Feira Hoje.* Feira de Santana. 30 out. 1983, p. 3.

Foto 4. Migrante protestante fugindo da seca. Senhor protestante, demonstrando a força do protestantismo com o aumento do número de flagelados na seca e que encontraram na religião um dos alentos para a crise social. *Jornal Feira Hoje*, 30 out. 1983, p. 3. O retirante da foto fugiu da seca em Araripina – Pe, vindo para Feira de Santana mediante a fama de progresso da cidade que "corria" na região. Segundo retirante, caso achasse trabalho e moradia de aluguel, permaneceria na cidade. Caso contrário, retornaria a sua região.

Nem a própria Assembléia de Deus escapou de ter seu terreno invadido. O grupo religioso já estava consolidado no município feirense, bem como em todo o território nacional, com diversas congregações espalhadas por todo o País. Contava com mais de 40 congregações na década de 1980, espalhadas por todo o território feirense. O terreno invadido destinava-se a construção da congregação do Alto do Cruzeiro, bairro periférico da cidade. Para assegurar a construção do novo templo, os assembleianos estiveram no local para retirar os invasores. O evento gerou conflitos e diversas notas nos jornais, pois os irmãos

assembleianos foram acusados pelos ocupantes de ter sido agressivos quando chegaram ao terreno de propriedade do grupo. Conforme um jornal local:

> Certos da impunidade, cerca de trinta membros da Igreja Assembléia de Deus destruíram, na manhã de ontem, mais de vinte barracos da invasão do Alto do Cruzeiro, próximo ao posto da Cesta do Povo, não levando em consideração sequer o fato da várias crianças se encontrarem no interior dos mesmos. Além disso, eles continuam sob a ameaça da polícia e ainda não conseguiram audiência com o prefeito. [161]

Os grupos religiosos, tanto os de base protestante, histórico ou pentecostal, e mesmo os católicos ou de outras religiões buscavam em meio ao crescimento populacional de Feira de Santana, quando não arregimentar novos membros para seu grupo, praticar atividades assistenciais. A respeito disso encontramos referências à reforma do Dispensário Santana, de propriedade da Igreja Católica, que prestava assistência aos idosos, além de manter escola para o ensino infantil. O Dispensário Santana *era uma entidade católica destinada a assistência à velhice desamparada. Existia desde 1944, mas a construção do prédio foi em 1983. Instalação de um complexo filantrópico com crianças de 4 a 6 anos*[162].

Os protestantes e evangélicos contavam com diversas outras entidades. A Assembléia de Deus tinha o Orfanato Evangélico e o Centro de Recuperação Desafio Jovem.

O episódio citado, porém, não fez referência a conquista de membros, mas aos fugitivos da seca e da extrema pobreza, de pessoas que se refugiaram em uma propriedade destinada a construção de um templo para conquista de novos fiéis. Para não comprometer a imagem da Denominação Assembléia de Deus, o pastor do grupo, Severino Soares (que se tornou vereador no ano de 1994), foi à imprensa desmentir o fato e disse que a presença assembleiana no local foi para anotar o nome das “famílias invasoras” e tentar junto à prefeitura a relocação destes para outra área de propriedade do município.

---

[161] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 16 fev. 1985, p. 1.
[162] Idem. 29 mai. 1983, p. 12.

> 1- A presença dos nossos irmãos na limpeza do terreno foi pacífica limitando-se apenas a arrancar os paus que foram fincados por aventureiros esperando a oportunidade de ganhar um terreno a mais em sua ganância oportunista.
> 2 – Não houve em nenhum momento agressão por parte dos membros da nossa Igreja a pessoa alguma a não ser os invasores que na própria reportagem é bem visível nas fotos publicadas, inclusive um rapaz em foco que é deficiente de uma perna recebeu o dedo no rosto.
> 3 – Os barracos onde havia família residindo em número de 11(onze) foram devidamente cadastrado e se eles quiserem falar a verdade dirão que nós nos propomos a ajudá-los a lista está em nosso poder a disposição da redação eu gostaria que a reportagem fotografasse os barracos em pé ainda hoje porém não o fizeram na ocasião.
> 4 – Não existiu crente armado com faca ou qualquer outra arma pois nenhum membro da nossa Igreja pode usar arma de espécie alguma também constitui inverdade de quem disse ao repórter que derrubaram uma barraca com uma criança dentro se não fosse alguém que tirasse a criança essa é a mentira mais grosseira que poderá se dizer, continuo afirmando nenhum barraco foi destruído com pessoas dentro. [163]

A discussão não ficou por aí. Além dos invasores declararem novamente a agressão dos assembleianos e a destruição em seus casebres, a discussão foi até à Câmara de Vereadores, em um embate entre o vereador pentecostal da Assembléia de Deus Waldeir Pereira e o vereador identificado com idéias marxistas, Messias Gonzaga.

Marx, os favelados e a Bíblia entre Messias e Waldeir [164]

Os vereadores Waldeir Pereira dos Santos e Manoel Messias Gonzaga, do PDS e PMDB (depois foi para o PC do B), respectivamente, foram responsáveis pelos mais ácidos discursos protagonizados na sessão da Câmara de Vereadores, no dia 13 de março de 1985. O peemedebista, num longo discurso defendendo o direito de apropriação da terra pelos favelados 'que perderam o seu direito de morar', classificou os membros da Igreja Assembléia de Deus de 'capangas', notadamente se referindo a José Marques pela maneira como expulsaram os favelados da invasão da Galiléia [165].

---

[163] *Jornal Feira Hoje.* Feira de Santana*.* 21 fev. 1985, p. 3.
[164] Idem. 13 mar. 1985, p. 2. O título deste tópico faz referência à nota do jornal
[165] Ibidem. 13 mar. 1985, p. 2.

A discussão girou em torno da denúncia que os assembleianos não respeitaram os migrantes, não se preocupando com a situação deles, mesmo sendo um grupo religioso preocupado com o outro. Já Waldeir Pereira, vereador assembleiano, rebateu, dizendo que a "invasão" era uma incitação de Messias Gonzaga para prejudicar os assembleianos, pois a leitura do mesmo girava em torno do marxismo e da guerrilha, ao que Messias Gonzaga respondeu que o vereador Waldeir Pereira *esteve por trás da chacina, 'com as garras escondidas atrás da Bíblia, por trás da corrupção, com os companheiros corrompendo'.* [166]

Waldeir Pereira assegurou que os "irmãos" estavam preocupados com a situação e que a Assembléia de Deus resolveria pacificamente este problema, além de defender o grupo religioso da acusação de aliciador.

Em encontros com o então prefeito de Feira de Santana, José Falcão, o Pastor Severino Soares, além dos vereadores, Waldeir Pereira e José Francisco do Amaral, conseguiram resolver o problema dos migrantes. As famílias que ocuparam o terreno da Assembléia de Deus foram deslocadas para o conjunto João Paulo II, do programa habitacional Planolar, próximo ao Aviário, bairro periférico da cidade. [167]

Esse assunto foi resolvido, não só pelo escândalo gerado, mas devido à influência do pastor Severino Soares, com seu capital simbólico, como conceituou Bourdieu, somado a presença de um assembleiano na Câmara de Vereadores, junto aos poderes locais, conseguindo a transferência dos "invasores" para outras propriedades. O que indicou que os assembleianos tinham uma representação significativa e visibilidade na cidade de Feira de Santana, além de uma boa relação junto aos políticos feirenses.

O problema das migrações e da formação das favelas em Feira de Santana afetava a comunidade assembleiana, pois este era um dos públicos alvo do grupo religioso, pois a sua mensagem se destinava, sobretudo, aos pobres. Os assembleianos se concentravam em cruzadas religiosas pelas ruas da cidade, no sentido de angariar membros, recolher aqueles desamparados aos seus centros assistenciais e convertê-los à mensagem religiosa pentecostal da Assembléia de Deus. Assim como os presbiterianos contavam

---

[166] *Jornal Feira Hoje.* Feira de Santana. 13 mar. 1985, p. 2.
[167] Idem. 14 mar. 1985, p. 1 e 3. Ver mapas em anexo.

com o apoio dos políticos e poderes públicos para a manutenção de seus órgãos assistenciais e contribuíam para a manutenção da ordem social estabelecida. Por isto, a ajuda que ofereciam aos marginalizados sociais tinha um propósito de adequá-los às normas estabelecidas pela sociedade, às quais o grupo aceitava mediante a atitude de respeito às autoridades seculares, com o diferencial de tentar traze-los ao seio do pentecostalismo.

O Jornal *O Mensageiro da Paz*, de publicação da CPAD, em nível nacional, ressaltou as preocupações sociais da Assembléia de Deus, relacionadas ao próprio crescimento e modernização da sociedade brasileira, juntamente com os problemas relacionados ao desemprego e as drogas. A evangelização, isto é, a convocação feita por Jesus Cristo aos seus seguidores, incluía também as questões sociais:

> O ministério das necessidades humanas está incluído na obediência à Grande Comissão. Quando a tragédia se abate, como terremotos ou mesmo atos de terrorismo, os pentecostais respondem com auxílio às necessidades materiais do povo. Quando problemas tais como os das drogas se desenvolvem, os pentecostais auxiliam os atingidos a descobrir a libertação que Cristo oferece. Organizações como o Desafio Jovem tem ajudado muitos a encontrar significado na vida. Onde falta educação ou atendimento, os pentecostais procuram suprir a carência.[168]

Os assembleianos estavam também envolvidos neste fluxo migratório ao receber "irmãos" vindos de diversas áreas baianas e regiões brasileiras. Estas informações são constatadas através dos *Livros de membros*, comprovando o fluxo migrante em direção à Feira de Santana, tanto do território baiano e nordestino, como de outras regiões brasileiras. É o que se constata em tabela abaixo[169]:

---

[168] ZIMMERMAN, Thomas F. Prioridades e doutrinas pentecostais. (Maio. 1982). In Mensageiro da Paz: os artigos que marcaram a história e a teologia do Movimento Pentecostal no Brasil. Artigos Históricos. Volume 3. Rio de Janeiro. CPAD. 2004, p. 30.

[169] *Livro de membros da Assembléia de Deus de Feira de Santana.* Consta o histórico de membros pertencentes ao grupo. Os que vêm da AD de outros territórios e os que saem de outros grupos evangélicos para a AD.

Tabela 3: Procedência dos assembleianos de Feira de Santana

Década de batismo	Número	Estado civil			Periferia de Feira de Santana	Centro de Feira de Santana	Vindo de outras localidades			
		Solteiro	Casado	Viúvo			N0	NE	CO	SU
1950 – 60	02	---	01	01	---	02	---	01	---	01
1960 – 69	23	05	16	02	11	09	---	20	---	01
1970 – 79	31	18	23	04	27	16	---	29	---	02
Total	56	23	30	07	38	27	---	50	---	04

Fonte: Livro de membros da Assembléia de Deus

A tabela acima foi de uma amostragem aleatória de 56 membros da Assembléia de Deus, a partir de sua da década de batismo, constando estado civil, localização em Feira de Santana, centro ou periferia, além dos que não eram nascidos em Feira de Santana.

A partir da análise constatamos que a grande maioria dos membros eram casados, em relação a solteiros e viúvos, 30. Isto devido a necessidade de contrair matrimônio, pregado pela Denominação Assembléia de Deus. Dos 56, boa parte morava na periferia de Feira de Santana, 38, contra 27 que morava no centro e 05 não registrados. E a maioria era advinda de outras localidades que não Feira de Santana. Dos 56 uma pequena parcela, 09 era feirense.

Outro dado foi que dos 56 consultados 22 advém de outras áreas do Nordeste, que não Feira de Santana, o que reforça a fuga da seca e da faltas de trabalho no campo nas áreas de sertão para a cidade feirense, dado sua condição de entroncamento. Destes 56 analisados, 04 eram procedentes do Sudeste do País, em geral nordestinos que tentaram ganhar a vida em São Paulo e não obtiveram sucesso, restando o retorno ao Nordeste. Apenas 03 não foi informada a naturalidade.

Foi dado destaque aos membros que retornavam de outras regiões, sobretudo o Sudeste, com São Paulo e Rio de Janeiro, que eram membros que, provavelmente, buscavam melhoria de vida e, por não conseguir ou por outros motivos retornavam a Bahia. Percebe-se que os que retornavam de outros Estados tinham a procedência baiana, em maioria, e que a maior parcela com residência em Feira de Santana era proveniente de outras localidades da Bahia, o que foi uma constante durante a análise dos *Livros de Membros da AD* de Feira de Santana.

Essas migrações foram facilitadas pelas condições econômicas e pela localização de Feira de Santana, como demonstrou Aldo Morais Silva, sendo a cidade *o ponto de confluência natural para a população carente nos períodos de secas, o que tornava tais fases especialmente movimentadas para a cidade.*[170]

Charles Santana também abordou o problema da migração, entre os anos 1950 a 1980, atrelada à seca e a expulsão dos trabalhadores da zona rural, que recorreram a Feira de Santana na tentativa de conseguir trabalho[171].

Foto 5. Família migrante. Situação de diversas famílias migrantes, fugidas da seca e da falta de trabalho. Foto do jornal Feira Hoje de 23 de fevereiro de 1984.

[170] SILVA, 2000, op. cit., p. 19.
[171] SANTANA, Charles D'Almeida. *Fartura e ventura camponesas*: trabalho, cotidiano e migração. Bahia. 1950 – 1980. SP. Annablume, 1998.

Não sendo o mercado feirense capaz de abrigar os que circulavam pela cidade verificou-se o aumento de invasões, como de pessoas desabrigadas. A população migrante encontrou em Feira de Santana, caracterizada pelo comércio e um centro industrial em processo de urbanização formas de continuar a sobreviver na cidade. Construíram aqui laços de solidariedade com os grupos sociais existentes, sobretudo com os grupos religiosos, que se espalhavam e expandiam na região e que encontrou nos feirenses e nos migrantes, sobretudo, possibilidade de conversões, como ocorreu na Assembléia de Deus, um grupo pentecostal de forte apelo popular, por interferir diretamente nos problemas sociais e na vida desses migrantes. A Assembléia de Deus, certamente, representou um espaço de solidariedade e sociabilidade para essa população migrante, em busca de sobrevivência.

CAPÍTULO III

A Assembléia de Deus de Feira de Santana e o assistencialismo

A participação política, de qualquer natureza, no meio protestante era vista como um tabu. Poucos eram os grupos a participar de atividades político-partidária. No protestantismo histórico encontra-se exemplos isolados de religiosos a se candidatar a cargos políticos. Já no meio pentecostal, a atuação política relacionava-se como algo mundano e, portanto, não aceitável a um cristão[172].

"Tu não participarás[173]"! Este era o lema evangélico ao se referir às atividades mundanas. Aqueles que fossem batizados, ou seja, renascidos com a palavra de Deus deveriam se ausentar do que fosse impuro. E era impuro o que se referisse às questões seculares (mundanas), e a política era um exemplo de mundanismo.

Esta interpretação pentecostal de afastamento do mundo partiu de interpretações da Bíblia, segundo os evangélicos. Um destes exemplos estave em João 2: 15,16,17:

> Não ameis o mundo nem as coisas do mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente[174].

---

[172] SILVA, Elizete da. *Protestantismo Ecumênico e realidade brasileira*. UEFS. Feira de Santana. 2007. (Trabalho de Professor Pleno). CAMPOS. Leonildo Silveira. Os políticos de Cristo – uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. In BURITY, Joanildo e MACHADO, Maria das Dores Campos (org). *Os votos de Deus*: Evangélicos, política e eleições no Brasil. Recife: Massangana, 2006.

[173] A afirmação "Tu não participarás" é utilizada por diversos autores que discutem o afastamento pentecostal do mundo, entre os quais CORTEN, André. *Os Pobres e o Espírito Santo*: o pentecostalismo no Brasil. Rio de Janeiro. Vozes. 1996, p. 98. Não é portanto um aspecto exclusivo da AD.

[174] *Bíblia de Estudo Esperança*. São Paulo. Edições Vida Nova, 2000, p. 588.

O pentecostalismo, marcado pela rigidez doutrinária e dos costumes, a exemplo da denominação Congregação Cristã, e da própria Assembléia de Deus, levavam esse lema ao “pé da letra”, em diversos sentidos da vida social e moral do fiel. Este deveria se ausentar do “mundo lá fora”, deixando de lado atividades pecaminosas, como as vestimentas que pudessem deixar o corpo em evidência, jogos de todos os tipos, aparelhos eletrônicos como televisão e rádio, entre outras atividades, a exemplo de lazeres como o cinema. O mesmo se aplicava para as atividades políticas. Significava uma forma de corrupção moral.

Abster-se do mundano era, portanto, uma das normas do grupo religioso Assembléia de Deus. Os membros deveriam seguir as normas e doutrinas estabelecidas de forma a ter uma vida temente a Deus. Ou seja, baseava-se na idéia de estar no mundo e nele realizar atividades que glorificasse a Deus. Esta resume a idéia de ascetismo intramundano de Weber. A razão de estar no mundo é para servir a Deus e não se corromper com o mundo. Por isso a resistência a atividades mundanas, tal qual a política.

As questões religiosas, espirituais, morais e as relações sociais dos membros eram inteiramente controladas pela comunidade religiosa. Observa-se no grupo uma hierarquia bem definida. De um lado, a cúpula religiosa, composta pelo pastor e seu corpo de diáconos e presbíteros e de outro, o corpo de fiéis, ou leigos. De um lado os detentores de poder simbólico e estruturadores do campo religioso, do outro, os que aceitam esta construção estrutural e de poder[175], isto é, os leigos.

Afirmamos que os fiéis não aceitavam pura e simplesmente as condições de poder impostas pela hierarquia religiosa. Mas tal jogo de poder, de recusa e aceitação era interessante e conveniente para o fiel. Primeiro, por ele estar inserido em uma comunidade, da qual tinha participação. Segundo, por contribuir com o seu funcionamento.

Contudo, mesmo querendo se afastar do mundo, por mais metafórica que seja remeter-se às parábolas bíblicas, os membros de um grupo religioso, permanecem participando da vida cotidiana em suas questões sociais e culturais, em todos seus níveis. Como afirmou Cortén, a recusa não significa

---

[175] BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo. Ed. Perspectiva. 1974.

uma negação em seu sentido pleno. Há aí um jogo de interesses[176], conforme o texto bíblico na carta de João.

Para os membros da Assembléia de Deus a participação na vida social de Feira de Santana se deu, sobretudo, por meio de assistência social, através de creches, orfanatos e centros de recuperação. Este foi um meio do grupo galgar visibilidade e destaque na região feirense, bem como de participar de questões políticas. A participação política indireta, através da assistência social e de pedidos a políticos de diversas colorações partidárias foi um desses caminhos.

Nesse sentido a Assembléia de Deus se ocupou de diversas atividades de cunho assistencialista. O assistencialismo ao mesmo tempo que seria uma atividade bem vista aos "olhos de Deus", pois seria para o bem estar não da comunidade religiosa apenas, mas para toda sociedade circundante, procurava dar assistência material aos desprotegidos, como moradia, alimento e vestimenta, de modo a atender às necessidades físicas. E também oferecer assistência espiritual, trazendo para os "fracos de espírito" a mensagem de Deus e de preferência, agregando-o, como batizado no Evangelho. O assistencialismo foi uma forma de ganhar visibilidade e espaço político na sociedade.

Destacou-se perante a sociedade feirense com o Orfanato Evangélico da Assembléia de Deus (OEAD), a Associação dos Menores Abandonados (AMA) e com o Centro de Recuperação Desafio Jovem (CRDJ), entidades criadas ao longo das décadas de 1950 a 1980.

Da aversão protestante a este mundo à participação política

Embora o pentecostalismo norte-americano tivesse fortes ligações com as questões políticas e sociais, pelas condições sociais de Chicago em princípios do século XX, o pentecostalismo no Brasil trazido pelos suecos

[176] CORTEN, André. *Os Pobres e o Espírito Santo*: o pentecostalismo no Brasil. Rio de Janeiro. Vozes. 1996.

Vingren e Berg inicialmente se absteve de questões políticas e sociais, se apegando a doutrina bíblica de “salvação pelo batismo no Espírito Santo”. Não havia uma preocupação com a melhoria das condições sociais a não ser em uma perspectiva escatológica.

Muitos autores[177] analisam à mudança de comportamento da maioria evangélica, compreendendo protestantes históricos e pentecostais ocupando cargos eletivos à Constituinte brasileira em 1986, que teve sua organização a partir da abertura democrática, ou seja, a partir da transição do regime militar, iniciado em 1964, para o retorno democrático no País.

Paul Freston, em sua tese de doutorado, fez um apanhado da participação protestante, desde o período colonial até a abertura democrática para salientar que a participação evangélica na política partidária ganhou força com a Constituinte de 1986. Para Freston, o crescimento evangélico, na década de 1980, possibilitou a descoberta de seu potencial eleitoral.

> A representação evangélica multiplica-se em 1986 nas regiões Nordeste e Centro-Oeste onde antes quase inexistia. O predomínio no Sudeste nos anos 50 e 60 reflete seu caráter mais moderno e urbano, criando um eleitorado capaz de votar segundo critérios religiosos minoritários. Quando o campo se capitaliza, o protestantismo dessas regiões predominantemente pentecostal, descobre seu potencial eleitoral somente em 1986.[178]

Freston abordou o crescimento evangélico nas regiões brasileiras, relacionando-o ao fenômeno urbano, que atingiu o Nordeste entre 1960 e 1970. Para o autor o crescimento da representação evangélica na política ocorreu graças a força pentecostal, principalmente da Assembléia de Deus (AD), Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) e Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Porém, antes do desenvolvimento da política partidária os grupos protestantes iniciaram atividades assistenciais, que não deixavam de significar fazer política assistencial, pois era uma forma de interferir na sociedade.

---

[177] Sobre isto ver FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil*: da constituinte ao impeachment. Tese de doutorado. Unicamp. S.P. 1993; MENESES, Jonatas Silva. *A participação política da Igreja Evangélica Assembléia de Deus no Estado de Sergipe*: estratégias e ações para um projeto político. Salvador. UFBA, 1995; PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*: religião, sociedade e política. Ed Hucitec. São Paulo, 1996.

[178] FRESTON, 1993, op.cit., p. 169.

O trabalho assistencial foi um dos caminhos para a busca e reformulação do conceito de política por parte do universo protestante. Primeiro porque a atividade assistencial era uma forma de obter benefícios do poderes públicos. E a burocratização decorrente da institucionalização levou, sobretudo, para grupos protestantes uma aproximação às lideranças seculares. Segundo, que para as atividades institucionais desenvolvidas havia a cooperação de políticos, que na maioria das vezes eram procurados pelas entidades para negociar uma "troca de favores", a exemplo do voto ao que se prontificar a ajudar a Denominação.

A sistematização da política assistencial foi um passo para a atuação político-partidário, de modo a dar continuidade a esse trabalho assistencial, pois assim não precisariam mais barganhar com políticos que não cumpriam as promessas de benefício à comunidade religiosa, e não contribuíam com o trabalho por elas desenvolvidos. Portanto, a atividade política, ganhou uma nova roupagem, pois a política, seja assistencial ou partidária, seria para atender aos interesses da comunidade religiosa e prestar auxílios aos necessitados de modo a glorificar ao Senhor. Além do mais, daria o exemplo evangélico de moral para uma sociedade corrompida. Eis a opinião de um assembleiano:

> Se fôssemos seguir a farisaica ojeriza dos que se opõem à nossa participação na vida pública, porque lá existem pessoas corrompidas, deveríamos viver isolados nas montanhas ou nas selvas, porque a depravação moral atinge a todas as profissões.
> Na realidade, a solução não está no isolamento. Só poderemos ser cristãos verdadeiros e cumprir a nossa missão de transformadores de sociedade se assumirmos posição de destaque e, através do exemplo, da pregaçao da Palavra, da aprovação de leis justas e éticas ("Ai dos que decretam leis injustas" – Isaías, 10.1), indicarmos aos nossos semelhantes que o evangelho tem respostas para a crise moral, a crise espiritual, a crise econômica e social. [179]

Esta proposição de Sylvestre, na década de 1980, era uma chamada pública para a participação política que na prática já vinha sendo desenvolvida por diversos grupos protestantes, a exemplo dos assembleianos feirenses. A

[179] Sylvestre, Josué. Os evangélicos, a constituinte e as eleições municipais. Brasília. Ed Papiro. 1988, p. 50-1.

participação política, seja na política assistencial ou partidária agregava, segundo o autor, *leis justas e éticas*.

Levando fé aos despossuídos: a assistência social e a presença assembleiana junto aos poderes públicos

O trabalho assistencial tem sido uma das principais atividades desenvolvidas pelos protestantes, principamente os pentecostais. Contudo, estas atividades não se restringem, extrapolam a outros grupos de diferentes segmentos religiosos. O assistencialismo, através de campanhas sociais, da caridade, foi uma forma encontrada por diversos setores da sociedade na busca de funcionar como um atenuante para as mazelas e os problemas sociais. A política assistencial esteve presente há décadas na sociedade e instituicionalmente formada. Em trabalho sobre o universo assistencial por parte dos grupos espíritas, do significado desta atividade e por ser algo quase que inerente à sua organização religiosa, Emerson Giumbelli fez a seguinte observação:

> Deve muito a mudanças de perspectiva por parte dos que se interessam em observar a sociedade brasileira, pode-se perguntar se ela não se vincula também a transformações quanto às formas de envolvimento social das próprias lideranças e instituições espíritas. Um exemplo é a própria Campanha contra a Fome, mobilização sustentada sobre os valores da "cidadania" e da "solidariedade", que contou com o apoio e a participação de muitos espíritas de vários lugares, em engajamentos individuais e institucionais. [180]

Ou seja, os trabalhos assistenciais foram encampados ou estiveram diretamente ligados à iniciativa religiosa, independente do credo, seja espírita, católico ou protestante. Funcionou como forma de combate aos problemas sociais. E percebendo a importância de sua natureza, que o Município, o Estado ou a Federação entraram no sentido de apoiá-los. E por vezes esses próprios órgãos ou os meios de comunicação veicularam tais políticas como de

---

[180] GIUMBELLI, Emerson. Caridade, assistência social, política e cidadania: práticas e reflexões no Espiritismo. In LANDIM, Leilah (org.). Ações em sociedade: militância, caridade, assistência, etc. Rio de Janeiro. Nau Ed. 1998, p. 124.

iniciativa do Governo. Foi assim que se procedeu com entidades assistenciais feirenses, como a AFAS.

As atividades assistenciais funcionaram com uma forma de alcançar uma aceitação da sociedade que via grupos anteriormente marginalizados, como contribuídores sociais. Ao comentar esta prática no Espiritismo, Giumbelli afirmou:

> A caridade, assim afirmada, não serviu apenas para justificar práticas anteriores, mas para remodelar estas e criar outras, funcionando como uma espécie de emblema sob o qual o Espiritismo podia atuar no espaço público. O resultado foi um processo que envolveu concomitantemente uma reformulação permanente das formas pelas quais se expressava a caridade e uma negociação dos espaços legítimos para a sua prática.[181]

Tal analogia pode ser feita aos protestantes, pois ao desenvolverem práticas assistenciais o ideal de se abster do mundo foi ganhando nova simbologia, bem como estes grupos foram galgando aceitação na sociedade local. As atas do grupo religioso já registravam este aspecto:

> Dando continuidado o pr. Severino Soares aplicou um fundamental ensino sobre a excelência da caridade fazendo ver que a caridade outorga virtudes, consequentemente observamos nas pessoas que tem amor da Deus, a disposição firme e habitual para a prática do bem.[182]

Não seria possível desenvolver uma prática assistencial sem ter uma aproximação com a vida pública ou com os intermediários, os políticos. Este fazer e refazer de relações levou a negociações de espaço, interferência pública e poder. Os políticos começaram a se imiscuir nas atividades dos assembleianos.

Esta atuação nas atividades assistenciais, por sua vez, caracterizou-se por uma prática cidadã, um exercício de cidadania, que no entanto, foi criticada por Giumbelli por ser uma forma do Estado não realizar funções que cabiam a ele, pois esta prática, embora *atinja e beneficie a sociedade civil em todos os seus agentes, envolve necessariamente o Estado, seja enquanto interlocutor*

---

[181] GIUMBELLI, 1998, op. cit., p. 132.
[182] *Livro de atas da Assembléia de Deus de Feira de Santana*. Feira de Santana. 25 jul. 1980, p. 119.

privilegiado, seja enquanto garantidor de certas condições materiais e direitos básicos[183].

A necessidade do assistencialismo para o Espiritismo está no fato de considerarem a caridade como uma prática decisiva para a evolução espiritual. No Protestantismo, o bem feito ao próximo assumiu a posição de fazer o bem para Deus, não contribui para a salvação final. As obras devem ser feitas em decorrência da fé: este foi o foco da discórdia de Lutero com a Igreja Católica.

A salvação para os protestantes ocorre em nível individual, mas acreditam ter a obrigação de contribuir para a construção do "Reino de Deus" através da ajuda aos que não tem as condições e carecem de acesso à Palavra, por isso o assistencialismo assumiu uma posição de destaque no meio protestante, pois suas instituições ao mesmo tempo que procuraram suprir necessidades materiais buscaram trazer para sua comunidade religiosa os marginalizados e reinseri-los na sociedade, sendo mais uma alma para o "Reino de Deus".

Assim, mais uma semelhança parte das atividades institucionais praticadas por estes grupos: a indissociabilidade entre a assistência material e espiritual, o que podia ser traduzida na prática por certo paternalismo, utilizado não só como um componente ideológico, mas como elemento importante da mediação das relações sociais, embutida de normas e valores na organização do grupo religioso.

Segundo Thompson, o paternalismo, envolve um jogo de interesses recíprocos entre os envolvidos, em uma relação desigual, na estrutura social, beneficiando os que exercem esta dominação[184] (forma de poder) e os que são "atingidos" por ela (benefício para o grupo que a aceita – se aceita é por que satisfaz). Não se pode esquecer que a utilidade sugerida pelo termo não apaga o seu lado impreciso (por não ter uma especificidade histórica), podendo confundir o real com o ideal da organização social.

A discussão pode se aproximar da idéia de o paternalismo ter sido a estratégia encontrada pela Assembléia de Deus de Feira de Santana para se fazer presente no cenário político local. A atitude paternalista partiu do princípio

---

[183] *Livro de atas da Assembléia de Deus de Feira de Santana*. Feira de Santana. p. 141.
[184] THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo. Cia das Letras. 1998, p. 22.

de controle e aceitação tanto do grupo em relação à sociedade feirense, quanto da aceitação dos fiéis de seu controle pelos detentores do poder, tanto em âmbito interno quanto externo, uma relação, portanto, dialética. Numa sociedade de maioria populacional carente, o assistencialismo cumpriu um importante papel. Certamente foi o que ocorreu entre as atividades sociais que os assembleianos desenvolveram.

As instituições sociais assembleianas em Feira de Santana

O Orfanato Evangélico, o Centro de Recuperação Desafio Jovem e o Amparo ao Menor Abandonado compuseram as principais atividades assistenciais da Assembléia de Deus de Feira de Santana. Foram criados entre as décadas de 1950 e 1980, sendo que os dois últimos foram nos anos 1980, período resultante do forte crescimento populacional em Feira de Santana, formando na cidade uma grande parcela de marginalizados sociais, aumentando a violência, a criminalização, o abandono, e o consumo de álcool e psicotrópicos.

O Orfanato Evangélico da Assembléia de Deus foi uma das primeiras entidades da Denominação Assembleiana. Inicialmente o Orfanato funcionou na Praça da República, em um casarão alugado. Quem esteve à frente do mesmo foi Manoel Joaquim, pastor presidente da AD de Feira de Santana. A manutenção inicial foi por ajuda dos próprios membros, mas logo entraram em contato com os poderes públicos para a continuidade do seu trabalho assistencial. Isto exemplifica a necessidade de contato com os poderes públicos. Nesse período a AD elegeu seu primeiro candidato em Feira de Santana, Gerson Gomes.

Na política partidária Gerson Gomes teve sua atuação caracterizada por forte assistencialismo, marca da atuação política nacional, mas diretamente vinculada a grupos religiosos. A ADEFS não fugiu a essa regra, dando continuidade e atenção especial às suas entidades assistenciais.

No início da década de 1980 aumentaram as dificuldades do Orfanato, pois o mesmo não recebia dos poderes públicos e órgãos privados o suficiente para a construção de um novo Orfanato. Os líderes que representavam a entidade entraram em contato com os poderes públicos para a doação não só da nova área (no Panorama), mas de materiais para sua construção. Em 1983, o casarão foi vendido e o Orfanato recebeu ameaça de despejo. Esta crise foi evidenciada pelo jornal *Feira Hoje*.

> Na opinião do responsável pelo estabelecimento de ensino e pelo orfanato, Vítor José de Santana, a mudança da escola só poderá ser feita concomitante com a do orfanato porque os órfãos que residem naquela instituição estudam naquela unidade de ensino e não poderiam prescindir da educação.
> Segundo ele, já foram mantidos entendimentos com o Governador do Estado que, inclusive, já apresentou uma área onde deverá abrigar as futuras instalações do Orfanato Evangélico. Sobre a questão judicial envolvendo o terreno onde está situada a instituição e a unidade escolar, Vítor José de Santana informou que já entrou com recurso na justiça.[185]

A nova área foi conseguida através de pressão na Câmara de Vereadores. O terreno foi doado pelo prefeito Colbert Martins. Quando desta concessão, Severino Soares era o pastor presidente da AD de Feira de Santana. Nesse momento o Orfanato não estava apenas sob controle da Assembléia de Deus de Feira de Santana, mas da direção geral das Assembléias de Deus, em Salvador[186], isto é, a Convenção das Assembléias de Deus, órgão estadual e máximo da Denominação.

Além da creche o Orfanato possuia uma escola, outro fator para a resistência em sair do local que havia se estabelecido. Ou seja, cumpria uma responsabilidade social que era do governo, mas interessante nas relações sociais mantidas pelos assembleianos. Em outra nota o jornal veiculava a necessidade de apoio a entidade que funcionava há mais de trinta anos, de modo a manter Feira de Santana em seu ideal de civilidade e progresso, afinal, era o Orfanato uma forma de contribuir com uma cidade mais “limpa”, não incomodada com crianças perambulando pelas ruas.

> O prédio pertencia a uma viúva cujo nome Vítor José de Santana não conseguiu lembrar. Em meados de 1960 os responsáveis pela entidade demonstraram interesse em comprar o prédio o que não ocorreu em virtude de o prédio ter sido adquirido por Antônio

---

[185] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 13 jul. 1983, p. 3.
[186] Entrevista com Gerson Gomes concedida ao autor 13 de outubro de 2005.

> Magalhães em mãos da antiga proprietária... O Orfanato é mantido por um corpo de sócios, notadamente adeptos da organização religiosa Assembléia de Deus e recebe subvenções de várias entidades ligadas ao Estado, Prefeitura e organizações filantrópicas. Apesar disso, Vitor José de Santana disse que o Orfanato vem passando por dificuldades principalmente no que se refere a alimentação. Lembrou ainda o integrante do Conselho Fiscal da entidade que o atual governador do Estado, João Durval Carneiro, também já colaborou com aquela obra assistencial.

A afirmação abaixo exemplificou a atividade assistencial como uma preocupação política da AD e de seus candidatos, que estavam sempre prontos a defender as entidades religiosas do grupo.

> - Não temos alternativas – frisou Vítor José de Santana – embora tenhamos conhecimento de que a prefeitura doou um terreno a entidade para a construção de uma nova sede, mas não temos recursos. Temos um representante que está realizando gestões no sentido de manter o orfanato, o vereador Waldeir, do PDS, embora eu não acredite que a Justiça seja favorável ao despejo[187].

Foto 6. Antigo prédio do Orfanato da Assembléia de Deus em Feira de Santana. Foto do Jornal Feira Hoje. 06 out. 82.

A concessão de terrenos foi obtida também foi feito para outras entidades assistenciais e para construções de novas congregações assembleianas, em decorrência dos apelos dos evangélicos junto às

[187] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 30 abrl. 1983, p.43.

autoridades para novos templos. Encontrava-se referências freqüentes nas Atas da AD a doações de terrenos por parte de diversos prefeitos e lideranças políticas feirenses, como Almáchio Alves Boaventura, José Falcão, João Durval da Silva e Colbert Martins da Silva, entre as décadas de 1950 a 1990. A visibilidade do trabalho assistencial também rendia votos.

O assistencialismo contribuiu na superação assembleiana da visão negativa envolvimento com questões mundanas até certo limite, pois estas questões não eram debatidas com os fiéis no púlpito e estes recebiam duras normas e doutrinas que orientavam suas relações sociais, mas nos bastidores das lideranças costuravam-se os acordos com as autoridades municipais e estaduais. Somava-se a isto as representações que construíam de si e da sociedade feirense na qual estavam circunscritos, tornavam-se participantes da mesma, dos jogos de poder e das barganhas com as autoridades.

As atividades assistencialistas indicavam um modo de participação social e os pedidos que faziam junto aos políticos, do município ou da região, também era uma forma de fazer política e muito corriqueira no território baiano. Atribuí-se esta relação junto às autoridades, tanto no sentido de favorecimento próprio, quanto de manutenção de entidades assistencialistas como negociar junto aos políticos favores em troca de votos.

Um desses favorecimentos ao Orfanato Evangélico foi concedido pelo Deputado Federal Raimundo Brito, que vinculou-se a ARENA com o golpe militar, sendo *o grande articulador e mediador entre os batistas e as autoridades militares que governavam o País*[188]. Entre os batistas e os evangélicos em geral, vale ressaltar. Os políticos assembleianos não diferiram quanto à lógica política assistencial de Brito, que na década de 1960 contribuíu com o Orfanato da Assembléia de Deus. Conforme Silva: *A barganha e o clientelismo político, que trocava votos por serviços assistencialistas, foi a tônica da intermediação que o Dr. Raimundo Brito desenvolveu entre os batistas e os militares*[189].

---

[188] SILVA, Elizete da. Os batistas e o governo militar: Deus salve a pátria. Assis – São Paulo. UNESP. *X Simpósio da ABHR*. 2008, p. 11.
[189] SILVA, 2008, op. cit., p. 12.

Foto 7. As crianças do Orfanato. Homenagem ao Deputado Federal Raymundo Brito, que intermediou junto ao governo militar ajuda a entidade assembleiana.

A legenda da foto evidenciou a estima assembleiana ao assistencialismo e ao clientelismo, a partir do jogo político de concessão mútua.

Desde as primeiras décadas os irmãos da AD de Feira de Santana tinham consciência de seu potencial eleitoral. Como comprovado em ata de 1957, em que *foi esculhido uma comissão de irmãos para encaminhar os irmãos para tirar títulos de eleitor dando assim orientações para que unidos votemos em um candidato que si prontificar a ajudar a igreja*[190]. Ficavam com o princípio de submissão às autoridades, conforme rezava o texto bíblico da carta de Paulo aos Romanos, capítulo 13:1. *Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores, porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por Ele instituídas*[191].

Este afastamento do mundo se relacionava a diversos aspectos do social e do cultural. A política, enquanto envolvimento com o mundo, era

[190] *Livro de Atas da Assembléia de Deus*. Feira de Santana. nº 51. 1957.
[191] *Bíblia de Estudo Esperança*, 2000, op cit., p. 144.

também uma forma de pecaminosidade. Seria útil, contudo, desde que fosse para trazer novas almas para conversão ou em praticar atos de solidariedade. Indicava a solidariedade uma forma de amor ao próximo. O crente deveria dar um exemplo disto, mas não se imiscuir com aqueles que "não andavam nos caminhos do Senhor".

A política clientelista formada na Bahia, sobretudo a partir do regime militar, proporcionou a inserção de diversos grupos sociais nos espaços de poder, desde que satisfeitos os interesses de lealdade e obediência ao regime, que tinham como pretensão o desenvolvimento conservador da sociedade baiana sob a concessão de autoridades carismáticas, na qual Antônio Carlos Magalhães foi seu principal expoente:

> Credenciando-se desde a segunda metade dos anos 1960, como um dos líderes e, já nos anos 1970, como principal condutor político local de uma modernização conservadora dirigida sob centralização decisória, administrativa e política, nos âmbitos do governo federal e do sistema militar.[192]

A lealdade não foi difícil para diversos grupos protestantes que seguiam o princípio de submissão às autoridades. Os assembleianos souberam trilhar muito bem os caminhos e as encruzilhadas do clientelismo, usando como moeda de troca os votos.

André Corten contribuiu ao entendimento desta atitude ao realizar uma análise do pentecostalismo e sua relação com a política. Utilizou os conceitos de greve social e de antipolítico, significando a recusa do espaço da cidade, por este ser um espaço de ação do homem secular, não do homem convertido, que deixou de lado seu "eu interior" em função dos valores da comunidade religiosa para a qual renasceu:

> Converter-se e entrar para uma Igreja significa para o indivíduo aceitar que a totalidade dos seus atos sejam regulamentados e controlados pela comunidade religiosa, não lhe deixando nenhum domínio no qual a sua consciência pessoal seja o único juiz... Finalmente, na vida profissional e pública, a moral ensinada torna-se francamente negativa e passiva: é preciso ser submisso na obediência e no respeito às autoridades (quer se trate das autoridades do Estado, do patrão ou dos sindicatos), mas a regra de

---

[192] DANTAS NETO, Paulo Fábio. *Tradição, autocracia e carisma*: a política de Antônio Carlos Magalhães na modernização da Bahia (1954 – 1974). Belo Horizonte. UFMG. 2006, p. 227.

> ouro é ‘Tu não participarás’... O crente isolado deve seguir uma ética de retiro e de greve[193].

Também trabalhando com o conceito de paternalismo, Corten, afirmou que a ação pentecostal reproduz um modelo paternalista através de uma ação de arbitragem e de graça, opressão e proteção. Em uma perspectiva escatológica, a participação na política seria uma perda de tempo e risco de corrupção. Participação esta, é importante ressaltar, restringiria a atuação no espaço da política partidária, mas não o jogo político de aceitabilidade e recusa de compromissos e benesses advindos dos políticos instituídos.

Contudo, partindo da premissa de que o religioso informa o político, e que a sociedade encontra-se em uma constante transformação, pode-se avançar para além da análise de Corten ao considerar que a participação na política, não só assistencialista, ou de barganha, encontrou impulso no meio assembleiano ao tomar a atuação política como uma forma de expressão do religioso, estando lado a lado atitudes de aceitabilidade e compromisso.

O crescimento da participação política significou uma certa mudança dos assembleianos, remetendo-se a uma processual aceitação de diversos aspectos da vida social e de consumo, como consultas médicas, ida a salões de beleza, presença em clubes e cinemas, entre outros. Fatores estes antes mal vistos, conforme discutido no capítulo anterior. A participação assistencialista significou um caminho para a ampliação política da AD. Assim, na década de 1980 foi criado o Centro de Recuperação Desafio Jovem.

---

[193] CORTEN, André. *Os Pobres e o Espírito Santo*: o pentecostalismo no Brasil. Rio de Janeiro. Vozes. 1996, p. 21.

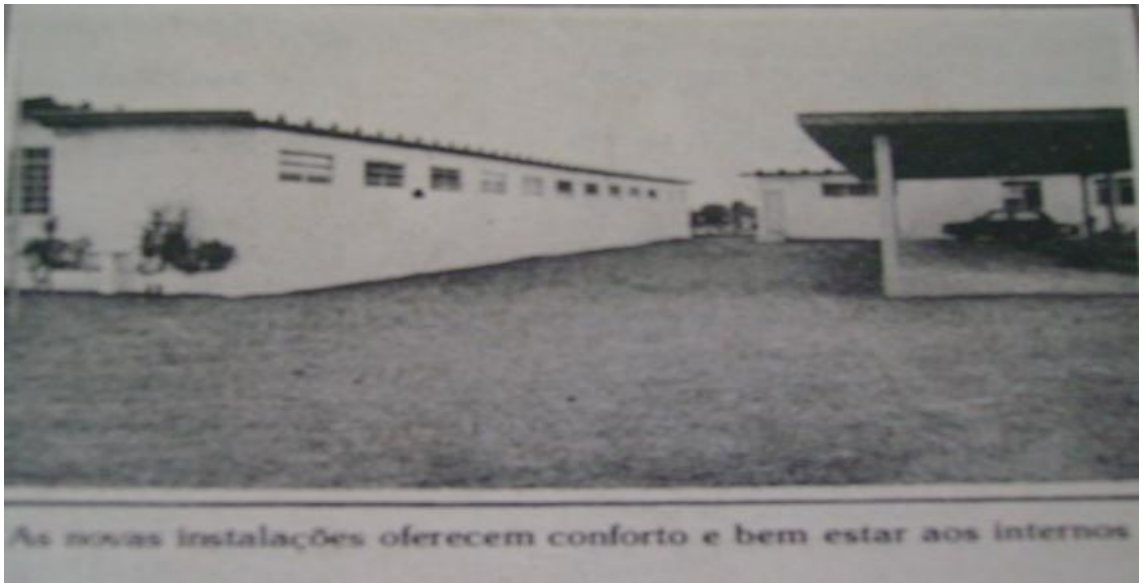


Foto 8. Centro de Recuperação Desafio Jovem da Assembléia de Deus de Feira de Santana, no distrito de Humildes. Foto do Jornal feira Hoje.

A formação do Centro de Recuperação Desafio Jovem da Assembléia de Deus, fundado em 1980, comprovou esse interesse político do grupo. Segundo seu estatuto, o "Desafio Jovem" era uma instituição religiosa, civil, filantrópica, sem fins lucrativos. Ainda conforme o estatuto, o Desafio Jovem de Feira de Santana, *Entidade Cristã, tem por finalidade, a recuperação de jovens e qualquer pessoa viciada em tóxicos, psicotrópicos, alcoolismo e demais problemas de ordem física, moral e espiritual*[194]. Nos 65 anos de comoemoração da AD a assistência social não foi esquecida dentre as atividades que se destacavam na Denominação. A respeito do CRDJ foi comentado:

> Mantém, através de membros associados a essa entidade, em forma de contribuição financeira, apoio moral, assistencial, religiosa e psicológica, a pessoas do sexo masculino, viciado em drogas, tóxicos, entorpecentes ou alucinógenos, tratando-os através da terapia ocupacional, como também encaminhando-os a um credo religioso, que servirá de base para a sua firmeza de propósito, acelerando a sua cura e libertação dos vícios.[195]

---

[194] *Livro de Atas do Centro de Recuperação Desafio Jovem da Assembléia de Deus*. Feira de Santana. 26 dez. 1980, p. 01.

[195] FERNANDES, Rogério Armentano. *65anos*: jubileu de ferro. Resumo do Histórico da ADEFS (1938 – 2003). Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Feira de Santana – Ba. 2003, p. 10.

Ou seja, o aspecto de cura teve forte apoio no aspecto religioso, pois para o tratamento, o paciente precisava de uma orientação, uma firmeza de propósito, alcançada por via espiritual. Ainda no estatuto do CRDJ, no artigo 4º foi complementado:

> Por atingir sua finalidade acima manterá: a) Centro de Recuperação; Centro de Treinamento; Centro de Orientação Profissional e Centro de Estudos Bíblicos; b) Assistência Médica aos viciados, durante o período de recuperação; c) Serviço de Assistência Social junto à Comunidade[196].

Maria Isabel Sampaio ao tratar da relação dos assembleianos com o mundo social, analisou a representação pentecostal da Assembléia de Deus de Feira de Santana sobre o processo de saúde-doença. Indicou uma superação assembleiana na aceitação de elementos do social, antes vistos com dificuldade pelo grupo. Trabalhando com esta representação simbólica, a autora analisou que o processo de saúde-doença não se limitava a inter-relação com a matéria, abarcava também as subjetividades dos indivíduos, ou seja, suas crenças, hábitos, costumes. Nesse estudo demonstrou que os assembleianos "evoluíram" em seu conceito quanto ao processo de doença, reconhecendo a importância médica no processo de cura e não apenas a orações e a fé em Deus. Contudo, a cura tem sua autoridade constituída por Deus. Sampaio indicou a participação evangélica não nos problemas sociais:

> afirmamos que o pentecostalismo é um movimento peculiar à modernidade, identificando-se com as turbulentas transformações que ocorreram neste momento histórico – a primeira revolução industrial, e com ela a intensificação da pobreza, das epidemias, da prostituição, e do alcoolismo, juntando-se a isso a expansão desordenada das cidades, a exploração da mão-de-obra trabalhadora, o desemprego, o crescimento da mendicância, a falta de políticas públicas nos setores de saúde, educação, moradia, além da falta de perspectiva de mudança de status quo[197].

A espiritualidade evangélica serviu de conforto aos despossuídos. Cuidar da espiritualidade significava estar em harmonia com o corpo, a alma e

---

[196] *Livro de Atas do Centro de Recuperação Desafio Jovem da Assembléia de Deus*. Feira de Santana. 26 dez. 1980, p. 01.

[197] SAMPAIO, Maria I. da Silva. *Representação do processo saúde-doença entre os pentecostais da Assembléia de Deus em Feira de Santana*. Feira de Santana. UEFS. BA. 2003, (dissertação de mestrado), p. 52.

o espírito, isto por ser o corpo a moradia do Espírito Santo. Por isso a importância à aparência pessoal dada pelos assembleianos.

> Esta prática de honrar o corpo, justifica em parte, a aversão que os protestantes têm ao consumo do álcool e do cigarro, uma vez que o consumo destes dois produtos sempre significou a possibilidade do vício incontrolável e, na atualidade, estes têm sido frequentemente associados a fatores de risco para a saúde[198].

A partir da preocupação com a pureza do corpo pode-se constatar a interferência crescente dos evangélicos nos problemas sociais, como nas atividades voltadas aos dependentes químicos. Os centros de recuperação tiveram um papel importante na tentativa de reinserir indivíduos na sociedade, bem como em manifestar a necessidade de atuação social do grupo religioso, limitada por normas e doutrinas que viam com "maus olhos" a mistura de elementos religiosos com seculares, incluindo a profanação que a atividade política poderia causar.

Problemas das grandes cidades, como as drogas e a violência urbana têm sido apreciados e há tentativas de solução por parte de diversas denominações religiosas. Esta preocupação levou a uma participação evangélica em atividades políticas de cunho assistencialista.

O assistencialismo foi uma forma dos grupos evangélicos se fazer presentes na sociedade. Foi notado nas atas o interesse de conversão destes beneficiados, bem como as benesses que buscavam junto às autoridades políticas, às quais também interessava a aproximação com o eleitorado evangélico.

Trabalhando com os *Livros de Atas do Centro de Recuperação Desafio Jovem da Assembléia de Deus*, alguns destes aspectos podem ser conferidos. Na ata nº 17 foi demonstrado o progresso do Centro de Recuperação na cura dos toxicômanos[199]. Muitos dos alunos, como eram chamados os dependentes químicos em tratamento, que concluíram o período terapêutico permaneceram na comunidade assembleiana como fiéis e de parte deles se formou o quadro

---

[198] SAMPAIO, 2003, o. cit., p. 67.

[199] *Livro de Atas do Centro de Recuperação Desafio Jovem da Assembléia de Deus*. Feira de Santana. 04 de abril de 1985.

atual de obreiros. Apesar de em entrevista um dos obreiros, ex-dependente químico, afirmar não ser o Centro uma "fábrica de fazer crentes"[200].

Observa-se, entretanto, que boa parte dos concluintes do tratamento permanceram, se não como assembleianos, como pertencentes a outras denominações evangélicas. Eram, portanto, fiéis em potencial para o grupo religioso.

A partir da leitura das atas do Centro de Recuperação Desafio Jovem, percebe-se o trabalho comunitário realizado pela Assembléia de Deus, "Cristo vos liberta" (CVL), de ajuda aos viciados, carentes e necessitados da mensagem religiosa que se encontravam nas ruas da cidade de Feira de Santana. O projeto começou com um trabalho noturno de membros da congregação que saiam pregando o Evangelho para dependentes químicos e pessoas com "desvio moral". Estendeu-se com um trabalho realizado por iniciativa do pastor Severino Soares, em 1979, juntamente com outros assembleianos, de recolher dependentes químicos e os encaminharem para um Centro de Recuperação em Baúru, São Paulo. A idéia de fundar um Centro de Recuperação em Feira de Santana surgiu devido ao alto custo de enviar para São Paulo estes dependentes. Em 1983, ocorreu a compra de uma chácara de dez tarefas em Humildes, distrito do Feira de Santana, para a instalação do próprio Centro local.

O trabalho assistencial com toxicômanos ganhou visibilidade e foi demonstrado nos veículos de comunicação de Feira de Santana. Em uma de suas matérias, a *Revista Panorama da Bahia* trouxe o depoimento de um convertido ao pentecostalismo, ex-dependente químico.

> Num depoimento dramático, o feirense Heronildo Xavier de Santana, 27 anos, ex-toxicômano, ex-ladrão, conta a sua luta para se livrar do barato das drogas, seu envolvimento com viciados da pesada e das inúmeras vezes em que esteve preso... Fui solto e quando cheguei em casa já haviam colegas com seringas para tomarmos 'pico' novamente. E quando eles chegaram de um lado, uma comissão de evangélicos chegaram de outro... Os evangélicos me pediram um minuto de atenção, leram um trecho da Bíblia e começaram a explicar as verdades de Deus... Aí os meus irmãos propuseram-me que fosse para uma Casa de Recuperação, no 'Esquadrão Vida', em Bauru, São Paulo... Dali em diante passei a ser uma pessoa diferente. Nunca

[200] Entrevista realizada com um dos obreiros da Assembléia de Deus em 07 de abril de 2004. Não citamos o nome de entrevistado por não expor uma pessoa que já passou por problemas de dependência química, preservando assim sua privacidade.

> mais tive vontade de mentir, de fumar, de roubar e de me prostituir. Hoje sou crente, não por conveniência, mas porque sei que Deus queria que eu devia ser crente.[201]

Apesar da *Revista Panorama da Bahia* não se referir à denominação religiosa, as referências indicam a AD, pois tinham esta prática de enviar o toxicômano para se tratar em São Paulo, até a determinação de construir seu próprio centro de recuperação. A revista reconheceu o trabalho assistencial e a colaboração exercida pelos evangélicos, dado ao papel de reintegração social da entidade.

A terapia espiritual da CRDJ tinha como base mostrar a importância da salvação do homem por Cristo Jesus. O "encontro com Cristo" foi fundamental para Ele operar na vida destes homens e "curá-los" das doenças. Essa estrutura religiosa suplantava um atendimeto médico mais capacitado na entidade assistencial. Reconheciam a importância do tratamento médico, no entanto havia uma maior valorização ao tratamento espiritual[202]. Ainda segundo os entrevistados, no caso do dependente necessitar de um tratamento médico era conduzido para um posto de saúde e depois comprados os medicamentos prescritos[203].

Essa carência e problemas internos foram atribuídos à falta de ajuda sistemática de órgãos do governo ao Desafio Jovem. Também procuravam ajuda de empresas dispostas a doar alimentos. Em atas verificou-se a contribuição ao Centro de Recuperação, durante o governo de João Durval Carneiro, em 1984[204].

Questionados sobre o que levava uma pessoa a se envolver com o álcool e com as drogas, os entrevistados falaram do contato com más companhias (falta de conduta ética nos moldes cristãos), da curiosidade, do abandono da família e da própria condição financeira, servindo a droga como uma válvula de escape. Observação típica de um converso e adequada às normas e costumes do grupo ao qual passou a pertencer.

---

[201] Entrevista realizada com obreiro da Assembléia de Deus em 07 de abril de 2004.
[202] SAMPAIO, 2003, op cit.
[203] Entrevista realizada com obreiro da Assembléia de Deus em 07 de abril de 2004.
[204] *Atas do Centro De Recuperação Desafio Jovem da Assembléia de Deus de Feira de Santana*. 31 mar. 1984, p. 8.

O entrevistado João[205], entrou no Centro de Recuperação Desafio Jovem como dependente químico. Em seu depoimento ficou demonstrado o trabalho evangélico de cura voltada para conversão do dependente:

> Eu particularmente, com a idade de 15 anos, eu tive a infelicidade de conhecer o baseado de maconha. Em 1985 fumei pela primeira vez, não senti nada. Foi da segunda e terceira vez que eu já comecei a sentir alguma coisa e comecei a fumar. Quando eu vi que a maconha já não tinha efeito que eu desejava eu comecei a usar cocaína e da cocaína eu cheguei até a tomar pico. E quando me vi na situação já de dependente mesmo, que eu já não tinha mais dinheiro para manter meu vício comecei a roubar, praticar pequenos furtos dentro da minha própria casa, depois na casa dos meus familiares, a exemplo de tio, tia, primos e depois comecei a fazer alguns arrombamentos na cidade a qual eu morava ***(município de Coração de Maria, próximo a Feira de Santana).*** Mas um dia bastante escravizado pelas drogas por que as drogas ela escraviza e mata, tira a vida, tira a vida de quem tem vida, e eu naquele momento de já de muita angústia, muito sofrimento eu optei para ir ao Centro de Recuperação aonde eu pela misericórdia de Deus fui e lá no Centro de Recuperação eu pude assim encontrar a recuperação para a minha vida uma vez como eu já disse era oprimido, era escravizado mas lá ao encontrar Jesus eu pude ver a minha vida transformada e liberta por Cristo, porque só Ele tem poder de transformar e libertar o homem[206].

A cura da dependência química foi atribuída à intervenção divina, que se tornou mais importante que o tratamento médico. Como se o encontro com Cristo significasse a iluminação desse homem dependente de drogas, como o de todos os dependentes químicos ou de problemas morais e espirituais. Em uma inversão da Filosofia Iluminista do século XVIII, pode-se afirmar que o encontro da razão, baseia-se na fé, ou seja, no encontro com o “Salvador” Jesus Cristo.

Sobre os dependentes que foram convertidos, ambos disseram ser uma escolha pessoal. Segundo um deles “o Centro não é fábrica de crentes”. Porém este mesmo entrevistado falou do trabalho dos obreiros de mostrar que apenas pelo intermédio de Cristo encontraram libertação para a vida. A entrevistada Maria, secretária e professora de alfabetização do Desafio Jovem, evangélica e casada com um ex-viciado e também obreiro no Desafio Jovem, comentou a

---

[205] Nome fictício.

[206] Entrevista realizada com obreiro da Assembléia de Deus em 07 de abril de 2004. Destaque nosso.

importância de aceitar a Jesus, confirmando o caráter proselitista do Desafio Jovem[207].

Também eram constantes a presença de políticos locais em diversos eventos promovidos pelos evangélicos da AD. Eles participavam não apenas da doação de terrenos ao grupo religioso, mas também das festas de inauguração, como uma forma de conseguir votos. Era recorrente a barganha política. Quando da inauguração da casa do "Desafio Jovem", estiveram presentes diversas lideranças, dentre eles o prefeito do município e deputados, conforme relatado:

> O prefeito Dr. José Falcão da Silva, sentido-se honrado em termos em Feira de Santana uma organização como o Desafio Jovem trabalhando em favor de jovens viciados em tóxicos. Falou ainda que Feira de Santana estará lado a lado do Desafio Jovem no objetivo de ver a libertação do jovem viciado... Por outro lado falou o então Deputado Estadual Dr. Colbert Martins, dizendo que muito admira os evangélicos, quanto ao objetivo que eles têm de integrarem em favor do bem comum da comunidade[208].

Nota-se que a presença dos políticos junto ao grupo religioso indica um prestígio, ao menos, em relação ao seu porte numérico e possibilidade de retorno de votos para os mesmos, os quais se dispunham a contribuir para as atividades assistenciais. Havia assim, uma troca de favores explícita, típica das relações paternalistas da política baiana e brasileira.

Esta era uma forma assembleiana de se fazer presente junto à sociedade, demonstrando a importância do Centro de Recuperação. Tanto que houve a criação de um Conselho Consultivo, em 1983, composto de autoridades políticas e personalidades feirenses, a exemplo do então vereador José Ronaldo de Carvalho, Gerson Gomes, Sérgio Carneiro (filho do governador João Durval), Pastor Shuts (missionário batista norte-americano), professores, entre outros. Foi uma forma de conseguir ajuda contínua para a manutenção do Centro de Recuperação. Este aspecto do assistencialismo indicou uma maior abertura da Denominação Assembléia de Deus à sociedade feirense.

---

[207] Entrevista a um dos secretária do Centro de Recuperação Desafio Jovem, da AD. Abr. 2004.

[208] *Livro de Atas do Centro de Recuperação Desafio Jovem da Assembléia de Deus*. Feira de Santana. 02 jul. 1985.

Outro centro assistencial implantado pelos assembleianos foi o Amparo ao Menor Abandonado, criado também pelo pastor Severino Soares, no sentido de cuidar de crianças e jovens que perambulavam pelas ruas da cidade, com o intuito de oferecer formação e claro, um credo religioso ao acolhido. Sobre o AMA foi comentado:

> Com atenção especial aos assim chamados meninos-de-rua, o AMA procura recrutar crianças menores – obedecendo sempre sua capacidade de lotação – tratando-as dentro do amor que Deus menciona na Bíblia Sagrada, encaminhando até muitas delas, a uma adoção por parte de famílias interessadas.[209]

Mais uma vez os assembleianos estavam em parceria com os interesses municipais, pois era grande o número de crianças pelas ruas feirenses. O *Jornal Feira Hoje* corriqueiramente trazia notícias que abordavam o problema dos meninos de rua, apontando a falta de infância destes, que muitas vezes não tinham famílias, ficando vagando pelas ruas, ou vendendo alimentos, frutas, verduras ou doces, ou pedindo nas calçadas ou no trânsito[210].

Outra entidade assistencial montada pela AD foi o Centro Beneficente da Assembléia de Deus (CEBAD), cuja função era *destinar parte das contribuições dos fiéis para o auxílio a muitos necessitados em nossa cidade, oferecendo centenas de cestas básicas, medicamentos, auxílio funeral e até algumas ajudas de custos a idosos*[211]. Muitos dos fiéis assembleianos que não possuiam condições financeiras também recebiam cestas básicas. O Grupo de evangelização noturna “Cristo vos liberta” (CVL) foi formado há décadas na AD. Tinha um trabalho espiritual mais destacado por sair às ruas da cidade, durante a noite, em busca de favelados e desemparados para pregar as doutrinas assembleianas. As que aceitavam a mensagem religiosa ou tratamento específico eram encaminhados para os locais adequados. Conforme um memorialista da AD:

> Irmãos preparados e devidamente amparados por autorização judicial saem às ruas, em altas horas da madrugada, pregando a libertação pelo poder de Deus às pessoas marginalizadas, chegando, até, a

---

[209] FERNANDES, 2003, op. cit., p. 10.
[210] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 01 jan. 1984, p. 7.
[211] FERNANDES, 2003, op. cit., p. 11.

> encaminhar aquelas que desejavam entrar no Centro de Recuperação Desafio Jovem de Feira de Santana.[212]

Outras práticas do grupo de realizar assistência social era por meio das Cruzadas Evangelísticas que ocorriam nas ruas e praças da cidade. O objetivo era realizar orações pelo “bem” da cidade, acolher os que necessitavam da mensagem religiosa, convertendo novos membros e encaminhando os que aceitavam seus trabalhos assistenciais.

Foto 9. Cruzada evangelística sob comando so Pastor Severino Soares. Acervo de Eber Soares.

Na ocasião da visita de um missionário norte-americano em Feira de Santana, o edil Gerson Gomes, com a concordância dos demais vereadores realizou uma sessão solene na Câmara de Veradores para marcar a importância do trabalho de evangelização da AD.

> O Sr. Presidente transformou a sessão em especial para recepcionar os membros da Cruzada Boas-Novas. Inicialmente foram convidados

[212] FERNANDES, 2003, op. cit., p. 11.

> os diversos pastores da Igreja Evangélica Assembléia de Deus. O Sr. Presidente nomeou uma comissão de Recepção, composta de vereadores, para introduzir em plenário, o Pastor Bernard Johnson, diretor da Cruzada. O Sr. Presidente concedeu a palavra ao vereador Gerson Gomes da Silva que saudou os visitantes em nome da Casa. Em seguida foi concedida a palavra ao Pastor Bernard Johnson que proferiu uma palestra baseada no Evangelho.[213]

Em outra cruzada, a mensagem foi mais enfática e a ajuda tanto espiritual como material assegurada a todos os que tivessem a "crença em Deus", o que garantiria prosperidade para a nação brasileira, tal qual vivia os Estados Unidos (EUA) e não calamidades e secas que típicos desta nação e especialmente a feirense. Portanto, a causa das mazelas estava na fé. Os EUA, por sua vez eram ricos e livres por honrarem ao Senhor.

> Se você precisa ser feliz, chegou a sua oportunidade, Os enfermos serão curados, os oprimidos libertados e os cansados descansarão nas promessas do Senhor. As bênçãos do Senhor serão derramadas sobre todos os que crêem na ocasião da visita do missionário Rodolfo Beuttenmüller.[214]

As atividades assistencialistas e de barganha foram o caminho que, inevitavelmente, conduziram os evangélicos assembleianos para a política partidária. Gerson Gomes da Silva, diácono da Denominação Assembléia de Deus e primeiro membro da mesma a ser eleito a um cargo político, foi um dos principais contribuintes do Ofanato Evangélico. O mesmo ocorreu com Severino Soares, que foi vereador e pastor da Igreja Assembléia de Deus, de grande carisma, conforme Bourdieu[215], junto aos fiéis.

Elizete da Silva em trabalho sobre o protestantismo ecumênico ressaltou os esforços feitos para a atuação política entre os protestantes, dada a pouca mobilização destes nas primeiras décadas do século XX e a atribuição de política, sobretudo política partidária, como relativo ao profano.

> Visando a atuação coletiva dos evangélicos, recomendava-se a criação de núcleos de estudos ao nível local, contemplando os setores sociais, político e econômicos, além de estimular a "preparação de uma literatura adequada para a orientação do povo evangélico". Quanto a participação em partidos políticos, que pelo

---

[213] *Atas da Câmara de Vereadores.* Feira de Santana. 19 mai. 1978, p. 45.
[214] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 17 jan. 1984, p. 4.
[215] BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo. Ed. Perspectiva. 1974.

> menos até a década de 40 era rara entre os protestantes, sugeria-se uma adesão consciente, conforme o relatório: [...] estimular os evangélicos a participarem da vida política do País por meio da filiação partidária e atuação dentro dos partidos existentes". Diferentemente da atual bancada evangélica, que tenta se organizar em partidos de igrejas, visando os interesses particulares desses grupos religiosos, recomendava-se "desaconselhar a criação de partidos evangélicos". Em oposição ao absenteísmo pietista que considerava a política como "coisa do mundo" e que a vocação protestante era sobretudo a evangelização, ofereciam uma nova perspectiva: "educar os evangélicos no sentido de considerarem a vocação política dos crentes como uma vocação nobre e digna de estímulos" (RELATÓRIO DA II CONFERÊNCIA. CONFEDERAÇÃO EVANGÉLICA DO BRASIL).[216]

Com a progressiva superação dos aspectos negativos da política por parte da Assembléia de Deus de Feira de Santana, Gerson Gomes serviu muito bem ao projeto de levar um assembleiano à Câmara Municipal feirense, dentro do contexto dos anos 1970, em que a rejeição por parte dos assembleianos de candidatura do pastor ainda era tão forte quanto para os metodistas nos anos 1930. Não era também qualquer leigo, afinal era diácono, participando da estrutura interna do grupo, que colaborou e corroborou sua candidatura.

Contudo, atualmente observa-se uma situação diferente. Os casos de ascensão na vida política dentro dos grupos evangélicos (protestantes históricos e pentecostais) ocorrem, sobretudo com a candidatura do pastor. Nesta nova configuração social o pastor, imbuído de um maior poder simbólico alçou ao posto de melhor administrador na relação Igreja – sociedade. *Ele é o homem de Deus tratado na Bíblia como o anjo da Igreja (...) tem autoridade espiritual para aconselhar o povo de Deus em todas áreas da vida*. [217]

As razões de tal mudança estão ancoradas na dinâmica interna dos grupos que deixaram de ser uma minoria marginalizada na sociedade e passaram a ser uma força eleitoral atrativa e decisória dentro do campo político, bem como a mudanças externas na sociedade, como o surgimento de

---

[216] SILVA, Elizete da. *Protestantismo Ecumênico e realidade brasileira*. UEFS. Feira de Santana. 2007, p. 87-8. (Trabalho de professor pleno).

[217] CAMPOS. Leonildo Silveira. Os políticos de Cristo – uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. In BURITY, Joanildo e MACHADO, Maria das Dores Campos (org). *Os votos de Deus*: Evangélicos, política e eleições no Brasil. Recife: Massangana, 2006, p. 56.

novos grupos de trabalhadores em decorrência do crescente processo nacional de urbanização e modernização e retorno ao processo democrático[218] no País.

> Havia também para essa recusa de se inserir politicamente motivos oriundos da estrutura do campo religioso brasileiro, cuja força hegemônica católica deixava, para as religiões não-católicas, apenas o que Bourdieu chama de estratégias de oposição profética e de subversão simbólica. [219]

Poder competir com o catolicismo e reduzir seu poderio no território brasileiro, sem dúvida, foi um fator atrativo para estes protestantes, que viram uma possibilidade de participar mais ativamente da sociedade e reduzir a influência social do catolicismo, historicamente condenada por diversos grupos advindos do protestantismo.

As mudanças ocorridas levaram ao crescimento das candidaturas protestantes e, em grande proporção dos grupos pentecostais, dos quais se destacaram a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e a Assembléia de Deus (AD). A IURD surgiu como um dos maiores grupos religiosos atualmente. Inserida no categoria neopentecostal, conseguiu construir uma forte estrutura religiosa e política, com seu aparelho midiático e a administração do Bispo Edir Macedo, centralizador do grupo religioso, à frente das indicações para candidatos políticos e detentor de diversos meios de comunicação, revistas e emissoras de rádio e televisão, como a Rede Record.

A ampla estrutura de comunicação da IURD pode ser uma das causas de seu poderio político em franca ascensão. Por contar com uma larga veiculação televisiva, conseguiu sair a frente da AD que, contudo, também tem uma forte estrutura administrativa e detém a maioria dos convertidos ao protestantismo no Brasil.

> Conforme dados do Censo de 2000, quatro igrejas repartem mais da metade dos 26,1 milhões de evangélicos brasileiros: Assembléia de Deus (8,1 milhões); Batista, Congregação Cristã do Brasil e Universal do Reino de Deus (total de 15,5 milhões). Estima-se que a Assembléia de Deus tenha mais de 100 mil templos em 95% das cidades brasileiras. [220]

---

[218] Não é objetivo discutir o sentido de democracia, pois abriria perspectivas de estudos além das limitações deste trabalho.
[219] CAMPOS, 2002, op. cit., p. 32.
[220] MIRANDA, Júlia. Nós, vocês e eles: os desafios de uma convivência (in)desejada. In BURITY, Joanildo A. & MACHADO, Marias das Dores C. (orgs). *Os votos de Deus:*

Esta análise indiscutivelmente demonstrou o poder numérico da AD, tanto quantitativamente na composição de membros, como em termos de presença física ao longo do território brasileiro, o que contrasta com a IURD, que não tem dados precisos quanto a quantidade de fiéis, mas consegue vantagem com seu aparelho televisivo. Na estimativa exagerada de 1990 os assembleianos brasileiros estavam estimados em 14.400.000 membros[221]**.** Também possui, dentre os grupos protestantes, a maior editora gráfica, as Casas Publicadoras da Assembléia de Deus (CPAD).

---

evangélicos, política e eleições no Brasil. Recife. Fundação Joaquim Nabuco. Ed Massangana. 2006, p. 155.

[221] FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil*: da constituinte ao impeachment. Tese de doutorado. Unicamp. S.P. 1993, p. 76.

Capítulo IV

De indivíduos-fora-do-Mundo para indivíduos-no-Mundo

Os primeiros protestantes a se instalar, sistematicamente, no Brasil, no século XIX, tinham uma postura de afastamento da sociedade, como se fossem *"indivíduos-fora-do-Mundo",* utilizando para se opor à força hegemônica católica, *o que Bourdieu chama de estratégias de oposição profética e de subversão simbólica*[222]. Décadas mais tarde, ao se inserir no campo religioso brasileiro, participando de suas questões sociais, não foi possível manter este afastamento, tornando-se *indivíduo-no-mundo*.

O pentecostalismo afirmava essa negação contraditória da política. Os missionários fundadores da Assembléia de Deus no Brasil, Gunnar Vingren e Daniel Berg achavam a política desnecessária. O crescimento e expansão dessas denominações trouxe modificações.

> Porém, o processo de institucionalização dos grupos protestantes brasileiros, principalmente a partir da primeira década do século XX, iria provocar o surgimento de um estilo de Igreja ou de Denominação, conforme a nomenclatura de Niebuhr (1992), na qual passava-se a existir uma maior integração com a sociedade em seus vários níveis.[223]

Leonildo Campos afirmou que a atuação protestante na polítca brasileira pode ser remetida a finais da década de 1930, contudo, este aspectos relacionava-se aos protestantes das grandes cidades, até porque no interior era mais difícil a mudança da mentalidade pregada de que converter-se ao protestantismo era uma forma de representar simbolicamente a negação do mundo, sendo que os que se candidatavam eram principalmente aqueles de família tradicional, *em função da transformação do capital econômico em*

---

[222] CAMPOS. Leonildo Silveira. Os políticos de Cristo – uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. In BURITY, Joanildo e MACHADO, Maria das Dores Campos (org). *Os votos de Deus*: Evangélicos, política e eleições no Brasil. Recife: Massangana, 2006, p. 31-2.
[223] CAMPOS, 2006, op. cit., p. 35.

capital político, o que foi sendo acumulado por suas famílias ou por eles mesmos, por meio da prática de profissões liberais como médicos, advogados ou engenheiros[224].

Foi, portanto, decorrente da formação de uma classe média urbana dos anos 1930. Com a Constituição brasileira, desta década, os protestantes temiam perder direitos ligados a liberdade religiosa, adquiridos no governo Vargas, pela ação católica. Assim, atuaram no sentido de manter a separação entre a Igreja e o Estado, da Constituição de 1891. Esta Constituição não foi à frente em razão do golpe de 1937. Os protestantes também não haviam conseguido eleger seus pares[225].

Apenas na Constituição de 1946 conseguiram um avanço maior na política partidária, devido a participação e visibilidada alcançada. Estes atuantes incluiam os protestantes históricos. Os pentecostais demonstravam maior resistência.

> Já os pentecostais demoraram mais tempo para entrar na política, pois foi somente na metade dos anos 60 que conseguiram eleger, em São Paulo, os pastores Levy Tavares e Geraldino dos Santos, da Igreja Pentecostal "O Brasil para Cristo" respectivamente deputado federal e estadual, e, em Minas Gerais, deputado estadual, João Gomes Moreira, da Assembléia de Deus.[226]

Esta análise de Campos teve importância em constatar que a consciência evangélica para a atuação nos espaços públicos da vida social foram tomados décadas antes da Constituinte de 1986, não só por protestantes e sim também por pentecostais. Em relação a Constituição dos anos 1980, verificou-se uma atuação maciça dos protestantes na política, o que não era observado nas décadas anteriores do século XX[227]. Autores como Paul Freston e Pierucci não deram a devida atenção a atuação dos pentecostais antes da Contituinte de 1986.

---

[224] CAMPOS, 2006, op. cit., p. 37.
[225] Idem, p. 39-41.
[226] Ibidem, p. 44.
[227] Sobre a atuação pentecostal na política ver trabalhos de FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil*: da constituinte ao impeachment. Tese de doutorado. Unicamp. S.P. 1993; PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*: religião, sociedade e política. Ed Hucitec. São Paulo. 1996.

A Constituinte de 1986 serviu para demonstrar a nível nacional e não como era antes, a exemplo das eleições pentecostais locais, como a de Gerson Gomes em Feira de Santana, o poderio do voto evangélico. A capacidade de organização política evangélica foi criticada por Josué Sylvestre, assembleiano, responsável por manifestos de convocação dos evangélicos a votar em seus "irmãos", assumindo função de comandantes na sociedade, ou seja "cabeças".

> Não adianta lanças muitos candidatos nas próximas eleições municipais porque ainda não somos devidamente conscientizados e treinados para dividir as áreas e conseguir eleger representações proporcionais à nossa força eleitoral em cada município.[228]

Sylvestre defendia a oportunidade da Constituinte para os evangélicos garantir representação na vida pública, dada à capacidade moral e de trabalho destes, sendo que da composição, de 33 políticos, a maioria era da AD, 13. Seguia os batistas da Convenção Brasileira, com 7, os presbiterianos com 4, a Igreja do Evangelho Quadrangular, com 2. A igreja de Nova Vida, a Igreja de Cristo, a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Congregacional, a Igreja Cristã Evangélica, a Igreja Presbiteriana Independente e a Adventista tiveram 1, cada[229].

A Constituinte de 1986 chamou atenção dada as condições históricas do País, que saia de um período de regime militar. Marcelo Duarte, professor de Direito Constitucional e vice-prefeito de Salvador, em entrevista a *Revista Panorama da Bahia* assim definiu uma Constituinte.

> É uma reunião de representantes do povo, eleitos para elaborar uma Constituição. Uma Constituição deve resultar da deliberação dos constituintes. É, exatamente, um conjunto de normas que estruturam um Estado. O Estado, por sua vez, é uma entidade política que exerce uma determinada disciplina, portanto, que governa uma comunidade situada em um determinado território para estabelecimento de determinados fins.[230]

O contexto histórico de 1986 foi favorável a uma ampla expressão evangélica, como de diversos grupos e segmentos sociais brasileiros. Foi, portanto, um fenômeno de expressão social e não exclusivamente evangélico.

---

[228] Sylvestre, Josué. *Os evangélicos, a constituinte e as eleições municipais*. Brasília. Ed Papiro. 1988, p. 17.
[229] Sylvestre, 1988, op. cit., p.15-6.
[230] *Revista Panorama da Bahia*. Feira de Santana. 17 out. 1986, p. 14.

Não indicou que a década de 1980 foi a despertadora da consciência ou do peso eleitoral evangélico. Mas foi a oportunidade de uma maior expressão destes. Os evangélicos pentecostais sabiam de seu peso eleitoral antes da década de 80 e demonstravam isto já em nível local. Tem-se como exemplo a Assembléia de Deus de Feira de Santana, que já possuia neste período mais de seis mil membros, conforme Jean Neilla Ferreira e quase dez mil conforme comemorativo denominacional[231].

Antônio Flávio Pierucci também foi favorável a tese da participação eleitoral evangélica a partir da Constituinte de 1986. Afirmou que ela foi um divisor de águas, pois significou uma ampla projeção evangélica na política e na mídia. Trabalhou com diversos elementos quantitativos, como o número de evangélicos eleitos, partidos a que se filiaram, participação por Estado, dentre outros pontos, para demonstrar o impacto da Constituinte de 1986. Contudo tal metodologia não observou aspectos peculiares da atuação evangélica. Foi, portanto, generalizante:

> A julgar por seu entusiasmo, tudo indica que, no final dos anos 80, num Brasil em processo de institucionalização do estado de Direito e da democracia representativa e competitiva, soou a hora do ativismo político também para aqueles grupos religiosos cristãos que, diferentemente dos católicos de todos os matizes, caracterizavam-se pela determinação, que parecia inabalável, de manterem-se afastados da vida pública, do debate político, da luta ideológica para além das querelas religiosas e teológicas.[232]

O ativismo político evangélico tem de ser medido pelas peculiaridades de cada cidade ou local, e observar seu contexto histórico. O ativismo evangélico começou antes de 1986, bem como antes da década de 1980. Pierucci afirmou que esta década foi a do ativismo evangélico. *É bem verdade que esta passagem não se deu do dia para a noite. Desde as primeiras eleições pluripartidárias, em 1982, havia sinais de que, nessas águas, algo se movia nesse sentido.*[233]

---

[231] FERREIRA, Jean Neilla Rocha. *Assembléia de Deus em Feira de Santana*: um estudo das representações políticas na década da colheita. UEFS. Feira de Santana. 2009. (Trabalho de conclusão de curso) e FERNANDES, Rogério Armentano. *65anos*: jubileu de ferro. Resumo do Histórico da ADEFS (1938 – 2003). Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Feira de Santana – Ba. 2003.
[232] PIERUCCI & PRANDI, 1996, op.cit., p. 167.
[233] Idem, 1996, op.cit., p. 167.

Jonatas Meneses ao analisar a atuação política da Assembléia de Deus de Sergipe admitiu também que foi com a Constituinte de 1986 que os evangélicos assembleianos iniciaram sua atuação político-partidária. A isto chamou de despertar pentecostal, seguindo a mesma linha de Paul Freston e Antônio Pierucci.

Para Meneses as décadas de 50 a 70 foram marcadas por uma possível neutralidade política, a qual explicou devido ao fatalismo religioso preponderante no meio evangélico, determinado pela situação sócio-econômica, bem como a separação entre os elementos da religião e da política.

> A prática da AD no Brasil e, de resto, a grande maioria dos pentecostais, foi, ao longo das décadas de 50, 60 e 70 marcada pela retórica de uma possível neutralidade. Os assembleianos (cúpula dirigente e fiéis) afirmavam nos seus discursos, com bastante veemência, a incompatibilidade entre a vida espiritual e a prática político partidária, preferindo, por uma razão de legitimidade religiosa, votar sem maiores comprometimentos.[234]

Mesmo fazendo um trabalho em nível local, já que analisou o grupo evangélico da AD de Sergipe, diferentemente de Freston e Pierucci, que analisaram diversos grupos pentecostais em nível nacional, Meneses generalizou, em seu trabalho sociológico, esta atuação evangélica, tal qual os dois sociólogos, esquecendo as especificidades em Sergipe, nos anos 1980.

Os evangélicos da Assembléia de Deus de Feira de Santana já tinham, em pequena escala, na década de 1950, com o pastor Manoel Joaquim e o próprio Gerson Gomes, uma tentativa de atuação político partidária. Marcavam presença e espaço junto a grupos políticos e já pleiteavam cargos eletivos.

Portanto, não se pode atribuir uma neutralidade política aos anos antecedentes a 1980, bem menos atribuir à esta Constituinte o despertar da consciência evangélica. Os evangélicos feirenses tinham essa consciência política, contudo, buscavam administrá-la em meio às normas e doutrinas eclesiásticas, sobretudo os de base pentecostal. Não se pretende ignorar o

---

[234] MENESES, Jonatas Silva. *A participação política da Igreja Evangélica Assembléia de Deus no Estado de Sergipe*: estratégias e ações para um projeto político. Salvador. UFBA, 1995, p. 39.

impacto da Constituinte de 1986, mas afirmar que ela não foi fator determinante para o despertar da consciência política evangélica.

André Cortén analisou e bem estes conflitos entre religião e polítca e admitiu que mesmo negando o princípio de participação política, pelo fato da política pertencer ao âmbito mundano, apontou que seus limites eram tênues e os evangélicos acabavam por se imiscuir na política[235].

Esta imagem era cultivada desde a fundação da AD, por ter sua formação constituída por líderes desprovidos de recursos financeiros. Daniel Berg ressaltou este aspecto em suas memórias: *sabia também que os irmãos eram pobres, porém disse-lhes que tínhamos um Pai rico no céu, e, se fosse essa a Sua vontade, Ele nos ajudaria na questão econômica*[236]*.* Ou seja, a pobreza era material, mas a riqueza espiritual do grupo era grande, o que compensava a primeira. Este aspecto determinou o afastamento assembleiano de questões políticas, principalmente da política de cunho partidário. No epílogo das memórias de Berg fica demonstrado tal afastamento, bem como o ideal de resignação perante a situação social do fiel em um mundo secular, portanto, passageiro.

> Os que aprenderam os ensinamentos da Palavra de Deus com Daniel Berg beberam de uma fonte cristalina e insuspeita. Ele nunca se queixava das provações que experimentava, nunca discutia assuntos de ordem política, nunca perdia tempo ou oportunidades e jamais negligenciou seus deveres de pai e de pastor[237].

Segundo Freston, o Brasil foi um dos grandes países de população assembleiana. Afirmou que mesmo sendo alto o índice de assembleianos, em nível nacional, não há uma estimativa sólida de seu número. Portanto a política entrou nas atividades do grupo como forma de defender suas fronteiras, devido sua imensa dispersão geográfica e como forma de captar recursos para sua expansão religiosa, bem como disputar espaços religosos[238].

> Segundo os dados de 1990, os Estados Unidos possuem 2 milhões de assembleianos; nenhum País estrangeiro chega perto disso,

---

[235] CORTEN, André. *Os Pobres e o Espírito Santo*: o pentecostalismo no Brasil. Rio de Janeiro. Vozes. 1996.
[236] BERG, Daniel. *Enviado por Deus*: Memórias de Daniel Berg. Rio de Janeiro. CPAD, 2000, p. 187.
[237] BERG, 2000, p. 205. Prefácio ao livro de memórias de Berg.
[238] FRESTON, 1993, op.cit., p. 181.

> exceto o Brasil, o qual registra 14.400.000 membros. Nem seus irmãos americanos escondem a descrença: 'Os números brasileiros como registrado pela igreja nacional... são difíceis de verificar independentemente. O Brasil não realiza um censo nacional desde 1980'. Nossa estimativa seria em torno dos 7 milhões. A influência política está garantida por muito tempo, seja qual for o futuro[239].

Willian Read ao fazer um levantamento da quantidade de membros da AD, nas principais cidades brasileiras trouxe para Salvador, na década de 1960, o número de 4.483 assembleianos[240].

Confirmou que a Assembléia de Deus tinha conhecimento de seu potencial eleitoral, contudo permanecia reservada em razão de seu discurso auto-denominado de apolítico. Discurso este não verificado na prática da denominação assembleiana feirense. A religião *insere-se na totalidade social, refletindo de forma não mecânica as mudanças que estejam ocorrendo na sociedade*[241]. Pois desde a década de 1950, quando já tinham uma certa densidade numérica os irmãos assembleianos aspiravam intervir nos espaços políticos institucionais.

Oneide Bobsin, em sua dissertação de mestrado, estudou o universo religioso pentecostal dos moradores do bairro Santa Margarida, em Ferraz de Vasconcelos, município paulista, em seus níveis sociais, culturais e políticos, e afirmou que apesar dos discursos de apoliticismo, estes não se operam em uma atitude cotidiana, por mais que quisessem separar-se do mundo.

> A política pertence à esfera do que é 'mundano', e a religião ao espaço do 'não mundano'. Evidentemente, esta compartimentação da realidade não é tão estanque assim, como os pentecostais o querem. Pode-se fazer um trocadilho com a frase tão propalada pelos pentecostais: 'separados do mundo' para 'separados no mundo'."[242]

Foi o que verificou Regina Novaes ao estudar os agricultores pentecostais em Pernambuco, os quais não recusavam o espaço político dos Sindicatos dos agricultores, bem como não negavam as ofertas de barganha dos fazendeiros da região em troca de seus votos. Contudo, afirmou a autora,

---

[239] Ibid, 1993, op.cit., p. 76. Colocar ibid

[240] READ, William R. *Fermento religioso nas massas do Brasil*. Eerdmans Publishing Co, 1967, p. 128.

[241] BOBSIN. Oneide. *Produção religiosa e significação socialdo pentecostalismo a partir de sua prática e representação*. SP. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1984. (dissertação de mestrado), p. 144.

[242] BOBSIN, 1984, op. cit., p. 140.

isto não era prática da totalidade dos crentes da região de Santa Maria (Pe), local que realizou seu estudo[243].

Os assembleianos na política partidária feirense

A entrada assembleiana na política partidária estava associada a duas questões: uma de cunho processual, relativo às próprias atividades assistencialistas e de barganha e outra, abrangendo os protestantes de todo País com a veiculação da idéia de que os evangélicos deveriam votar nos evangélicos, de modo a conduzir melhor a nação brasileira, pois tinham moral e o conhecimento "verdadeiro" da Bíblia. Esse chamado de evangélicos para votar em seus pares ganhou força com o enfraquecimento do regime militar e a abertura democrática.[244]

> Na realidade, o modelo de atuação de um político evangélico deve ser a Bíblia Sagrada. Sem rótulos. Sem subordinações inibidoras. É muito fácil identificar as linhas mestras da Palavra de Deus sempre no rumo do **amor**, da **verdade** e da **justiça social.**[245]

Somou-se aos eventos acima citados, a composição do campo religioso em razão de mudanças estruturais nas cidades, a se observar pela urbanização, e a ameaça a liberdade religiosa e familiar que grupos protestantes indicavam desde o período militar, devido a aproximação dos militares com grupos de umbanda e espíritas, bem como a oposição protestante ao catolicismo e seu receio de que o mesmo retornasse ao centro da política nacional, tal qual havia sido no Império Brasileiro.

Um outro fator, de relevante importância foi a possibilidade de canalizar maiores recursos para obras evangélicas, como outros grupos faziam na política. A presença de membros do grupo na política partidária significou a participação direta em prol de evangélicos e não a necessidade de negociar

---

[243] NOVAES, Regina Reyes. *Os escolhidos de Deus*: pentecostais, trabalhadores e cidadania. RJ. Ed Marco Zero. 1985, p. 132.
[244] Sobre isto ver o livro do assembleiano Josué Sylvestre. SYLVESTRE, Josué. *Irmão vota em irmão*: os evangélicos, a Constituinte e a Bíblia. Brasília. Pergaminho, 1986.
[245] SYLVESTRE, Josué. 1988. Op. cit., p. 24.

junto a políticos não evangélicos. Isto não significou a eliminação da política de barganha. Ela coexistiu junto à presença evangélica em cargos políticos. Clientelismo típico da política baiana e brasileira, conforme Paulo Fábio[246].

A inserção da Assembléia de Deus de Feira de Santana na política partidária não significou uma negação de seus valores religiosos. Esta participação decorreu das transformações na sociedade, a citar, em contexto nacional, o golpe militar de 1964, que repercutiu relativamente de forma positiva entre os protestantes por significar, dentre outros fatores, uma perseguição ao comunismo ateu e a possibilidade de concorrência com o catolicismo.

> A aproximação entre protestantes e o regime deve ser colocado em contexto. A tendência ascendente vinha desde 1946; o papel público dos protestantes cresceria entre 1964 e 1985 sob governos democráticos também. A questão é até que ponto a tendência foi acelerada pelo regime militar... Os evangélicos percebiam que o regime militar queria cooptar grupos religiosos subalternos de todos os tipos, inclusive seus rivais... O período militar é visto, hoje, por muitos evangélicos como o momento em que correntes espíritas e esotéricas ganharam espaço no Planalto[247].

Ou seja, o regime militar significou uma possibilidade de entrada dos evangélicos no cenário nacional, pois o regime não se opôs aos protestantes, como estes não se opuseram institucionalmente e em bloco. Houve reações menores, como as de Celso Dourado e João Dias, políticos evangélicos da Bahia, e Paulo Wright, presbiteriano, ao regime, seguindo seus princípios bíblicos, de respeito às autoridades. Contudo, conforme afirmou Freston, não apenas os evangélicos foram beneficiados pelo regime. Outros grupos religiosos também foram. E os evangélicos queriam assegurar sua participação social no cenário brasileiro, em virtude de seu crescimento ascendente.

Rubem Alves contextualizou esta participação evangélica aliando-se às instituições políticas no poder em vários momentos históricos e mais ainda durante a ditadura, com o golpe de 1964, assumindo a política eclesiástica e a política secular os mesmos aspectos de controle social. A participação

---

[246] DANTAS NETO, Paulo Fábio. *Tradição, autocracia e carisma*: a política de Antônio Carlos Magalhães na modernização da Bahia (1954 – 1974). Belo Horizonte. UFMG. 2006.
[247] FRESTON, 1993, op.cit., p. 158-9.

protestante junto aos governantes/ autoridades representou um fator de lealdade.

Alves argumentou que os protestantes olvidaram seu princípio de negação a todas as formas de totalitarismo e absolutismo. Sua lealdade ao governo ditatorial não conseguiu atender ao seu público "consumidor", como a Igreja Católica, que tinha aprendido a arte da sobrevivência contemplando e protegendo seus fiéis, sem deixar de atender ao Estado.

> Mas com as Igrejas Protestantes a situação era diferente. Comunidades pequenas, marginais, sem reconhecimento, desejosas de 'pertencer' a algo maior: nada melhor do que uma situação de 'caça às bruxas' para afirmar, perante o Estado, a sua lealdade, garantindo o seu direito de participar do poder[248].

Elizete da Silva também analisou esta participação política protestante junto aos espaços de poder:

> As representações protestantes em torno da realidade brasileira foram manipuladas pela hierarquia eclesiástica que inibiu e estigmatizou o pensamento divergente, muitas vezes, em função de interesses muito terrenos, ou materiais. No entanto, convém ressaltar que tais dissidências alimentaram-se nas próprias matrizes e nos princípios históricos do protestantismo que, atualizados na vivência quotidiana, punham em cheque o monolitismo da reta doutrina, abrindo caminhos para alternativas e elaboração de outras representações[249].

A conservação da ordem religiosa, portanto, está profundamente associada à conservação da ordem política. Contudo, estes campos não deixaram de entrar em conflito. Tanto no que se referiu às práticas sociais mundanas, muitas reapropriadas pela religião e apoiadas pelo Estado, a exemplo do Carnaval.

A política significou uma forma de se destacar e vincular o trabalho eclesiástico, o exercício do poder e a figura do pastor. Mais uma vez destaca-se o especialista religioso, que aproveitou de suas relações de poder, de sua condição "extraordinária" e da situação "extraordinária" para alcançar a via política. *A entrada pentecostal na política não oferece uma nova via de*

---

[248] ALVES, Rubem. *Da Esperança*. Campinas. SP. Papirus, 1987, p. 29.
[249] SILVA, Elizete da. Visões do Progresso e do Trabalho no Brasil. In: *Humanas:* Revista do DCHF. nº1. Feira de Santana. UEFS, 2002, p. 50.

ascensão política para o fiel comum, mas apenas para aquele que já se destacou no trabalho eclesiástico e se tornou pastor[250].

A ascensão política não era entre os leigos, mas no interior da hierarquia religiosa, os pastores feirenses encontraram alguma resistência dos fiéis em se eleger, por ser ele o "ordenador do rebanho", portanto não devendo assumir cargos políticos. Situação modificada na década de 1990, após a Constituição de 1988, em que os pastores passaram a ser os maiores representantes dentre os evangélicos a ocupar cargos políticos. Em Feira de Santana, o pastor da Assembléia de Deus, Severino Soares ocupou uma vaga na Câmara Municipal, em 1994, em virtude da morte do vereador José Martins Vitório, pois era seu suplente.[251]

Parte-se da análise que a religião não se separa dos fenômenos sociais. A religião tem desempenhado diferentes papéis conforme o processo histórico. Isto por ser a cultura um *elemento central da construção da sociedade, bem como da sua reprodução ou transformação*[252].

O protestantismo relacionou-se com a sociedade circundante e transformou-se com ela, não foi a-histórico, por mais que procurasse elaborar origens míticas. A atuação em espaços assistencialistas, como o orfanato, creche e centro de recuperação mantidos pela AD em Feira de Santana era uma maneira de se relacionar com a sociedade e buscar atuação e visibilidade política.

Elizete da Silva exemplificou isto ao analisar a participação política dos batistas quando da instalação do Regime Militar. Os batistas aderiram a esta prática de modo a ter seus direitos garantidos:

> A lealdade e a submissão ao governo foram destacadas, porém uma outra interpretação do fato pode ser acrescentada: mais uma vez, na iminência de um desfecho trágico para a crise, os batistas queriam

---

[250] FRESTON, Paul. Evangélicos na Política Brasileira. In: *Religião e Sociedade*. RJ. 1992, p. 29.
[251] OLIVEIRA, Lélia Vitor Fernandes de. Inquilinos da Casa da Cidadania. Fundação Cultural Egberto Costa. Feira de Santana. 2006, p. 264.
[252] HOUTART, François. *Mercado e Religião*. São Paulo. Cortez Editora, 2003, p. 75.

> garantias da continuidade da liberdade religiosa, do respeito ao princípio constitucional e que não seriam molestados.[253]

Os escolhidos: a Assembléia de Deus de Feira de Santana elege seus "irmãos"

Gerson Gomes da Silva foi o primeiro candidato evangélico da AD de Feira de Santana a ingressar no mundo político. Traçou uma longa carreira política como candidato a vereador, deputado estadual e prefeito em Feira de Santana. Sua atuação política partidária foi da década de 1970 a 1990, no qual assumiu mandatos de vereador, deputado estadual, assessoria ao governo do Estado da Bahia, na figura de João Durval Carneiro. Durante seus mandatos atuou no sentido de beneficiar, sobretudo, as denominações evangélicas, com apreço especial, a AD, da qual era membro.

Outro político assembleiano foi Waldeir dos Santos Pereira. Sua atuação com mandato foi na legislatura de 1982 a 1988, durando dois anos a mais, para as eleições de vereador coincidir com as de prefeito. Terminou sua carreira política como assessor parlamentar de José Ronaldo da Silva que, em diversas oportunidades, foi eleito a cargos políticos, como vereador, deputado estadual e federal e prefeito, último cargo de José Ronaldo da Silva, com dois mandatos seguidos, de 2000 a 2008.

O único pastor da AD a ocupar um cargo na Câmara Municipal, já na década de 1990, foi Severino Soares, mesmo assim, por via de suplência. Antes dele, o pastor assembleiano, Manoel Joaquim, solicitou afastamento do pastorado, na década de 1950, no intuito de se candidatar, não obtendo êxito.

Outros membros da AD concorreram a uma vaga municipal, sem sucesso nas urnas. Dentre os que tentaram, destacaram-se pelo trabalho ministerial junto a AD, José Marques, Lucivaldo Teixeira e Urbano Matos. Urbano Matos foi vereador na década de 1980, mas por São Sebastião do

---

[253] SILVA, Elizete da. *Os batistas e o governo militar*: Deus salve a pátria. Assis – São Paulo. UNESP. X Simpósio da ABHR. 2008, p. 4-5.

Passe (Ba)[254]. Diversos outros assembleianos feirenses tentaram vaga na Câmara Municipal sem, contudo, contar com o apoio oficial da denominação, como ocorreu com os citados.

Como forma de entender a vinculação destes homens à vida religiosa e à política partidária, objetiva-se a construção de perfis do mesmo, com destaque aos que atuaram no período em que o presente trabalho abarca: Waldeir dos Santos Pereira e Gerson Gomes da Silva.

Perfis de José Marques de Souza, Lucivaldo Teixeira e Urbano Matos

Lucivaldo Teixeira, José Marques e Urbano Matos não lograram vitória nas urnas feirenses, apesar de desde a década de 1980 se dedicarem à participação política partidária. Lucivaldo Teixeira e Urbano Matos tiveram, em Feira de Santana, uma maior expressão política, na década de 1990. Contudo, mesmo não logrando sucesso nas urnas, atuaram na assessoria parlamentar, sobretudo para Gerson Gomes, dada a longa vida política dele.

Jean Neilla Ferreira em trabalho sobre a representação política da AD feirense na década de 1990 analisou a atuação destes assembleianos. A escolha da autora para esta década foi em virtude de ter sido *A Década da Colheita*, um projeto aprovado durante a Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil (CGADB), no qual estabelecia metas que giravam em torno do crescimento numérico de membros, de igrejas, de obreiros (que atuavam no trabalho evangelístico da denominação) e de missionários para atuar no campo religioso de outras nações[255].

Este projeto foi ao encontro do poder religioso, social e eleitoreiro da AD, pois ocorreu no período posterior à abertura democrática e votação da Constituinte de 1986. A Assembléia de Deus, como afirmou Jean Neilla

---

[254] FERREIRA, Jean Neilla Rocha. *Assembléia de Deus em Feira de Santana*: um estudo das representações políticas na década da colheita. UEFS. Feira de Santana. 2009. (Trabalho de conclusão de curso), p. 46.
[255] FERREIRA, 2009, op. cit., p. 42.

Ferreira, *então considerada a maior denominação protestante do País na busca pela manutenção de seu crescimento, estava consciente do seu potencial eleitoral*[256]. Contudo, como ressaltou este trabalho, a AD de Feira de Santana possuía consciência de sua atuação social e força eleitoral bem anterior a Constituinte de 1988.

José Marques de Souza, como apontou Jean Neilla Ferreira, candidatou-se a vereador ainda na década de 1980, concorrendo com outro assembleiano, Waldeir Pereira, pois o suporte denominacional se dava com apoio e voto do ministério que *apoiava dois candidatos, podia até aparecer mais, mas o ministério só tinha compromisso com dois, dois candidatos, e aí a gente entrava em cena pra fazer campanha.*[257]

A candidatura de José Marques juntamente com Waldeir Pereira ao cargo de vereador ocorreu em 1982 e, como bem lembrou Jean Neilla Ferreira, no mesmo período em que Gerson Gomes concorria à prefeitura feirense. Período este bastante fértil na atuação política partidária do grupo. Ainda segundo entrevista de Marques a Ferreira sobre o pleito a vereança, foi vislumbrado que:

> Tinha na igreja dois candidatos, um pela Arena – que era Arena na época – e outro pelo MDB que era MDB ainda. Então eu era MDB e Waldeir era Arena. Agora, para que não existisse, assim, uma discordância a igreja apoiou dois candidatos. Começou daí, dois candidatos, eu e Waldeir. A tendência da igreja era muito chegada a Colbert, então eu fui bem aprovado.[258]

A fala de Marques revelou algo importante quanto à candidatura dos assembleianos: não importava o partido a se candidatar, desde que o mesmo estivesse disposto a abrigar em sua legenda um candidato assembleiano para reivindicar os interesses da Denominação, glorificando ao Senhor com seu trabalho político. Portanto, era perceptível a falta de ideologia política.

José Marques, apesar de não ter logrado vitória ao cargo de vereador, teve participação em diversos interesses sociais da Assembléia de Deus de Feira de Santana, como no caso da invasão do terreno da AD no Cruzeiro, o

---

[256] FERREIRA, 2009, op. cit., p. 42-3.
[257] FERREIRA, Jean Neilla Rocha. 2009. Op. cit., p. 40. Entrevista de Jean Neilla com José Marques de Souza.
[258] Ibid., p.40. Para o período em apreço a Arena já era representada pelo PDS.

mesmo esteve em visitas ao prefeito José Falcão, juntamente com Waldeir Pereira e o Pastor Severino Soares. Exerceu função do presbítero na AD.

Outro candidato assembleiano, Lucivaldo Teixeira entrou na vida política por indicação de Waldeir Pereira. Sua participação na vida religiosa, como informou Ferreira:

> Desde a sua infância freqüentava ADEFS com a sua mãe, porém, passou um bom tempo afastado de denominação. Ao retornar em 1984 se tornou um membro ativo, então foi convidado a exercer a função de auxiliar, depois de algum tempo, dirigindo algumas congregações, foi consagrado ao ministério de presbítero.[259]

Lucivaldo Teixeira concorreu à Câmara de Vereadores na década de 1990, mais precisamente, em 1996, juntamente com o Pastor Severino Soares e Urbano Matos, auxiliar, sendo que nenhum dos três obtiveram votos necessários para ser eleitos.

A razão para esta derrota pode está no excesso de indicados oficiais da Denominação, que passou de dois para três. Isto sem contar os candidatos assembleianos que não recebiam apoio oficial da AD, além da oposição dos fiéis, que se opunham à participação da igreja na política. A AD, ao mesmo tempo em que tentava se inserir na vida política partidária pregava para seus membros o risco de contaminação na vida mundana e a política passava por esta acusação, bem como os modos de agir e de se trajar dos fiéis, ou seja, o modo como se sociabilizavam como foi discutido no primeiro capítulo.

A política mantinha a noção de contaminante à vida do assembleiano. Os livros de atas registraram a disciplinarização e afastamento de Gerson Gomes do seio assembleiano em período em que o mesmo estava imbuído na política. Essa participação contribuiu para manter a resistência de muitos membros à política.

Urbano Matos, que se tornou membro da AD na década de 1970, iniciou nesse mesmo período, sua atuação na política partidária, com atividades voltadas para o assistencialismo social, tanto que chegou a trabalhar para Gerson Gomes em campanha política como cabo eleitoral. Urbano Matos foi vereador em São Sebastião do Passé. Segundo Ferreira:

---

[259] FERREIRA, 2009, op. cit., p.47.

> Ao ser transferido pela Petrobrás em 1975 para o município de São Sebastião do Passe, ele próprio se tornou um político notório, e ao se candidatar a vereador pelo MDB daquela cidade, em 1982, conseguiu se eleger com o apoio dos evangélicos, inclusive, foi o vereador mais votado. Em 1990, já aposentado, voltou a residir em Feira de Santana, onde deu continuidade a sua carreira política.[260]

Em Feira de Santana, não conseguiu obter resultado nas urnas, mesmo tendo o apoio do político feirense Colbert Martins e devido à divisão de votos entre os candidatos assembleianos. Esta quantidade excessiva de candidatos foi condenada por Sylvestre.

> Onde só for possível eleger um ou dois vereadores não devem surgir mais do que dois candidatos. Vamos trabalhar com sabedoria para fortalecer a nossa representatividade e estabelecer alicerces firmes para os próximos pleitos. Os aventureiros e divisionistas devem ser identificados e afastados; com amor cristão, mas com firmeza.[261]

Contudo a condenação maior era não votar em seu "irmão". *Só com muita influência do diabo é que faz um crente preferir derrotar seu irmão na fé e eleger um estranho quando os dois disputam o mesmo cargo em pé de igualdade*[262].

Perfis de Manoel Joaquim da Silva e Severino Soares

Manoel Joaquim da Silva foi o primeiro membro assembleiano a encontrar referência nos *Livros de Atas da Assembléia de Deus* sobre o desejo de concorrer ao pleito como candidato à Assembléia Legislativa e isto ainda na década de 1950. O diferencial de Manoel Joaquim era o fato de ser pastor, e um dos fundadores da Denominação Assembléia de Deus em Feira de Santana. E foi quem trabalhou para propiciar personalidade jurídica a AD, no ano de 1950, conforme seus *Estatutos*.

---

[260] FERREIRA, 2009, op. cit., p.46.
[261] SYLVESTRE, Josué, 1988, op. cit., p. 18.
[262] Ibid., p. 58.

> Manoel Joaquim da Silva, brasileiro, casado, Ministro Evangélico, residente domiciliado nesta cidade de Feira de Santana à Rua Carlos Valadares s/n, Presidente da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, com os documentos exigidos por Lei, vem pedir a V.S. que digno de fazer o Registro da Referida igreja, de acôrdo com os Art. 128129 e 133 de decreto n 4857, de 9 de Novembro de 1939.[263]

Para a década de 1950, o ingresso do pastor na vida política não era bem compreendido, pois ele era o responsável pela boa condução da comunidade religiosa e como tal, ao ingressar na vida política poderia pôr em risco a proteção espiritual do grupo com os efeitos mundanos da política, já analisadas anteriormente.

No intuito de ingressar na vida política, o pastor Manoel Joaquim pediu jubilamento do pastorado, mas acabou por ser afastado da comunhão da igreja, por desobediência ao sétimo mandamento. Os Livros de Atas da AD não pontuaram mais sobre o pastor Manoel Joaquim, mas Gerson Gomes em umas das entrevistas concedidas comentou a dificuldade de participação do político evangélico, sendo *a vida pública exercida por evangélico no começo era muito difícil porque havia muita discriminação. Mas hoje não, a pessoa se elege... o eleitor não procura mais saber o credo da pessoa*[264].

Manoel Joaquim foi o fundador do Orfanato Evangélico da Assembléia de Deus, na década de 1950, uma das principais entidades assistenciais da Denominação. Foi um homem que soube se articular com as autoridades políticas. Gerson Gomes explanou também seu contato com ele na primeira entrevista concedida, ao comentar suas influências e parcerias na vida evangélica.

> Ao meu início de vida cristã foi o casal Eduardo Nascimento e Anália Nascimento **(membros participantes da fundação do primeiro templo assembleiano, de doação do casal)**. Agora eu tive boas amizades. O pastor Manoel Joaquim da Silva era um pastor muito jovem, era muito amigo. Nós viajávamos muito para o campo em Capela do Alto Alegre, Santo Estevão, Cachoeira, São Félix, alguns lugares que nos reuníamos para pregar o evangelho.[265]

O pastor Severino Soares era membro da AD desde 1939 e foi o de número quarenta e quatro a se batizar, como informou o presbítero Rogério

---

[263] *Estatuto da Assembléia de Deus de Feira de Santana*. Feira de Santana. 15 set. 1956.
[264] Entrevista com Gerson Gomes, concedida ao autor em 08 de fevereiro de 2008.
[265] Entrevista com Gerson Gomes, concedida ao autor em 13 de outubro de 2005. Grifo nosso.

Armentano Fernandes, no histórico que escreveu para os sessenta e cinco anos da Denominação Assembléia de Deus[266].

Teve longo período à frente da AD, tornando-se o pastor presidente da ADEFS em fins da década de 1950, em substituição ao pastor Manoel Joaquim. Retornou como pastor em 1973, permanecendo até 1989[267]. Foi o pastor que exerceu o mais longo pastorado na comunidade. Pastoreou por dezesseis anos ininterruptos, o que não ocorreu com nenhum outro. Quem ficou mais tempo, após o Pastor Severino Soares, foi o Pastor Joeser Cruz Santana, o atual Pastor presidente da ADEFS, ocupando o cargo desde 2000. Ao longo desses anos, a média de tempo de um pastor à presidência da denominação em Feira de Santana foi de quatro anos.

Foto 10. Pastor Severino Soares no púlpito, em uma de suas pregações. De origem humilde, exerceu função de pintor, pedreiro e chapeleiro até ascender nos quadros religiosos da AD. Posteriormente, este Pastor, negro, com uma composição social da ADEFS predominantemente de membros negros, confirmando, em parte a análise da Marcos Oliveira acerca da expressiva quantidade de negros pentecostais, concluiu o curso de teologia, conforme a memorialista Lélia Oliveira. Acervo pessoal de Eber Soares, filho do Pastor Severino.

[266] FERNANDES, Rogério Armentano. *65anos*: jubileu de ferro. Resumo do Histórico da ADEFS (1938 – 2003). Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Feira de Santana – Ba. 2003, p. 15.
[267] FERNANDES, 2003, op. cit., p. 6.

O Pastor Severino Soares, além de ter sido o pastor presidente da ADEFS, foi também o presidente da Convenção Estadual das Assembléias de Deus na Bahia (CEADEB)[268]. Demonstrou não apenas o controle que teve durante seu pastorado na ADEFS, mas também o carisma perante a Denominação das Assembléias de Deus.

Dando continuidade ao trabalho assistencial da Assembléia de Deus, fundou o Centro de Recuperação Desafio Jovem (CRDJ) e o Amparo ao Menor Abandonado (AMA). Ambos foram inaugurados na década de 1980 e tiveram repercussão na sociedade feirense, contando com a presença de diversos políticos, como o já citado evento de inauguração do CRDJ, que teve a presença de políticos feirenses e da denominação.

O pastor Severino Soares também liderou as indicações de membros do grupo para pleitear cargos na política partidária. Foi ele um dos incentivadores e apoiadores de Gerson Gomes durante seu retorno a política na década de 1970, o apoiando durante todas as suas candidaturas. Segundo Gomes quando retornou de seu trabalho evangelístico em São Paulo:

> Eu fui recebido já na gestão de Severino Soares, pessoa muito dinâmica, muito sociável e um dia ele me chamou. Nós estávamos orando na Igreja e ele me chamou lá na Secretaria e disse: - Gerson, a Igreja vai lhe apresentar candidato a vereador.[269]

O Pastor Severino não apenas incentivou e apoiou o trabalho político de Gerson Gomes, como o acompanhou em diversos momentos, sendo inclusive citado por diversas vezes em reuniões dos vereadores na Câmara Municipal, por marcar presença na mesma. Como pastor da AD era reconhecido por diversos vereadores e outras lideranças políticas feirenses. Eis um relato de uma sessão plenária:

> Em seguida (José Ferreira Pinto) comunicou à Casa estar em nossas galerias o Pastor Severino Soares, da Assembléia de Deus, que convidado a tomar assento em Plenário, formulou convite à casa para as comemorações do 17 aniversário da fundação do templo da Igreja Evangélica Assembléia de Deus... Em questão de ordem o vereador Gerson Gomes justificou o seu atraso e em seguida saudou o Pastor

---

[268] OLIVEIRA, 2006, op. cit., p. 264.
[269] Entrevista com Gerson Gomes, concedida ao autor em 13 outubro de 2005.

> Severino Soares. O Sr. Presidente agradeceu a visita do Pastor Severino Soares e seus acompanhantes e o convite formulado.[270]

O reconhecimento ao Pastor Severino Soares dava-se, sem dúvida, diante a expressão que o mesmo tinha na sociedade feirense, dado ao impacto numérico, assistencial as AD e da presença de um membro da Denominação (Gerson Gomes) nas atividades políticas feirenses.

Com o crescimento político do assembleiano Gerson Gomes, como deputado estadual, Severino Soares estendeu seu apoio ao mesmo, iniciando, paralelamente a atividade de pastor, a atividade na vida pública. *Iniciou sua carreira política como assessor parlamentar do deputado Gerson Gomes, como também assessorou o governo de Dr. João Durval, na sua segunda gestão*[271], como informou a memorialista Lélia Oliveira.

Ao pedir jubilamento em 1989, o pastor Severino Soares iniciou sua campanha para vereador do município.

> Ao pedir jubilação, certamente, a sua intenção não era deixar o exercício do seu ministério, tanto que ele continuou ativo na denominação e assim que obteve apoio enquanto pastor-político revogou seu pedido. Isto é o que podemos perceber na fala da sua esposa, Nilda Soares: "...também logo revogou, teve ali, um ano, dois, jubilado, mas voltou logo, imediatamente reconciliou que todos apoiaram ele, que não tava ainda no tempo, que ele tava ainda novo e tinha uma inteligência terrível.[272]

A inteligência terrível do Pastor Severino Soares, conforme sua esposa Nilda Soares, o fez um dos pastores de maior destaque e presente no imaginário dos assembleianos como exemplo do bom cristão. Sua sagacidade administrativa foi além dos limites institucionais da religião para o território político, culminando com mandato político de vereador de Feira de Santana.

Muitos membros da AD reagiram ao jubilamento de Severino Soares para tentar vaga na Câmara Municipal, dada à importância que atribuíam a ele aos cuidados que prestava a AD de Feira de Santana. Em entrevista ao filho do falecido assembleiano e político Waldeir Pereira, Cadmiel Pereira, o mesmo teceu comentários sobre a rejeição dos fiéis à candidatura de Severino Soares, não compreendendo como o mesmo estava cansado para continuar a vida

---

[270] *Atas da Câmara de Vereadores.* Feira de Santana. 26 out. 1977. p. 05.
[271] OLIVEIRA, 2006, op. cit., p. 264.
[272] FERREIRA, 2009, op. cit., p. 53.

ministerial a frente da AD e tinha força para iniciar uma vida pública continuar na vida política.

> Muitas pessoas não votaram nele porque queriam que ele retornasse a ser o pastor, que era um pastor muito amado, muito querido, queria ele retornasse. Então, por isso, ele teve uma votação inferior. Ele teve uma votação de seiscentos e poucos votos, mas houve o falecimento do vereador que foi eleito e ele era o primeiro suplente, mesmo com poucos votos, no partido do PMN. E ele logrou êxito e foi convocado a assumir esta cadeira.[273]

Assumiu um cargo eletivo apenas na década de 1990 e mesmo assim na condição de suplente. *Em abril de 1994, por morte do vereador, José Martins Vitório, assumiu o cargo de vereador, pois era suplente do mesmo*[274]. Ao ocupar a vacância na Câmara Municipal, as ações de Severino Soares se voltaram, sobretudo, para as entidades evangélicas, especialmente da ADEFS. *Apesar desta tentativa retórica do pastor Severino Soares de contemplar a sociedade feirense de um modo geral, durante o seu mandato as suas atenções estavam voltadas, principalmente para os evangélicos*[275].

---

[273] Entrevista com Cadmiel Pereira, concedida ao autor em 19 de março de 2008.
[274] OLIVEIRA, 2006, op. cit., p. 264.
[275] FERREIRA, 2009, op. cit., p. 54.

Foto 11. Santinho do Pastor Severino Soares. Note que a referência à vida religiosa, como “Um homem de fé”, o identifica perante a comunidade evangélica feirense. Indica ser um homem de propósito coletivo e de serviço a causa divina, o diferencial da postura política evangélica. Acervo pessoal de Eber Soares.

Severino Soares também continuou seu apoio ao AMA, ao qual considerou como de utilidade pública, como fez objeção ao Sistema Único de Saúde (SUS)[276] os cuidados exclusivos dos toxicômanos, afinal de contas, queria manter o Centro de Recuperação Desafio Jovem de Feira de Santana sob controle de sua Denominação, no intento de combater o uso das drogas através da libertação “espiritual” do dependente. Assim como se opôs ao nome de ruas que levavam o nome de entidades afro-brasileiras, mudando, via abaixo-assinado, o nome da Rua Oxum para Lírio dos Vales, por exemplo[277]. Manteve, portanto, sua atuação política atendendo aos interesses evangélicos e as entidades assistenciais destes.

[276] FERREIRA, 2009, op. cit., p. 54-5.
[277] Ibid., p. 54.

Um perfil de Waldeir dos Santos Pereira

Waldeir dos Santos Pereira tornou-se evangélico ainda na adolescência. A participação nos laços hierárquicos da Assembléia de Deus foi acompanhado pelo interesse político, já manifestado pelo trabalho assistencial junto à comunidade assembleiana. Chegou aos cargos mais altos da hierarquia assembleiana, o de pastor, na década de 1990.

Cursou administração na Universidade Estadual de Feira de Santana, e ao mesmo tempo realizava as atividades missionárias, bem como diversos trabalhos feitos junto à comunidade eclesiástica. De alguma forma foi um aprendizado com a coisa pública. Conforme a memorialista Oliveira:

> Exerceu várias atividades tais como: Professor da ESTEADEB (Escola Teológica da Assembléia de Deus da Bahia), em Feira de Santana; fundador e apresentador do programa evangélico 'Crepúsculo de Luz e Paz', na Rádio Cultura (1969 a 1986) e na Rádio Ide e Ensinai de São Gonçalo dos Campos; fundador e apresentador do programa 'Inspiração Divina', na Rádio Carioca (1986 a 1995); Secretário Executivo do 'Desafio Jovem'; Palestrante em vários encontros evangélicos promovidos pelas Igrejas Assembléias de Deus, Batistas e Brasil para Cristo.[278]

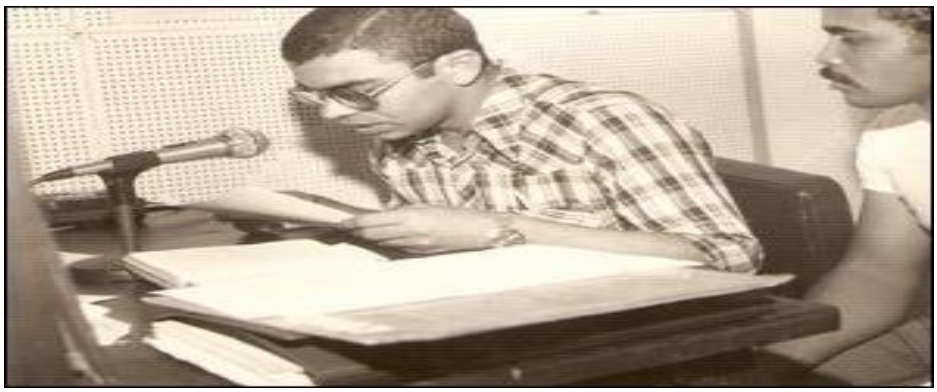


Foto 12. Programa de rádio evangélico com Waldeir Pereira, à direita. Na foto, Israel Ferreira (no centro) e Waldeir Pareira. Acervo de Eber Soares

[278] OLIVEIRA, 2006, op. cit., p. 273.

Na sua trajetória observou-se que Waldeir Pereira desenvolveu várias atividades assistenciais na AD. Foi um dos principais organizadores do CRDJ e participou da formação da AMA, juntamente com o Pastor Severino Soares.

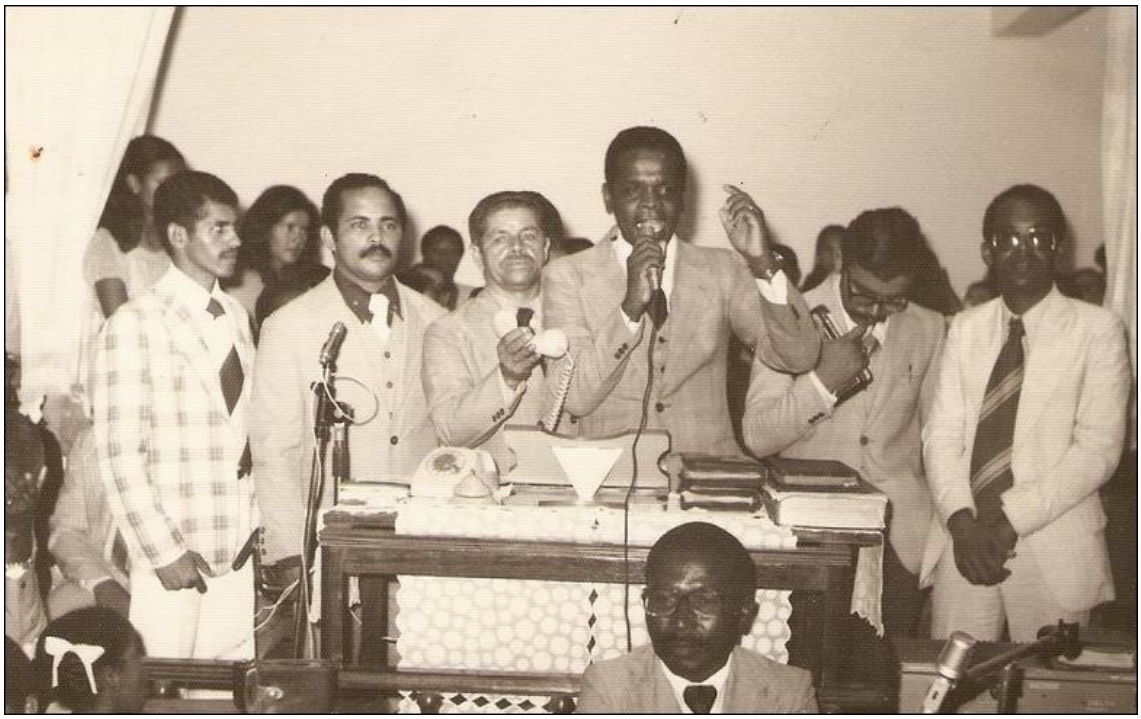


Foto 13. Waldeir Pareira ao lado do Pastor Severino Soares e outros membros em culto na Assembléia de Deus de Feira de Santana. Atenção esecial para a composição étinica do grupo pentecostal. Acervo pessoal de Eber Soares.

Em entrevista, Cadmiel Pereira[279], filho de Waldeir Pereira, assembleiano e assessor de assistência social no último mandato do prefeito, José Ronaldo de Carvalho (DEM), informou da proximidade que seu pai teve com a vida pública, sendo eleito em 1982, com seu amigo, e também candidato, pelo PDS, José Ronaldo de Carvalho. Período que articulou ligação com o então governador João Durval Carneiro. Quando da sua candidatura a denominação anunciou: o p*astor apresentou para a Igreja os dois membros do ministério como candidatos a vereador: Waldeir Santos pelo PDS e José Marques pelo PMDB*[280].

[279] Entrevista com Cadmiel Pereira, concedida ao autor em 19 de março de 2008.
[280] *Livro de Atas da Assembléia de Deus*. Feira de Santana. 26 fev. 1982.

Este mandato encerrou em 1988. Nas tentativas posteriores Waldeir Pereira não foi eleito. Em 1988 tentou a reeleição de vereador pelo PDS e, em 1992, pelo PFL. Os meios de comunicação diversas vezes publicaram a intenção do mesmo em uma reeleição a vereador ou pleitear a Assembléia Legislativa da Bahia. Manteve *constantes contatos com a sua base: os protestantes espalhados por vários municípios.*[281] Contudo, mesmo sem um mandato público, Waldeir Pereira não saiu da política, trabalhando para José Ronaldo de Carvalho, como assessor, quando foi eleito deputado estadual pelo PDS e para João Durval. Sem contar que em 1992, ao tentar a eleição para vereador concorreu com o pastor Severino Soares, levando a um esfacelamento do voto dos assembleianos. Havia outros candidatos que não receberam o apoio da Denominação Assembléia de Deus em Feira de Santana.

> Nesse período em que não estava em cargo eletivo de vereança, ele exerceu funções na Interurb, onde o Dr. João Durval o nomeou no gabinete do seu filho, Sergio Carneiro. Interurb era a empresa de obras da Bahia... E nesse espaço de tempo também na assessoria na Assembléia Legislativa do então Deputado Estadual José Ronaldo de Carvalho, durante mais de dezesseis anos e uns dois anos no Congresso Federal, quando José Ronaldo se elegeu Deputado Federal.[282]

Waldeir Pereira manteve boas relações com o político João Durval Carneiro, tendo acesso ao seu gabinete inúmeras vezes como noticiava o Feira Hoje, dada suas diversas idas a Salvador para contactar o governador. E, consequentemente sempre divulgando as boas ações de Carneiro. *Ele* (Waldeir Pereira) *argumenta que o Executivo estadual dispensará tratamento especial ao Centro Industrial do Subaé (CIS) tornando-o mais atraente para que novos investimentos sejam estudados*[283]. Mesmo quando da crise partidária do PDS, partido em comum com João Durval Carneiro, manteve sua lealdade ao afirmar que *qualquer mudança no quadro partidário baiano e especialmente em Feira dependerá do comportamento do governador João*

---

[281] *Revista Panorama da Bahia*. Feira de Santana. 05 a 20 jun 1985, p.22. Outra matéria, na edição de 12 out. 1985, p.2, também noticiou a intenção de continuar ocupando cargo público.
[282] Entrevista com Cadmiel Pereira, concedida ao autor, em 19 de março de 2008.
[283] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 13 mar. 1983, p.2.

Durval. 'Nós estamos com ele', explicou Waldeir[284], reafirmando os arranjos clientelistas da política baiana e feirense[285].

Eleito vereador beneficiou as entidades de seu grupo com a destinação de recursos para a AMA, bem como donativos para a chácara do CRDJ, a partir de pedidos junto a políticos, como José Falcão e de empresários, pois também foi membro da ADONEB (Associação de Homens de Negócios Evangélicos), tendo assim, acesso a ala empresarial evangélica. Também homenageou o pastor presidente da AD de Feira de Santana no período, Severino Soares, com a Comenda Maria Quitéria[286]. O mesmo atuou em conjunto com Gerson Gomes, em projetos de utilidade pública, envolvendo a Sociedade Beneficente da Assembléia de Deus de Candeias e a Associação de Proteção à Infância de Feira de Santana, que não era uma entidade assistencial evangélica[287].

No entanto, dentre os projetos de Waldeir Pereira merece atenção o projeto de entronização da Bíblia na Câmara Municipal de Feira de Santana. O que mais provocou discussões, pois atendia apenas os evangélicos dentre uma Câmara com uma diversidade religiosa. Vários edis não concordaram:

> Talvez temendo uma polêmica (que aliás já está formada) em torno do seu projeto que dispõe sobre a manutenção da Bíblia Sagrada sobre a mesa da Câmara Municipal, durante as sessões, o vereador Waldeir Pereira, pastor da Igreja Assembléia de Deus, vai entrar com um requerimento solicitando da direção da Casa que convide todas as autoridades eclesiásticas para a solenidade de introdução da Bíblia no plenário. [288]

A intenção do presbítero Waldeir Pereira e não pastor, como noticiou o *Feira Hoje*, seria uma forma de interferência divina nos assuntos políitcos, pois para os protestantes a Bíblia era o único instrumento que continha as palavras de Deus. Não seria para constar apenas no plenário da Câmara, conforme nota veiculada:

---

[284] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 13 ago. 1984, p.2.
[285] Ver: DANTAS NETO, Paulo Fábio. Tradição, autocracia e carisma: a política de Antônio Carlos Magalhães na modernização da Bahia (1954 – 1974). Belo Horizonte. UFMG. 2006 e SANTOS, Igor Gomes. *Na contramão do sentido*: origens e trajetória do PT de Feira de Santana – Bahia (1979 – 2000). Niterói. UFF. 2007. Dissertação de mestrado.
[286] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 16 set 85, p. 2.
[287] *Assembléia Legislativa*. Salvador. Projetos de Lei da Câmara Legislativa. Projeto de Lei 7231/88 de 14 mar. 1988 e 7024/87 de 15 out. 1987.
[288] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 05 abr. 1984, p.2.

> Por sua vez, o autor do projeto voltou a dizer que a bíblia vai orientar espiritualmente os trabalhos do Legislativo. Frisou que a colocação do livro sagrado na mesa da Câmara não é para um simples enfeite e sim para o manuseio. Diante disso, ele recusou o termo entronização porque 'não vai adiantar nada a gente colocar a bíblia num trono.[289]

Na década de 1940 os protestantes que se opuseram em nível federal contra a presença do crucifixo, agora com mais visibilidade numérica e política reivindicavam a entronização da Bíblia. Essa proposta ocorreu também em nível estadual com o então deputado Gerson Gomes, em seu mandado de 1987[290].

Como vereador, Waldeir Pereira chegou a cogitar concorrer à Deputado Estadual, mas perdeu o apoio oficial da Convenção Estadual das Assembléias de Deus na Bahia para Gerson Gomes da Silva, que certamente foi indicado pela sua presença à mesma e um maior capital simbólico e eleitoral. Conforme o jornal *Feira Hoje*.

> O nome do vereador Waldeir Pereira não foi escolhido pela comunidade evangélica da Bahia para candidatar-se a deputado estadual. O escolhido terminou sendo o expeemedebista Gerson Gomes, que hoje trabalha no governo João Durval e vem arquitetando a sua candidatura há mais tempo que Waldeir.
> A definição foi feita no final desta semana em Salvador, durante a realização de um Congresso dos 'crentes' da Assembléia de Deus. Waldeir não pôde comparecer ao Congresso no dia em que o problema político seria tratado. Gomes se viu só e pode apresentar a sua plataforma.[291]

A ausência de Waldeir Pereira na Convenção das Assembléias de Deus na Bahia facilitou a indicação de Gerson Gomes que, contudo, tinha uma vivência política mais reconhecida no meio evangélico dado seus trabalhos anteriores como vereador e deputado estadual. Sobre as derrotas de Waldeir Pereira e comentando as dificuldades que um político evangélico tinha para se eleger, Cadmiel Pereira explanou:

> Era muito difícil a Igreja entender a importância da política, para a Igreja, porque acreditava-se, até então, que a política era coisa do 'cão', a política era coisa de mentiroso, a política na Igreja só faz distanciar o projeto da Igreja na Terra que é levar as "Boas Novas", a

---

[289] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 25 abr. 1984, p.2.
[290] SILVA, Elizete da. *Cidadãos de outra pátria*: anglicanos e batistas na Bahia. Tese de Doutorado. São Paulo. FFLCH-USP. 1998.
[291] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 02 dez. 1985, p.2.

> mensagem de salvação para o povo que necessitava de Jesus, mas não entendia que a política era necessária para poder abrir as portas e que a Igreja também tem em seus membros pessoas que tributavam, que tinham o direito de gozar de benefícios de poder público para beneficiar o mesmo projeto da Igreja. Mas por falta dessa concepção dos líderes na época que não gostavam de fazer essa parceria política ficou mais difícil tanto para Waldeir ou para Gerson Gomes ou para outras personagens políticas que começou a iniciar seu projeto, seu andarilho político na Igreja.[292]

Os líderes eclesiásticos iniciais do pentecostalismo assembleiano, Gunnar Vingren e Daniel Berg, não se envolveram em política, dado ao contexto de formação deles em fins do século XIX, início do XX, que condenava os aspectos mundanos, como a política. Contudo, os líderes assembleianos subseqüentes sabiam da importância da política para o benefício da denominação, contudo, haviam construído junto aos seus fiéis a idéia de mundo como prejudicial ao cristão. Assim, durante décadas, enfrentaram dificuldades para convencê-los da importância de se eleger líderes políticos do seio do grupo. Muitos ainda encaravam esta relação grupo religioso e política como elementos diametralmente opostos.

Na década de 1990, Waldeir Pereira tornou-se pastor da ADEFS. Foi pastor do templo do Cruzeiro, da comunidade do Tomba e vice-presidente da ADEFS. Contudo, no ano 2000, por influência do movimento celular do G12 (Grupo dos Doze)[293], saiu juntamente com Carlos Tolentino, que foi pastor presidente da AD, e outros membros da convenção das Assembléias de Deus na Bahia e se ligaram a convenção da AD do Amazonas. Por um período o nome da nova denominação permaneceu sendo AD, sendo Assembléia de Deus Missão Boas Novas. Mas, com a reformulação do Estatuto, tirou a titulação AD, passando a Ministério Internacional Boas Novas[294]. Permaneceu nesta denominação como vice-presidente até seu falecimento, em 2002.

---

[292] Entrevista com Cadmiel Pereira, concedida ao autor em 19 de março de 2008.
[293] Sobre o movimento celular do G12 ver DIAS, Caroline Silva Luz. *Neopentecostais em Feira de Santana*: o G12 e o Modelo dos 12 e o Mover do Fruto Fiel. Mestrado em História. UEFS. 2009. (Dissertação de mestrado).
[294] Entrevista com Cadmiel Pereira, concedida ao autor, em 19 de março de 2008.

Um perfil de Gerson Gomes da Silva

Gerson Gomes nasceu em Capela do Alto Alegre – no sertão Bahia. Lá freqüentou a Igreja Presbiteriana, tendo contato com o Evangelho. A vinda para Feira de Santana ocorreu na década de 1950. O contato com a Assembléia de Deus ocorreu devido a relação mantida com o casal de "irmãos" Eduardo e Amália Nascimento, e com o pastor, neste período Manoel Joaquim[295], uns dos primeiros integrantes da Denominação em Feira de Santana. Este contato inicial foi responsável por seu batismo. O trabalho religioso com estes membros, através da pregação do Evangelho, iniciou Gomes em trabalhos assistenciais. Na Assembléia de Deus tornou-se diácono.

A Assembléia de Deus já possuía uma entidade assistencial, o Orfanato da Assembléia de Deus. E Gerson Gomes, a partir de suas relações com outros evangélicos foi aprofundando seu trabalho assistencial. O assistencialismo foi o primeiro passo para que iniciasse sua vida pública.

> Para que esse trabalho florescesse eu tive a oportunidade de trabalhar com um missionário americano chamado Rogério. O sobrenome dele eu não me lembro. Ele foi o fundador da Igreja Presbiteriana, na Rua Fernando Sampaio... E o pastor Rogério recebia de um certo órgão internacional chamado *Alimento para a paz*. Vinha alimento dos Estados Unidos, da Alemanha, da Finlândia, da Suécia... E esses alimentos vinham para Feira de Santana... Era uma pequena cesta básica da época e aí foi nascendo o desejo de servir, entendeu? E com esse desejo nascia a aspiração política[296].

O trabalho junto ao programa internacional *Alimento para a Paz, Aliança para o progresso* promovido pelos EUA a partir da década de 1960 movimentou diversos grupos religiosos em Feira de Santana[297]. Igor Santos demonstrou o recebimento desses alimentos também com a Primeira Igreja Batista de Feira de Santana, em consulta as atas deste grupo. O que salientou que a atividade assistencialista foi uma prática de expansão geográfica e atuação política de diversos grupos protestantes. Este aspecto relacionou-se à política norte-americana, salientada por Silva, no sentido de os EUA proverem

---

[295] Entrevista com Gerson Gomes, concedida ao autor em 13 de outubro de 2005.
[296] Entrevista com Gerson Gomes, concedida ao autor em 13 de outubro de 2005.
[297] SILVA, 2008, op. cit.

a salvação do mundo, pensamento compartilhado por diversos pregadores advindos da América do Norte[298].

> Em julho de 1962, a Primeira Igreja Batista de Feira de Santana "*votou unanimemente entrar na campanha de distribuição de alimentos para a paz*", angariados pelo intermédio da Confederação Evangélica do Brasil. É importante salientar que os membros desta igreja já percebiam a importância da assistência social, a ponto de criar uma comissão específica para este trabalho, que se constitui das pessoas mais destacadas na hierarquia da igreja[299].

Este programa internacional assistencial foi organizado pelo missionário americano Rogério Perkins, da Igreja Presbiteriana. Também desenvolveu trabalho com os pastores Fileto Barreto, da Segunda Igreja Batista de Feira de Santana e Antônio Limeira, da Igreja Fundamentalista. Este contato com lideranças religiosas o levou a outros setores denominacionais, ultrapassando os contatos com as lideranças do campo religioso da Assembléia de Deus de Feira de Santana, como era o caso com o pastor Perkins, que pastoreou em Feira de Santana. Conforme Silva

> Em 1958 assumiu o pastorado o missionário norte-americano Reverendo Dr. Rogério Perkins, o qual *com ajuda de igrejas norte-americanas, colegas seus e com as contribuições dos membros da Igreja conseguiu verbas para comprar o terreno e construir o templo, na rua Professor Fernando São Paulo, Ponto Central – onde hoje corresponde ao anexo da Igreja" (SILVA, 2002, p. 2).* [300]

O passo seguinte, a entrada na vida política partidária, iniciada ainda na década de 1950, deu ânimo para continuar na vida pública, segundo Gomes[301]. Em 1958 a AD anunciou sua candidatura. *O irmão Erundino pediu a palavra para fazer uma retificação sobre uma parte que faltou na ata que foi sobre a candidatura do irmão Gerson que cada irmão devia se esforçar para conseguir votos para o nosso irmão*[302]. A candidatura não rendeu mandato, mas já

---

[298] SILVA, Elizete da. *Protestantismo Ecumênico e realidade brasileira*. UEFS. Feira de Santana. 2007, p. 73. (Trabalho de plenitude).
[299] SANTOS, Igor Gomes. *Os evangélicos e a política partidária*. Relatório de pesquisa PROBIC. Feira de Santana, jun., 2005, p. 16.
[300] SILVA, 2007, op. cit., p. 129.
[301] Entrevista com Gerson Gomes, concedida ao autor em 13 de outubro de 2005.
[302] *Livros de atas da Assembléia de Deus de Feira de Santana*. Feira de Santana. 31 mar. 1958, p. 10.

registrou um interesse do grupo religioso em eleger um candidato. A sugestão na ata partiu de Erundino Soares, irmão do Pastor Severino Soares.

Em 1962 foi novamente candidato a vereador, pelo Partido Republicano – PR. Nesse momento teve como um dos seus apoiadores Francisco Pinto, político feirense.

> Mais tarde, isso já em 1959, 1960, eu conheci o deputado Francisco Pinto. Então Francisco Pinto tinha sido apenas vereador e era um dos candidatos em potencial para prefeito em Feira de Santana. Aí começamos a desenvolver um trabalho, ele me ajudando. A gente visitando eleitor, fazendo títulos. Eu fiz 500 títulos naquele período. [303]

Gerson Gomes perdeu a eleição, mas ocupou um cargo de assistência social, na prefeitura de Feira de Santana, com a vitória de Francisco Pinto. Neste momento, em parceria com outras denominações protestantes foi fundada a SEFAM. Porém, esta entidade funcionou pouco tempo, devido ao início do regime militar que retirou Pinto da prefeitura.

O golpe de 1964 no País levou a retirada de Gerson Gomes, como de diversos políticos do cenário nacional. Gomes retornou a política quase dez anos após, na década de 1970, a pedido do Pastor Severino Soares, da Assembléia de Deus de Feira de Santana, bem como de políticos locais. O mais importante foi atender a um chamado do grupo religioso. O trabalho político tornou-se uma "vocação" como disse o nosso entrevistado *e aí foi nascendo o desejo de servir*, afirmado com o pedido do Pastor Severino Soares. Nós estávamos orando na Igreja e ele me chamou lá na Secretaria e disse: - Gerson, a Igreja vai lhe apresentar candidato a vereador[304].

Desde Lutero, no século XVI, foi introduzido, no protestantismo, a concepção do trabalho como vocação. O trabalho cotidiano deixava de ser uma maldição do pecado de Adão para se transformar em atividades feitas para glória de Deus. Calvino levou tal concepção ao extremo, em Genebra, propiciando todo o respaldo religioso, isto é, legitimação das práticas mercantis da burguesia nascente, como vocação, como um chamado de Deus para que a

---

[303] Entrevista com Gerson Gomes, concedida ao autor em 13 de outubro de 2005.
[304] Entrevista com Gerson Gomes, concedida ao autor em 13 de outubro de 2005.

burguesia produzisse cada vez mais, justificando, assim, religiosamente o lucro.

Para o protestantismo o trabalho tem uma extrema relação com a ética e a vida religiosa dos fiéis, é o que Weber chama de ascetismo intramundano, isto é, enquanto os católicos só consideravam como vocacionados por Deus o clero, os padres, freiras e monges, os reformados construíram uma concepção doutrinária da vocação para todos os fiéis. Por este princípio vocacional Deus abençoa e exige o trabalho de todos, qualquer trabalho, do mais simples ao mais sofisticado, do público ao privado como missão, feito da melhor forma possível, não para agradar os homens, mas a Deus em observação aos princípios éticos e religiosos. Para o candidato assembleiano a atuação político-partidária atendeu à vocação de viver para a política, ou seja, a política teve importância em atender uma comunidade religiosa, da vocação "para viver para política" e não interesses pessoais, isto é, a vocação para "viver de política" como informou Max Weber, ao discutir a política como vocação:

> A política é como a perfuração de tábuas duras. Exige tanto paixão como perspectiva. Certamente, toda experiência histórica confirma a verdade – que o homem não teria alcançado o possível se repetidas vezes não tivesse tentado o impossível. Mas, para isso, o homem deve ser um líder, e não apenas um líder, mas também um herói, num sentido muito sóbrio da palavra. E mesmo os que não são líderes nem heróis devem armar-se com a fortaleza de coração que pode enfrentar até mesmo o desmoronar de todas as esperanças. Isso é necessário neste momento mesmo, ou os homens não poderão alcançar nem mesmo aquilo que é possível hoje. Somente quem tem a vocação da política terá certeza de não desmoronar quando o mundo do seu ponto de vista, for demasiado estúpido ou demasiado mesquinho para o que ele lhe deseja oferecer. Somente quem, frente a tudo isso, pode dizer "Apesar de tudo" tem a vocação para a política.[305]

Este trecho poético de Max Weber se encaixou perfeitamente para explicar o motivo de Gerson Gomes entrar para a política, pois foi um político a serviço de interesses maiores que um interesse pessoal. Atendeu a um interesse, que há décadas atrás era vista como impossível para um político brasileiro frente ao seu contexto social, pois os pentecostais encaravam a política na promoção de melhorias não só para a comunidade religiosa, mas para coletivo feirense, através de seus projetos assistenciais. A motivação para

[305] WEBER, Max. *Ensaios de sociologia*. Rio de Janeiro. Zahar Ed. 1963, p. 153.

a entrada na política era religiosa, pois o trabalho política seria para a glória de Deus.

O outro pedido para Gomes retornar à política foi das lideranças locais.

> Quando foi em 70 o então prefeito deste, saudosa memória, José Falcão da Silva foi lá em casa e me pediu: - Gerson, você vai voltar para a política, para o bem-estar de Feira de Santana. Você tem uma área que você tem muita penetração, a área social de um meio evangélico. Do meio evangélico tinha um círculo de amizade muito grande... e aí José Falcão insistiu para eu ser candidato a vereador. Eu aceitei a candidatura e fui eleito o segundo mais votado do partido.

O partido a que Gerson Gomes se referiu foi o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), mesmo partido a que pertencia José Falcão da Silva. Este foi responsável também pelo retorno ao cenário político de outras figuras públicas, como Colbert Martins da Silva e intercedeu pela libertação de Pinto, quando o mesmo foi preso pelo regime militar.

Pelo fato de Gomes atender a uma parcela significativa da sociedade feirense no período e ser reconhecido pela mesma, conseguiu uma boa eleição, correspondendo assim às expectativas de Falcão, certo do potencial eleitoral dos evangélicos e sua densidade nos votos, e da penetração de Gomes no meio protestante e o trabalho assistencial que desenvolveu. Foi somado ao interesse da cúpula assembleiana, com o convite do Pastor Severino Soares para que retornasse à vida pública.

Foto 14. Gerson Gomes e Severino Soares com outros assembleianos. Em pé: Presbítero Ezequiel Lopes, Diácono Gerson Gomes, Presbítero Faustino. Sentados: Presbítero Enedino, Manoel Brito, Pastor Severino Soares, um auxiliar não identificado e Zeca Borges. Membros de destaque na comunidade assembleiana feirense e todos negros. Acervo de Eber Soares.

A assistência social foi um fator impulsionante da carreira política de Gerson Gomes, por voltar-se a diversos projetos públicos que beneficiavam a AD, com destinação de verbas aprovadas, seja pela Câmara Municipal de Feira de Santana ou pela Assembléia Legislativa da Bahia.

O assistencialismo evangélico como mediação existia antes do trabalho político de Gerson Gomes, porém, com ele adquiriu um desempenho partidário similar ao assistencialismo da política baiana e brasileira. E foi em torno deste trabalho assistencial para diversas entidades evangélicas, da qual se destacaram o Orfanato da Assembléia de Deus e o Centro de Recuperação Desafio Jovem, ambos da AD, que Gerson Gomes traçou sua carreira política. Carreira pautada com fundamento evangélico, como o mesmo admitiu em reunião na Câmara de Vereadores de Feira de Santana[306].

Foto 15. Formatura no Centro de Recuperação Desafio Jovem. À frente temos o vereador Waldeir Pereira e no canto direito, atrás, o deputado estadual Gerson Gomes. Acervo de Eber Soares.

Portanto, em 1972, ainda no Regime Militar retornou à política partidária e se elegeu vereador pelo MDB, obtendo novo mandato em 1976. Com a carreira em ascensão foi eleito deputado estadual em 1978. Em 1982 disputou

[306] *Atas da Câmara de Vereadores.* Feira de Santana. 20 abr. 1978.

o pleito, agora já como candidato a prefeito de Feira de Santana. O malogro das eleições e conflitos internos do partido levou a sua saída do MDB, passando para o PDS, como assessor de João Durval Carneiro, então governador da Bahia. Seu último cargo político foi como deputado estadual, pelo PFL (ex-PDS e atual Democrata), encerrado em 1990.

A atuação pública, com mandato, de Gerson Gomes iniciou no ano de 1973, após sua vitoriosa eleição em 1972 para vereador. Foi seguida de uma reeleição, confirmada nas urnas, em 1976. Durante este período constatou-se um mandato voltado, sobretudo para as causas evangélicas, com predileção aos órgãos assistenciais do Orfanato Evangélico e do Centro de Recuperação Desafio Jovem da Assembléia de Deus.

A maior parte das proposições foi para a Assembléia de Deus de Feira de Santana, tanto para enfatizar a importância desta e de seus órgãos assistenciais. Como em passagem que cita o Orfanato e sua importância na formação dos futuros cidadãos feirenses. *Em questão de ordem o edil Gerson Gomes solicitou constar da ATA a presença nas galerias das crianças do Orfanato Evangélico, e alguns dos seus membros*[307]*.* A presença das crianças na Câmara Municipal era uma confirmação do seu trabalho enquanto político assembleiano e um espetáculo político ao levar integrantes do projeto assistencial da AD para prestigiar um dos seus benfeitores.

Projetos de lei que beneficiassem a AD ou outras denominações, como nos projetos para doações a AD de áreas de terra para construções da Igreja[308] e para doação de terreno a Igreja Batista Alvorada[309] foram eleboradas pelo deputado. A presença da AD era constante na Câmara Municipal, em sua maioria sempre convidados pelo próprio Gomes.

> Falou da Cruzada Boas Novas que vem tendo reuniões públicas na Praça João Pedreira. Concluindo solicitou da Mesa, convidar o pastor Bernard Johnson e sua equipe, para fazer uma palestra na sessão de sexta-feira, nesta Casa. Em votação foi aprovada por **unanimidade**.[310]

---

[307] *Atas da Câmara de Vereadores*. Feira de Santana. 28 nov. 1975, p. 73.
[308] Ibid. 12 out. 1978, p. 58.
[309] Ibidem. 18 out. 1978, p. 60
[310] Ibidem. 16 mai. 1978, p.41. Grifo nosso.

A aprovação por unanimidade foi uma comprovação do capital simbólico do vereador Gerson Gomes e da importância social da Assembléia de Deus de Feira de Santana, pois os vereadores concordaram com a proposição. Gerson Gomes divulgava constantemente os trabalhos assistenciais de AD, como levava seus pares para dar visibilidade aos trabalhos desenvolvidos pela Denominação. Nessas visitas, como na da Cruzada Boas Novas, promovidas pela AD, os vereadores citaram a presença e parabenizaram o Pastor Severino Soares pelo trabalho na Cruzada, uma pregação pública que acontecia pelas ruas de Feira de Santana.

Questões relativas ao bem-estar da cidade, principalmente os ligados a urbanização, questão de interesse central no desenvolvimento feirense também foram levados pelo edil, como em *Indicação 117/75 solicitando o calçamento para a rua Princesa Isabel*[311]*.* E a necessidade de organização do Centro de Abastecimento, para a orientação espacial que se buscava para a nova Feira de Santana: Era preciso, portanto, *de um maior apoio do Poder Público a Central de Abastecimento, cujo apoio se realmente for dado, a Central terá sido uma grande obra, ou será um fracasso, caso lhe falte o apoio de que carece*. [312]

O problema da moradia passou também à pauta das preocupações de Gerson Gomes, reafirmando princípios assistenciais e criticando a morosidade do então prefeito, José Falcão da Silva em resolver o problema habitacional em Feira de Santana :

> Gerson Gomes da Silva, para rebater as críticas formuladas pelo vereador José Ferreira Pinto, quanto ao PLANOLAR. Disse que o PLANOLAR é inédito no Brasil e a sua implantação deverá ser gradual, como também o Sr. Prefeito, através do PLANOLAR, não prometeu acabar com as invasões.[313]

Outra crítica foi ao governo do Estado, sendo o governador Roberto Santos fruto da indicação do regime militar e a desatenção do mesmo com a cultura em Feira de Santana. Estas posturas reafirmavam princípios da aliança que mantinha com o seu grupo do MDB, mais especificamente a aliança com a dupla Francisco Pinto e Colbert Martins,

---

[311] *Atas da Câmara de Vereadores*. Feira de Santana. 14 out. 1975, p. 18.
[312] *Atas da Câmara de Vereadores.* Feira de Santana. 14 abr 1977, p. 146.
[313] Idem. 05 abr. 1978, p. 22.

> Gerson Gomes da Silva comentando a visita da Comissão Especial de Cultura deste município ao governador do Estado e lamentando a indisposição do Governador em receber a Comissão, a qual foi ali não pedir favor e sim tratar de algo importante, como é o de restaurar nossas Filarmônicas, mas que até certo ponto entendia a situação, porque o Sr. Roberto Santos, não disputou o cargo que ocupa, pois foi apenas nomeado. [314]

Em contraponto, o elogiou, pelos benefícios trazidos à sua comunidade religiosa, ao que atribuiu como *grande trabalho que está realizando o atual prefeito Municipal, e além de outras citou o amparo que vem dispensando ao Orfanato Evangélico* [315].

Dentre as intervenções chamou a atenção uma questão referente à situação da Igreja Senhor dos Passos, católica. Não deixou de trazer uma crítica, ao remeter a pouca ajuda dos fiéis católicos, em oposição ao dízimo, que sustentava as comunidades evangélicas e era obrigação do fiel evangélico:

> Gerson Gomes da Silva para lamentar também o problema em que se encontra a Paróquia do Senhor dos Passos. **Disse que lamentava principalmente pela falta de efetiva colaboração de seus fiéis**... foi lida ainda a Indicação n 118/77, sugerindo ao Sr. Prefeito Municipal a criação de uma comissão com a finalidade de angariar fundos para que seja paga a dívida trabalhista da Igreja Senhor dos Passos.[316]

Gerson Gomes foi eleito deputado estadual no ano de 1978, assumindo mandato até 1982. Manteve a mesma postura e ações, de quando era vereador, ou seja, em intervir em favor dos evangélicos. Uma característica deste político assembleiano, durante seus mandatos como deputado estadual, foi a aprovação de projetos de utilidade pública para órgãos e entidades sociais, sobretudo evangélicas[317]. A elaboração dos projetos de lei declarando entidades sociais como de utilidade pública foi uma forma de fornecer subvenção estadual para a manutenção das mesmas, desde que fossem voltadas para a comunidade e seus membros realizassem o trabalho filantrópico não remunerado.

---

[314] *Atas da Câmara de Vereadores*. Feira de Santana. 02 out. 1975, p. 5.
[315] Idem. 02 out. 1975, p. 5.
[316] *Atas da Câmara de Vereadores.* Feira de Santana. 22 nov. 1977, p. 13-4. Grifo nosso.
[317] Verifica-se isto em consulta a dados da Assembléia Legislativa de Salvador, durante os dois mandatos de Gomes.

Diversas entidades assistenciais religiosas foram beneficiadas pelo político assembleiano, que elaborou projetos de lei declarando de utilidade pública instituições sociais por seu trabalho junto à comunidade da região em que se instalou. As entidades e congregações da Assembléia de Deus foram fartamente beneficiadas. Algumas destas foram a Associação de Amparo ao Menor Abandonado (AMA), em Feira de Santana, cinco de agosto de 1987; a Associação Beneficente, em Candeias, quinze de outubro de 1987; a Sociedade Beneficente, em Conceição do Jacuípe, trinta de agosto de 1988, a Caixa de Assistência Social, em vinte e nove de junho de 1988[318], entre outras.

Beneficiou outras entidades evangélicas com a subvenção estadual. Como o Instituto Bíblico Batista do Nordeste, em Feira de Santana, doze de setembro de 1979; Juventude Batista Feirense, de Feira de Santana, em sete de outubro de 1981; a Igreja Batista da Pituba, em Salvador, treze de abril de 1988; a Igreja Presbiteriana Independente de Salvador, primeiro de abril de 1988, a Associação Beneficente Deus é Amor, em Feira de Santana, dezessete de janeiro de 1989, o Orfanato Evangélico Lar da Criança, em Santo Antonio de Jesus, vinte e um de junho de 1989, a Sociedade Beneficente da Congregação Batista Monte Hermon, em Itaberaba, vinte e um de junho de 1989[319], para citar algumas.

O subsídio do Estado também foi proposto a entidades assistenciais e associação de moradores que não tinham necessariamente vinculação religiosa, como o Centro Comunitário Esperança, em Salvador, cinco de agosto de 1987, a Associação Comunitária Boa Esperança, em Retirolândia, cinco de agosto de 1987, a Associação de Proteção à Infância, em Feira de Santana, dezessete de maio de 1988; a Associação Beneficente da População de Baixa Renda, em Castro Alves, vinte e nove de junho de 1988; a Associação de Moradores do Bairro Jardim Acácia, em Feira de Santana, primeiro de novembro de 1988; a Associação de Moradores do Bairro da Chácara São

---

[318] *Assembléia Legislativa*. Salvador. Projetos de Lei da Assembléia Legislativa de Salvador. Projetos de Lei: 6899/87, 7024/87, 7547/88, 7508/88, respectivamente.

[319] *Assembléia Legislativa*. Salvador. Projetos de Lei da Assembléia Legislativa de Salvador. Projetos de Lei: 5057/79, 5442/81, 7298/88, 7299/88, 7721/89, 8015/89, 8817/89, respectivamente.

Cosme, em Feira de Santana, seis de junho de 1989[320]. Estas foram algumas beneficiadas.

Gerson Gomes atuou também no sentido de emancipar povoados, tornando-os municípios, como foi o caso de Capela do Alto Alegre, local do seu nascimento, desmembrando-o de Riachão de Jacuípe[321].

Contudo, dois projetos chamaram a atenção. O primeiro foi relativo a manutenção da Bíblia Sagrada na Mesa da Assembléia Legislativa durante as sessões. Conforme Art. 1: *Fica exposta sobre a mesa da Assembléia Legislativa do Estado durante as sessões plenárias em lugar de destaque um exemplar da Bíblia Sagrada*[322].

Foto 16. Campanha eleitoral de Gerson Gomes no ano de 1986. O candidato segura a Bíblia, como uma identificação de sua postura religiosa, típica dos protestantes. Acervo de Eber Soares.

Em sua justificativa para a presença da Bíblia, utilizou testemunho do presidente norte-americano Lincoln sobre a Bíblia: *Tirai tudo o que puderdes deste livro pelo raciocínio e o resto pela fé e vivereis e morrereis o homem*

---

[320] Idem. Projetos de Lei: 6895/87, 6900/87, 7231/88, 7473/88, 7629/88, 7998/89, respectivamente.
[321] Ibidem. Projeto de Lei 4853/79.
[322] Ibidem. Projeto de Lei 1380/80, 20 mar. 1980.

melhor[323]*.* Denota-se o ideal do evangelismo norte-americano ainda prevalecendo como um modelo de organização social. Ainda acrescentou:

> Considerando a fonte de sabedoria inigualável, manancial de águas puras e cristalinas, que as nações fundamentam suas leis no santo livro e nos fundamentos de sua existência, que o maior sistema revolucionário de ética nele está contido, que sua presença neste Plenário será uma luz radiosa a apontar o caminho do Alto em alerta a todos, que a liberdade não é um bem de conquista, porque o berço trouxe para todo ser humano o direito de ser livre, porque Deus conferiu ou homem o livre arbítrio direito inalienável ratificado na Carta das Nações Unidas.[324]

O segundo projeto foi tornar proibido o uso de tabaco em repartições públicas estaduais de ambientes fechados e transporte de massa. Segundo o Art. 1, deste projeto: *É proibido o uso de cigarro, cachimbo, charuto, cigarro de palha e quaisquer formas de tabagismo em órgãos de administração pública estadual, as autarquias, as fundações, as empresas de economia mista de Ambientes Fechados e transportes de massa*[325].

O deputado Gerson Gomes elaborou este projeto enquanto presidente da comissão de meio ambiente. O projeto foi aclamado pelos demais membros da Assembléia Legislativa que reconheceram os malefícios do cigarro, mas em outro projeto que seguia a mesma orientação deste, o sucesso não foi o mesmo. Pelo projeto proibia *a inserção de material publicitário pró o uso de quaisquer tipo e forma de tabagismo nos meios de comunicação que patrocine a chamada "cultura" em todo território nacional*[326]. Este foi arquivado, por ferir interesses maiores, sendo solicitado seu desarquivamento. Contudo, esta não foi o primeiro projeto de lei e sim mais um de uma série de projetos de lei, no Estado da Bahia, que proibia esta veiculação, não indo adiante em sua aprovação, pois as indústrias de cigarro estavam atentas.

Indicaram estas passagens a condenação do uso de cigarro e seus derivados, entre os projetos de Gerson Gomes pelo seu aspecto moral, um fator importante que deveria se pautar a política evangélica. A preocupação com aspetos físicos e morais sempre estiveram na pauta evangélica, mais que

---

[323] *Assembléia Legislativa*. Salvador. Projetos de Lei da Assembléia Legislativa de Salvador. Projeto de Lei 1380/80, 20 mar. 1980.
[324] Idem. Projeto de Lei 1380/80, 20 mar. 1980.
[325] *Assembléia Legislativa*. Salvador. Projetos de Lei da Assembléia Legislativa de Salvador. Projeto de Lei 725988 de 28 mar. 88.
[326] Idem. Projeto de Lei 7837/89, de 10 abr. 89.

a preocupação com projetos políticos e fidelidade partidária. Gomes não fugiu a esta regra.

Outro artifício bastante utilizado pelo político, tanto nos mandatos de vereador quanto nos de deputado, foi o uso de moção. Elaborou moções para congratular os líderes religiosos, sobretudo protestantes, pelas atividades desenvolvidas nas Denominações Protestantes, como pelo aniversário destes à frente de uma congregação. Utilizou moções também para prestigiar pessoas de notoriedade na sociedade, como para lamentar o falecimento das mesmas.

Após dois mandatos seguidos como vereador e um como deputado estadual, Gerson Gomes foi chamado pela cúpula do MDB feirense, Francisco Pinto e Colbert Martins para candidatar-se a prefeito, dada a credibilidade que havia alcançado para além do segmento evangélico.

Foto 17. Candidatos a prefeito em 1982 em Feira de Santana: Antônio Ozzetti (PT), Luciano Ribeiro (MDBI), Gerson Gomes (MDBII) e José Falcão da Silva (PDS). Foto do Jornal Feira Hoje.

Durante sua candidatura enfrentou uma divisão no próprio MDB, pois sua indicação não era consenso no partido, que se dividiu em duas sublegendas, indicando dois prefeitos. O MDB I foi encabeçado por Gerson Gomes e o MDB II, por Luciano Ribeiro. Também candidatou-se uma expressiva figura pública, José Falcão da Silva, ex-emedebista, e agora integrante do PDS, que abrigava seu antigo adversário, João Durval da Silva, que foi da ARENA, e o apoiou nas eleições feirenses. Sobre esse episódio que

resultou em sua derrota política e foi um divisor na sua relação com a chamada "esquerda" feirense, Gerson Gomes fez diversas referências. Primeiro se referiu ao convite para candidatar-se:

> Quando estava me preparando para uma reeleição, me candidatar a reeleição **[se refere a reeleição de deputado estadual]**, fui convocado pelo grupo do partido aqui encabeçado por Chico Pinto e Colbert Martins para ser o candidato, pra substituir o Colbert Martins que era prefeito na época. Eu aceitei a candidatura e já nesse momento Zé Falcão tinha se aliado ao grupo da ARENA ou PDS, na época, e eu tive que me deparar com José falcão e fomos os dois candidatos. Ele pelo partido do governo e eu pela oposição, com o apoio de Chico Pinto e Colbert, com o apoio do meu MDB e a minha campanha foi muito boa, campanha extraordinária.[327]

O MDB não era de fato apenas de Gerson Gomes, como disse ao se referir ao *meu MDB*, era também de Luciano Ribeiro, que concorria pelo mesmo partido. Essa divisão, sem dúvida influenciou no resultado da campanha. O jornal *Feira Hoje,* que fazia campanha para José Falcão não se cansava de afirmar a divisão interna que sofria o MDB. Outro aspecto relevante na derrota de Gerson Gomes e do MDB foi a candidatura de João Durval Carneiro para o governo da Bahia e a ligação com José Falcão como candidato a prefeito de Feira da Santana, fortalecendo a candidatura de ambos.

> Com a morte de Dr. Clériston Andrade que era candidato do governo, o Dr. João Durval foi convocado para ser o candidato a governador da Bahia... Sendo eu candidato a prefeito pelo MDB, a minha campanha sofreu um impasse, então o eleitorado ficou estremecido. E eu senti que podia perder a eleição.[328]

O que de fato ocorreu. A campanha de Falcão ganhou mais força, enquanto o MDB se dividia no apoio a Gomes e Ribeiro.

> Perdi a eleição de prefeito de Feira de Santana e perdi também a oportunidade de ser deputado pela segunda vez que eu estava com um trabalho muitíssimo grande na Bahia toda. Nem só a Igreja Evangélica. Eu dava todo o apoio como a oposição me dava também muito apoio em todo o Estado. No meio secular, sem ser no meio evangélico. De modo que o meu trabalho na Assembléia legislativa é um trabalho bom. Eu fazia um bom trabalho... Mas com a derrota que eu tive pra prefeito em Feira de Santana eu me isolei um pouco. Nesse isolamento que eu tive houve uma interpretação de que eu

[327] Entrevista com Gerson Gomes, concedida ao autor em 08 de fevereiro de 2008. Grifos nossos.
[328] Entrevista com Gerson Gomes, concedida ao autor em 08 de fevereiro de 2008.

> teria tido um impasse com o meu partido PMDB, Chico Pinto e Colbert Martins. Eu não tive nenhum impasse assim direto com eles, mas fiquei triste porque perdi a eleição de prefeito, **Colbert foi ser deputado em meu lugar**, Chico Pinto foi pra Brasília como Deputado Federal e eu achei aqui que meus colegas de partido poderiam me dar um pouco mais de apoio, mas não reclamei.[329]

As relações no MDB com o fracasso nas urnas de seu dois candidatos para José Falcão ficou bastante estremecida. Não bastasse a divisão em MDBI e MDBII, perder uma eleição que os principais integrantes do partido, a dupla Pinto – Colbert dava como certa foi desgastante.

Foto 18. A dupla de políticos Colbert Martins e Francisco Pinto: os principais mentores políticos de Gerson Gomes, após um dos comíssios políticos de 1982, em Feira de Santana. Foto do Jornal Feira Hoje.

Ademais, já sofriam por parte dos integrantes de partido a acusação de déspotas, o que era corroborado pelo *Feira Hoje*, que em jornal trouxe a nota *A derrota da prepotência*.

---

[329] Entrevista com Gerson Gomes, concedida ao autor em 08 de fevereiro de 2008. Grifos nossos.

> E a prepotência foi derrotada. Apurado os votos, uma dupla derrota para a dupla Pinto-Colbert: perdeu o comando político-nacional e o seu candidato, não conseguiu ter mais votos que o rebelde Luciano. Ganhou na zona rural um voto "encabrestado", onde não se discute a qualidade dos candidatos, mas aceita-se a indicação dos chefes.[330]

O jornal além de questionar a qualidade e a força política de Gerson Gomes fez uma indicação para o não apoio da dupla, especialmente de Colbert Martins para não apoiar Luciano Ribeiro, pois este era tachado de rebelde, ou seja, não aceitava os mando e desmandos que julgava-se haver no partido por parte destas lideranças.

Abaixo a apuração final das eleições para prefeito de Feira de Santana, no ano de 1982.

Tabela 4. Últimos números da eleição a prefeito (1982)

Últimos números

Na Bahia (oficiais)

Governador	Capital	Interior	Total
João Durval	81.455	840.340	921.795
Roberto Santos	311.706	381.593	693.299
Vantagem do PDS			228.496

Neste município (extra-oficiais)

Governador	Sede	Distrito	Total
João Durval	29.173	8.299	37.472
Roberto Santos	26.373	8.860	35.233
Vantagem do PDS			2.239

Prefeito	sede	distritos	total
José Falcão	28.392	8.009	36.401
Gerson Gomes	12.567	5.852	18.419
Luciano Ribeiro	12.861	2.423	15.284
Total de votos do PMDB			33.703
Vantagem do PDS			2.698

Resultado das eleições de 1982. Feira Hoje. 21 nov. 82, p.1.

[330] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 24 nov. 1982, p. 2.

A vantagem de José Falcão sobre a legenda de seus adversários, o MDBI e MDBII, foi de 2.698 votos, sendo que ganhou tanto na sede quanto nos distritos. Acreditava o MDBI a superioridade de votos de Gomes nos distritos. Comparado com Luciano Ribeiro, o mesmo levou vantagem, apesar de que o apoio do feirense João Durval a José Falcão, ambos populares na região feirense, e candidatos a governador e a prefeito pelo mesmo partido, somaram mais de 2000 votos em Relação a Gerson Gomes. Em relação à sede de Feira de Santana, Luciano Ribeiro levou vantagem de quase 300 votos em relação a Gerson Gomes.

João Durval foi vitorioso na campanha para governador, devido a forte popularidade no interior baiano, alcançando mais do dobro da votação de Roberto Santos, que se saiu bem melhor na capital, mas a superioridade dos votos desta não foi suficiente para se aproximar dos votos do candidato do PDS nos interiores. O curioso foi à pequena vantagem que o mesmo teve no distrito feirense.

Outra razão apontada por Gerson Gomes para a derrota nas urnas foi de cunho religioso. Ao analisar a totalidade do campo religioso feirense, o candidato assembleiano disse que a "ética" que mantinha, mesmo estando afastado da comunhão com o grupo, pois havia sido disciplinado (e se autodisciplinado), por não cumprir as normas pregadas pela AD, prevaleceu no momento de fazer a campanha:

> Eu caí. Era um bom crente. Sempre temente a Deus, sempre fui e eu caí na fé. **Eu não reneguei a minha fé, eu pequei e caí e me mantive no exílio espiritual**. Quando fui candidato a prefeito e a deputado estadual eu não estava na comunhão da Igreja, mas a Igreja me dava todo apoio, porque o meu problema era um problema exclusivamente meu, mas que em nada tinha influência ao que a gente poderia desenvolver em favor da causa.[331]

A respeito das punições de Gerson Gomes na Assembléia de Deus, elas foram expostas em diversos momentos. Ainda em 1969 foi disciplinado por desacatar as normas do grupo religioso. *Um esclarecimento feito pelo irmão Gerson Gomes a respeito de um televisor que comprara, sendo constrangido a*

---

[331] Entrevista com Gerson Gomes, concedida ao autor em 08 de fevereiro de 2008. Grifo nosso.

vendê-la para continuar em paz com a igreja[332]. Já no ano de 1973 foi excluído: *exclusão de Gerson Gomes da Silva em uma reunião da ceia do dia 11 de maio*[333]. Em 1976, uma nova declaração, mas com um intuito declaradamente eleitoreiro: *Prosseguindo o pastor leu uma carta do vereador G. Gomes, fazendo explicação sobre a sua decadência espiritual e avisando sobre a sua candidatura e reeleição à Câmara de vereadores este ano*[334]. Contudo, continuou sempre no auxílio, que era mútuo, à denominação:

> Foi apresentada para a igreja a escritura do terreno dado pela prefeitura de Feira de Santana, as pessoas interessadas foram: o deputado Gerson Gomes da Silva em conexão com o prefeito Colbert Martins da Silva, e no dia 11/2/82 o pastor presidente Severino Soares fez uma ressalva dizendo para igreja que foi um lapso não ter falado que todas as despesas da citada escritura foram pagos pelo deputado Gerson Gomes da Silva, e ele merece toda nossa consideração; a prefeitura doou mas havendo um intermediário. A área fica na Vila Tricolor no Cruzeiro.[335]

Gerson Gomes fez questão de deixar claro que a vida política não atrapalhava a vida espiritual, apesar desta ter sido um tanto conturbada e controversa, como demonstrou as atas da AD e como se ambas (política e religião) não estivessem relacionadas. Tanto estavam que seu sucesso eleitoral, e a quantidade de votos que teve nas urnas para prefeito, mesmo tendo perdido as eleições era em grande expressão dos protestantes, aspecto que Gomes reconheceu. Porém, a fé que disse não ter renegado influenciou sua campanha eleitoral, pois enquanto candidato a prefeito teria que percorrer diversos locais, inclusive redutos do catolicismo e do candomblé, que não eram tão necessários para uma campanha para vereador ou deputado. Das representações que elaborou para tecer discussões da derrota, uma em especial chamou a atenção, a festa católica para Senhor do Bonfim, na Igreja da Matriz.

> Quando chegamos lá tivemos de subir no coreto, na frente da Igreja. O santo já estava lá dentro. No coreto não foi graça porque tinha

---

[332] *Livros de atas da Assembléia de Deus de Feira de Santana*. Feira de Santana. 05 dez. 1969, p. 181

[333] Idem. 13 jun. 1973, p. 27.

[334] *Livros de atas da Assembléia de Deus de Feira de Santana*. Feira de Santana. 02 jul. 1977, p. 20.

[335] Idem. 05 fev. 1982, p. 155. Interessante frisar que Severino Soares era assessor parlamentar de Gerson Gomes neste período.

> umas cinco mil pessoas, aí o padre lá na frente assumiu o trabalho: - Agora meus irmãos nós vamos nos ajoelhar para adorar Senhor do Bonfim e eu era o candidato a prefeito, candidato para ganhar a eleição. Aí eu disse: Senhor, eu vou perder esta eleição, mas eu quero honrar minha fé diante Ti aqui... Todo mundo ajoelhou. Colbert olhou pra mim, ficou em pé ao meu lado. Hermes Sodré ficou em pé ao meu lado. E um camarada lá no meio da multidão, devia ser um eleitor meu: - Ajoelha herege. Quer dizer, minha candidatura foi assim, uma candidatura de postura, em todos os sentidos.[336]

Nesta afirmação de Gomes observa-se o propósito do ideal evangélico de colocar os princípios cristãos acima de qualquer interesse, não poderia que o desabonar.

Conforme o fez Daniel quando do sítio de Jerusalém por Nabucodonosor. Ao rei babilônico solicitar que filhos de Israel, jovens e sem defeito físico, de descendência real, o servisse e o ensinasse a língua e escrita dos caldeus. Porém entre estes havia filhos de Judá, entre os quais Daniel. Além do destaque que teriam por servir ao rei, teriam acesso as suas finas iguarias, as quais Daniel recusou, pois esta seria uma forma de afastá-lo do seu Deus, *então pediu ao chefe dos eunucos que lhe permitisse não contaminar-se. Ora, Deus concedeu a Daniel misericórdia e compreensão da parte do chefe dos eunucos*[337].

Desta parábola bíblica de Daniel pode-se fazer um paralelo com a postura apresentada por Gerson Gomes. Foi uma forma de se confortar, em parte, pela derrota sofrida nas urnas. Colocando a “causa de Deus” em confronto à sua “vaidade”, juntamente com seu momento de estremecimento nas relações com o MDB e integrantes do partido, optou por ceder aos apelos do governador João Durval[338], migrando para o PDS (que se acoplou ao PFL).

Gerson Gomes trabalhou como assessor de João Durval e focou sua atividade em conseguir verbas para as instituições assistenciais evangélicas. Foi eleito vereador no ano de 1986, encerrando seu último mandato parlamentar em 1990. A avaliação que fez da mudança de um partido oposicionista para um situacionista foi uma auto-violência, mas em favor da causa divina: *Eu me auto-violentei e acho que Deus tava no meio disso*[339].

---

[336] Entrevista com Gerson Gomes, concedida ao autor em 08 de fevereiro de 2008.
[337] *Bíblia de Estudo Esperança*. São Paulo. Edições Vida Nova. 2000, p. 588.
[338] Entrevista com Gerson Gomes, concedida ao autor em 08 de fevereiro de 2008.
[339] Entrevista com Gerson Gomes, concedida ao autor em 08 de fevereiro de 2008.

A ausência de fidelidade partidária foi um dos elementos constitutivos e comuns da realidade partidária brasileira. Seja para atender a interesses pessoais ou de determinadas associações ou comunidades, como foi com Gerson Gomes, na busca de atender aos interesses evangélicos. Sua carreira com mandato pelo PDS/PFL durou apenas o mandato de deputado estadual de 1987 a 1990, não conseguindo se reeleger em 1990 para o terceiro mandato de deputado estadual.

O que contribuiu para sua derrota, segundo o mesmo, foi seu projeto de lei que proibia o uso de cigarros, tabaco e charuto em repartições públicas e transportes coletivos, perdendo o apoio da comunidade não evangélica. Outro fator que pode ser apontado foi à renovação do quadro de membros evangélicos, não apenas assembleianos, que se candidataram na década de 1990. Exemplos disso foram Eliel Santana, irmão do pastor-presidente da Assembléia de Feira de Santana, Joeser Santana. Eliel Santana foi vereador por Salvador e tornou-se um dos principais nomes da AD no legislativo baiano. Outro que se destacou foi Gerson Gabriele, de origem batista.

Gerson Gomes foi o escolhido pelo Pastor Severino Soares devido seu prestígio no meio evangélico, não só assembleiano, pois tinha contato e aproximação com lideranças evangélicas de outras denominações, além de ser conhecido em diversos distritos feirenses pelo seu trabalho missionário, ao mesmo tempo em que ele representava um elevado percentual de votos de assembleianos para os partidos que militou, fosse oposição ou situação.

As relações político-partidárias de Gerson Gomes

Gerson Gomes traçou sua carreira política como candidato vinculado a Assembléia de Deus e defendendo os interesses da comunidade evangélica de modo geral, não atendendo apenas a Denominação em que se batizou. Em decorrência de trabalhar com atividades assistenciais tinha contatos com lideranças não só evangélicas, mas também políticas, a exemplo de Francisco Pinto, um de seus primeiros contatos, que foi comentado por Gerson Gomes:

> Chico Pinto se elegeu prefeito de Feira de Santana. Nós trabalhamos muito com ele. Eu, novamente, me revelei como uma pessoa que gostava da assistência social. Assumi cargo no governo Chico Pinto. Era um departamento da assistência social, que ficou a meu cargo[340].

A aproximação inicial de Gerson Gomes na política partidária foi com Francisco Pinto, um político de destaque na sociedade feirense que, ainda como estudante de direito pela UFBA *foi eleito vereador, pelo PSD, conseguindo nas urnas 461 votos, quando exerceu o cargo de Secretário da Càmara, durante os quatro anos*[341]. Foi eleito em 1951, findando seu cargo no ano de 1954. *Ao findar seu mandato como vereador, montou escritório de advocacia, aqui na cidade, juntamente com outros colegas de profissão*[342]*.* Pinto foi advogado de vários sindicatos em Feira de Santana.

O que possibilitou Pinto a esta escalada um tanto rápida aos estudos superiores e à vida política, com o dom da oratória característica de sua pessoa, para o período em apreço, foi à vida relativamente confortável que o pai deixou a ele e sua família antes de falecer, pois o mandato de vereador era gratuito e sem ajuda de custo, para um jovem que assumiu mandato político em Feira de Santana e estudava em Salvador.

Ana Beatriz Nader, em trabalho sobre os Autênticos do MDB, realizou entrevista com Francisco Pinto, que relatou sua formação e atuação na vida pública. *Meu pai possuía fazenda em Feira de Santana e no vizinho município de Coração de Maria, além de uma destilaria. Morreu em 1946, quando encontrava-me com dezesseis anos*[343]. Para a participação na vida política não demorou muito. *Minha vida política começou cedo, exatamente no curso ginasial... Era considerado um dos líderes do movimento secundarista em Salvador*[344].

Na década de 1960 concorreu a eleição para prefeito de Feira de Santana, sendo eleito em 1962. Nesse período que Gerson Gomes assumiu cargo na assistência social, dada a sua forte penetração nos meios sociais feirenses, sobretudo entre os evangélicos, o que atraia Pinto, enquanto político

---

[340] Entrevista com Gerson Gomes, concedida ao autor em 13 de outubro de 2005.
[341] OLIVEIRA, 2006, op. cit., p. 106.
[342] Idem, p. 106.
[343] NADER, Ana Beatriz. *Autênticos do MDB*: semeadores da democracia. História oral e de vida política. São Paulo. Paz e Terra. 1998, p. 141.
[344] NADER, 1998. Op. cit., p. 141.

popular. Conforme relatou: *Foi sob o signo permanente das lutas populares contra forças economicamente poderosas e organizadas, que governei o município durante um ano, até ser tragado pelo golpe de 1964*[345]. Durante seu curto mandato foi responsável por fazer um governo próximo das demandas das camadas populares no que se referiu à reforma administrativa, que contava com a participação e apoio da maioria da população, seu mais expressivo apoio, já que não tinha a polícia e o Governo do Estado no seu auxílio.

> Esta luta no interior do município ganhou amplitude estadual. Dois jornais da capital, pertencentes aos Diários Associados – *Diário de Notícias* (matutino) e *Estado da Bahia* (vespertino) e, com ampla circulação na Bahia, davam cobertura aos nossos adversários e ampliavam as invencionices do jornal local *Folha do Norte* de propriedade do ex-prefeito Arnold Silva da UDN e da rádio "Sociedade de Feira de Santana", pertencente aos frades capuchinhos, que mancheteavam a existência de um *Soviet* em Feira ou "comunistas badernam a cidade", distorcendo e inventando notícias, as mais absurdas, para acirrar os ânimos. Contrabalanceávamos esse domínio dos meios de comunicação com reuniões em praça pública aos sábados, com o auxílio da rádio "Cultura", com menor potência, e um outro pequeno jornal *Gazeta do Povo*, depredado e fechado em 1964.[346]

Os jornais aliados ou que eram favoráveis à permanência do Regime Militar no poder criticaram a política de Pinto, elaborando uma figura política, que depois julgaram ter sido favorável ao próprio, a imagem de comunista ou de membro da esquerda radical. O advento do regime militar modificou a situação política na Bahia. Feira de Santana, com Pinto, teve um destaque, justamente pelo burburinho de governo comunista devido à comunicação que houve entre governo e povo. Sobre a trajetória política de Pinto, se manifestou a *Revista Panorama da Bahia,* que o trouxe como destaque, em sua capa:

> Na Bahia, o governo estava nas mãos do petebista Lomanto Júnior, mas foi o cacique udenista Juracy Magalhães (que ironia do destino), quem requisitou forças do exército no Ceará, para engrossar a repressão no Estado e combater uma rebelião que estaria em curso em Feira de Santana, onde um prefeito teria enlouquecido e, com suas precárias armas, tentava resistir ao governo revolucionário.
> Caiu o governo de Jango, meses depois caiu Francisco Pinto, destronado por militares cearenses a serviço da VI Região Militar. Iniciava-se aí uma história de processos, cassações, inquéritos e tumultos de uma movimentada carreira política de um sertanejo de origem aristocrática rural, cuja área oposicionista foi sendo construída

[345] NADER, 1998. Op. cit., p. 147.
[346] Idem., p. 148.

> por uma artilharia de palavras ácidas que compunham um discurso tido como azedo, excessivamente ferino, e incansavelmente disparado contra o regime anterior. O poder da denúncia era a sua trincheira de resistência à velha guarda da República.[347]

Diversos qualificativos foram criados no período sobre Pinto, como a de "louco" e "revolucionário", atraindo não só a polícia militar ao seu encalço, mas a forte admiração popular, a um sertanejo da oposição, mas "de origem aristocrática rural". O oposicionista realmente não era comunista. O próprio Pinto declarava uma herança getulista em sua postura política. O que o legitimava como oposição estava mais e sua "artilharia de palavras ácidas". A própria revista levantou esta questão, isto é, a contundência de sua oratória contra os adversários políticos.

> Há quem diga que aquele moço de origem rural caiu na esquerda muito mais por circunstância do que por convicção ideológica, não obstante ter a fama de ser leitor assíduo, desde jovem, de *best-seller* da ciência política e principalmente de literatura alemã.[348]

Pinto, portanto, ficou pouco tempo no poder até ter seu mandato cassado, sob a acusação de ter idéias radicais, para o regime vigente, embora ao se analisar o partido do qual Pinto fazia parte no período, não fosse nem radical, muito menos comunista, conforme Igor Santos:

> O PSD era um partido formado principalmente por donos de terra e pecuaristas. Talvez venha daí a predileção de Francisco Pinto, sendo ele mesmo originário de uma família de fazendeiros e donos de uma destilaria. Um partido bastante parecido com o nosso personagem, hábil negociador, eleitoralista e até mesmo com certa tradição coronelista[349].

A cassação de Pinto, pela ação militar em Feira de Santana levou Gerson Gomes a se afastar momentaneamente da política.

O retorno de Pinto à política ocorreu em 1970, como deputado federal, anos após sair da prisão e se livrar de processos quando das acusações de sua postura e perda de mandato de prefeito. Em Salvador, em 1965, foi visitado por José Falcão da Silva, para avisá-lo da decisão da Justiça em conceder sua liberdade, deixando de residir no Quartel General, onde se

---

[347] *Revista Panorama da Bahia*. Feira de Santana. 20 ago. a 04 set. 1985, p. 11.
[348] Idem. 20 ago. a 04 set. 1985, p. 15.
[349] SANTOS, 2007, op. cit., p. 52.

encontrava por determinação da Justiça. *Nessa ocasião, ainda nas dependências do Quartel, encontrei-me com o dr. José Falcão da Silva e Oscar Marques, que me procuravam*[350].

O mesmo José Falcão da Silva foi o responsável pela articulação de retorno político de Gerson Gomes em 1972, ocupando uma vaga de vereador na Câmara Municipal, já pelo Movimento Democrático Brasileiro – MDB. Partido do qual também fazia parte José Falcão da Silva e Francisco Pinto.

Francisco Pinto, nesse período ganhou notoriedade também devido às acusações que constantemente proferia aos seus adversários políticos ou adeptos do golpe. A respeito disto o *Jornal Feira Hoje* reproduziu nota da *Revista Veja*, que ironizava a figura de Pinto:

> Ao longo de uma agitada carreira política, o advogado Francisco Pinto, 48 anos, destacou-se por suas denúncias – que sempre fez, como vereador e prefeito em Feira de Santana, a cidade mais importante do interior da Bahia, ou como deputado federal pelo MDB – invariavelmente inflamadas, mas às vezes, ralas do ponto de vista da prova[351].

O jornal feirense era recorrente em apontar casos e escândalos políticos envolvendo Pinto, sobretudo com as ameaças que pairavam sobre ele de precatória[352]. Gerson Gomes saiu em defesa do aliado inclusive em reuniões na Câmara de Vereadores, como sendo um defensor da pátria, comentando *a respeito da vida pública do Dr. Francisco Pinto e a sua luta pelas liberdades democráticas no País*[353].

José Falcão foi também o articulador do retorno de outro político feirense importante: Colbert Martins, influente no cenário público feirense, bem como na formação política de Gerson Gomes. Colbert Martins iniciou a vida pública como vereador, em 1954. *Foi reeleito para a Câmara Municipal em 1958 e depois em 1962, o qual se desincompatibilizou para assumir o cargo de Secretário de Viação e Obras Públicas, no governo de Dr. Francisco Pinto*[354]. Assim como Gomes afastou-se da política partidária com a retirada do mandato

---

[350] NADER, 1998, op. cit., p. 150.
[351] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 19 out. 1978, p. 2.
[352] Idem., 25 out. 1978, p. 1.
[353] *Atas da Câmara de Vereadores.* Feira de Santana. 04 maio. 1977, p. 156.
[354] OLIVEIRA, 2006, op. cit., p. 84.

de Pinto pelo governo militar. Conforme o relato da *Revista Panorama da Bahia*:

> Depois de um período longe das atividades políticas – dedicando-se ao seu consultório de odontologia – Colbert é convidado pelo prefeito eleito, José Falcão da Silva, então no MDB, para dirigir a Surfeira – Superintendência de Urbanismo de Feira de Santana.[355]

Colbert Martins foi também um dos principais nomes da política feirense das décadas de 1970 e 1980. Juntamente com Pinto tornaram-se os principais caciques emedebistas O que provocou uma primeira cisão interna com José Falcão da Silva. O MDB fazia oposição ao partido governista, a Arena. Foi a fase do bipartidarismo. Portanto aqueles que não pertenciam ao partido do governo estavam no MDB. Era assim, um caldeirão de tendências, que incluía os democratas, os que colaboravam com a Arena, mas permaneciam na "oposição" e uma série de grupos menores de tendências as mais variadas. Portanto, podemos afirmar ser o MDB, de oposição, não necessariamente de esquerda.

> A forma com a qual o MDB foi constituído, em pleno regime de ditadura, de imediato afastou a militância mais à esquerda da sua proximidade. Poucas exceções como o PCB, o PC do B e o MR-8, tentavam expressar o descontentamento popular com votos no MDB[356].

Não era também o partido coeso em suas ações e posturas. A própria diversidade de tendências apontou para essa falta de coesão política. O MDB de Feira de Santana foi, dessa forma, se constituindo em duas tendências principais: a primeira, em torno de Francisco Pinto e Colbert Martins, e a segunda, em torno de José Falcão da Silva. Este impasse nas alianças emedebistas resultou na migração de José Falcão para o PDS, com a abertura democrática, pós-governo militar.

O *Jornal Feira Hoje*, constantemente demonstrava a cisão que havia no MDB, que apoiava sutilmente o partido governista. Uma das notícias mais emblemáticas que trouxe o Jornal ao se referir à crise do partido trouxe MDB versus MDB, quando o partido apoiou a eleição indireta do governador Chagas

---

[355] *Revista Panorama da Bahia*. Feira de Santana. 30 nov. 1988. p. 3.
[356] SANTOS, 2007, op.cit., p. 80.

Freitas e do Senador Amaral Peixoto, no Rio de Janeiro, contrariando assim, seu princípio maior, de abertura democrática e eleições diretas. A atitude implicou em ameaça de anulação da convenção emedebista, não sendo concretizada. Um jornal feirense reportou.

> A crise que se abate sobre o MDB da Bahia, ao contrário dos que muitos pensam, não é um privilégio do Diretório Regional. As atitudes, os atos e as decisões emedebistas vêm, há muito tempo, em plano nacional, cercadas de contradições e incoerências... Está, pois o MDB baiano envolto em nova crise, das mais sérias e das mais graves porque já passou, na sua tumultuada existência, desde que foi fundada[357].

A situação de crise do MDB minava a própria articulação interna do partido, o que levou a uma série de disputas. Esta situação se acirrava em diversos momentos, com destaque em períodos eleitorais.

> O ex-prefeito José Falcão da Silva considera que "está na hora do presidente do diretório local do MDB, o reconhecido líder e ex-deputado Francisco Pinto demonstrar o seu poder de liderança, comandando a campanha em alto nível, sem permitir nenhum divisionismo, o que redundará não somente em benefício da imagem partidária do MDB em Feira, mas na sua repercussão em todo cenário estadual e nacional. O ex-prefeito, que falava em nome também de Antonio Carlos Coelho, disse que espera que o prefeito Colbert Martins, "veja em todos os companheiros, senão os artífices, pelo menos operários que guiaram ao poder, e se abstenha de demonstrar preferências dentro da administração municipal, conservando a imagem que todos nós pregamos em praças públicas durante as campanhas eleitorais[358].

A convulsão no MDB feirense aumentou quando as divisões internas do partido tomaram grandes dimensões com o apoio de emedebistas da Câmara Municipal a emenda dos arenistas, que retirava a autonomia do prefeito Colbert Martins em antecipar verbas orçamentais. Tal atitude, encabeçada pelo emedebista Antonio Coelho gerou diversas crises no partido[359].

Esta atitude dos emedebistas, ou dissidentes emedebistas, como ficou sendo chamado, Antonio Coelho e Renato Sá levou a uma reação realizada

---

[357] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 06 out. 1978, p. 2.
[358] Ibid., 19 jul. 1978, p.1.
[359] O Jornal Feira Hoje se referiu a esta crise no MDB feirense em diversos momentos. Sobre o problema foram veiculadas notícias em 02 dezembro de 1978; 03 dezembro de 1978; 05 janeiro de 1979 e 06 janeiro de 1979.

por Colbert e Pinto, registrada em ata, com assinatura de Gerson Gomes, apoiando uma tentativa de punição[360].

As crises vivenciadas pelo MDB tentaram ser abafadas pelo próprio Gerson Gomes, que era líder local do partido, tendo no mesmo uma posição de destaque, o que contribuía para aumentar seu coeficiente eleitoral, não só entre os evangélicos. Em meio aos embates e crises, Gerson Gomes defendia seus interesses, que no momento, era a aliança formada por Pinto e Colbert. Assim, apoiou estes líderes na punição aos dissidentes emedebistas. Essa posição se confirmou ao assinar uma ata, feita "às escuras" e tendo a dupla, Pinto e Colbert, no comando. A postura de Gerson Gomes, ainda vereador, causou irritação entre seus colegas emedebistas na Câmara de Vereadores, que por acaso, eram os alvos da punição. Assim, em reunião da Câmara de Vereadores de Feira de Santana, Gerson Gomes foi atacado por membros do partido, que usaram de ironia ao comentar as práticas do partido e da liderança executiva de Pinto:

> Me perdoe meu nobre companheiro Gerson Gomes, quando V. Exa. fôr convocado para praticar atos dessa natureza, V. Exa se negue. Porque V. Exa sobretudo estará prestando um favor à própria consciência. É, Sr. Presidente, são fatos como esse que querem, ou querem provocar união partidária. União partidária, que, repito, só está existindo agora, porque antes nunca houve, e eu espero que da próxima vez que venha ata dêsse têor, na próxima vez que a Executiva se reúna sob a presidência do ilustre Dr Francisco Pinto, que tenha um pouco mais de cuidado para não se aprovar orçamento de 1930[361].

Estes conflitos revelam trâmites e organização dos sujeitos ativos da política partidária do período, bem como a inserção de Gerson Gomes e a "sua consciência política", como disse o orador Renato Sá. Em outras palavras o político assembleiano era uma peça chave no jogo partidário de Feira de Santana.

A saída de Falcão não acabou o impasse, pois no ano de 1982, na eleição para prefeito, o MDB, já PMDB, devido ao fim do bipartidarismo, foi dividido em duas sublegendas para abrigar a candidatura de Gerson Gomes e

---

[360] *Ata da Câmara de Vereadores.* Feira de Santana. 28 nov. 1980.
[361] Idem., 28 nov. 1980.

Luciano Ribeiro. Pinto e Colbert Martins eram favoráveis a Gerson Gomes, enquanto outra parte do PMDB apoiava Luciano Ribeiro, que tinha um histórico de atuação política, pois o pai do mesmo era militante da União Democrática Nacional (UDN), sendo inclusive candidato a prefeito em Cícero Dantas. Ao perder a eleição o seu pai trouxe a família para Feira de Santana, em 1962. Nesta cidade, Luciano Ribeiro entrou na militância estudantil, mas em oposição a UDN, sendo eleito pela primeira vez com apoio estudantil[362]. *Militou na área política como vereador (1966 – 1970); Deputado Estadual (1978 – 1982); Suplente de Senador por oito anos e vice-prefeito na segunda gestão de Dr. Colbert Martins, substituindo-o de licença para tratamento de saúde*[363].

Luciano Ribeiro possuía forte expressão no PMDB, o que levou a uma separação inicial com a corrente Pinto – Colbert. A decisão de ter duas candidaturas foi uma supervalorização do poder de voto do PMDB. Sobre este contexto Gerson Gomes se pronunciou afastando a possibilidade dos dois candidatos (ele e Ribeiro) em um mesmo palanque e foi além:

> Disse que o nome de João Durval, mesmo sendo um filho da terra, em nada altera, pois o mesmo nada fez por Feira, e que João Durval e José Falcão se agrediram na campanha de 1972, quando José Falcão ganhou, e hoje estão na mesma filiação.[364]

Portanto, ambas as candidaturas peemedebistas, divididas, não foram suficientes para vencer a oposição do PDS, encabeçadas na prefeitura de Feira de Santana e no governo do Estado por José Falcão e João Durval. O PMDB, derrotado nas urnas, recebeu uma saraivada de críticas do *Feira Hoje*.

> Em 82, acreditando que o PMDB elegeria quem quisesse à Prefeitura, Colbert e Chico Pinto brincaram, lançando e retirando candidatos. **Optaram pela inconsistência ideológica e sacra do deputado Gerson Gomes**, dividiram o PMDB em dois fragmentos e acabaram ajudando a eleger um ex-aliado, José Falcão da Silva, dos saudosos quadros do MDB... Gerson Gomes, derrotado, vestiu solenemente a camisa do PDS dias depois da derrota, juntamente com seu candidato a vice, Nilton Bellas Vieira, ex-secretário de Educação de Colbert.[365]

---

[362] Entrevista com Luciano Ribeiro, concedida ao autor em 28 de janeiro de 2008.
[363] OLIVEIRA, 2006, op. cit., p. 209. A segunda eleição de Colbert Martins foi em 1988.
[364] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 08 nov. 1982, p. 3.
[365] Idem. 30 nov. 1982, p. 13.

Era evidente a oposição do jornal ao PMDB, em especial a Pinto e Colbert Martins, contudo terminada a eleição, saíram tranqüilos. Foram eleitos deputado federal e deputado estadual, respectivamente. Gerson Gomes foi o maior afetado nesse triângulo, pois além ter criticada sua figura política e questionada sua posição religiosa, perdeu espaço no partido. A inconsistência ideológica e sacra de Gerson Gomes teve vínculo ao apoio da Denominação a candidatos de vários partidos.

Às vésperas da eleição o jornal noticiava um estremecimento de Pinto, que na declaração de seu apoio nas eleições de 1982, não indicava o nome do prefeito. Pinto *parece ter mudado de idéia com relação ao seu posicionamento na questão sucessória deste município e decidido não assumir especificamente apenas uma candidatura a prefeito*[366]*.* Constava em suas propagandas nomes de candidatos a governador (Roberto Santos), senador (Waldir Pires), deputado federal (o próprio), deputado estadual (Colbert Martins). Prefeito e vereador ficaram com espaço em branco. Ou seja, o próprio apoio ao candidato assembleiano, não ficou tão consolidado.

Mais do que isso, o PMDB continuou dividido nos dois grupos após a derrota nas eleições. Na convenção do partido, para a formação de seu diretório, ficou explícita a disputa, que o jornal frequentemente veiculava quanto a distribuição de vagas entre os dois grupos.

> Sobre a distribuição de vagas entre o PMDBI e o PMDBII. PMDBI contava com: Colbert, Chico Pinto, Gerson Gomes e José Raimundo Azevedo, entre outros. Já o PMDBII contava com Luciano Ribeiro, Celso Pereira, Roque Aras, Renato Sá e Aurélio Miguel.[367]

Os integrantes do partido tentavam resolver os conflitos e disputas internas, entre os quais Gerson Gomes, até que o próprio ficou insatisfeito com a formação do diretório, que somada ao apoio que o foi negado, segundo ele, após as eleições abriu brechas para uma possibilidade de negociação com João Durval e o PDS. Sobre isso o *Feira Hoje* se referiu:

> Testado nas urnas, considerado “bom de voto”, o novo filiado já manteve, por sinal, os primeiros entendimentos com o governador

---

[366] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 31 out. 1982, p. 2.
[367] Idem. 15 jun. 1983, p. 2.

> João Durval Carneiro e, seu nome, consta da agenda de audiências que o Chefe do Executivo concederá proximamente.[368]

O jornal não arriscou colocar o nome do candidato, mas todas as especulações eram voltadas para Gomes. Este ao mesmo tempo saia na tentativa de arranjar internamente o grupo, até o resultado da convenção do partido, da qual demonstrou sua insatisfação.

> Em notícia na qual discorreu sobre a união do PMDB de Feira de Santana, o 'Jornal do Brasil' analisa o rompimento do ex-deputados Francisco Pinto e Colbert Martins, dizendo da importância que teve Gerson Gomes durante a última campanha política, quando foi o candidato do PMDBI (grupo Pinto – Colbert) à Prefeitura Municipal, derrotado pelo PDS.
> Diz o Jornal que Gerson Gomes ficou insatisfeito com a composição do Diretório Municipal, quando só indicou três nomes, o seu próprio, o do seu filho Jeferson Gomes e o do suplente de vereador Manoel Fausto dos Santos.[369]

O mesmo político que havia criticado a aliança de Falcão a Durval passou a ser quadro integrante do grupo político. Quanto à mudança de partido não faltaram alfinetadas dos veículos de comunicação, se destacando a irônica nota da quinzenal *Revista Panorama da Bahia*.

> O eleitorado da zona rural não sabe que o ex-deputado estadual Gerson Gomes se bandeou para o PDS e constantemente pergunta a Colbert Martins pelo seu ex-pupilo. O povo acredita, até hoje, que Gerson se mantém fiel a quem lhe apresentou com toda a roupagem e cores de homem de oposição, em detrimento de outros que ainda carregam a cruz do PMDB e amargam a derrota das últimas eleições.[370]

Gerson Gomes participava da tendência de Pinto e Colbert. Isso, contudo não evitou dele assumir coligação com Durval e Falcão, migrando para o PDS, que se fundiu, mais adiante com o PFL. O que demonstrou que a relação aliado e adversário político, no cenário político partidário brasileiro, foi uma linha muito tênue, muitas vezes não formada por ideologias ou postura política, mas por situações e conivências do momento. As alianças políticas demonstradas ao longo deste tópico traduzem evidente constatação disto. A

---

[368] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 16 jun. 1983, p. 2.
[369] *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. 20 jul. 1983, p. 2.
[370] *Revista Panorama da Bahia*. Feira de Santana. 01 fev. 1984, p. 12.

fidelidade partidária nunca foi o forte dos políticos baianos e brasileiros. Gerson Gomes não seria o primeiro a romper os laços partidários, porém a firmeza ideológica também não fazia parte do repertório assembleiano. A congregação exigia firmeza na fé.

Buscando uma comparação na relação da prática religiosa com a política pode-se afirmar que a conservação da ordem religiosa está profundamente associada à conservação da ordem política. Contudo estes campos não deixaram de entrar em conflitos e alianças, sendo que muitas das práticas sociais seculares foram reapropriadas pela religião e apoiadas pelo Estado.

> Hoje, as forças religiosas são levadas em consideração como fator de exlicação política em numerosos domínios. Elas fazem parte do tecido do político, relativizando a intransigência das explicações baseadas nos fatores sócio-econômicos.[371]

A relação entre religião e política e como esta se estabeleceu no espaço interno do grupo assembleiano não estava isenta de conflitos, ao contrário os conflitos moveram tais ações e o contexto social vivenciado, por este ser dinâmico, também jogou o seu papel. A identidade e as ações de um grupo, religioso ou não, estavam em um processo de fazer e refazer-se continuamente.

Uma questão permanece: foi demonstrada a relação que Gerson Gomes teve com Francisco Pinto; Gerson Gomes, político e assembleiano, e Francisco Pinto, político considerado por várias vezes de ação radical e comunista. Pode-se pensar se o fator religioso não pesou nesta escolha. Pinto sabiamente calculou o peso dos votos dos irmãos assembleianos. Gerson Gomes seria um perfeito mediador nessas relações, pois ele próprio e sua denominação religiosa também tinham seus interesses políticos, que podiam se revelar nas práticas assistencialistas ou na luta partidária. Queriam os assembleianos o Reino dos Céus, mas também se descobriram cidadãos, habitantes do “mundo de pecados” que condenavam, mas poderia ser salvo, iluminado pela ética e os valores protestantes que pregavam.

---

[371] COUTROT, Aline. Religião e política. IN RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro. Ed FGV. 2003, p. 331.

Afinal, na eleição nacional para presidente da República, a Assembléia de Deus postou-se favorável a Fernando Collor de Melo, em oposição a Luís Inácio Lula da Silva, condenado como comunista e ameaçador da liberdade religiosa, tão cara aos protestantes, no País.

Esta comparação tem um diferencial, pois uma é em nível nacional e a outra em nível local. Segundo que, conforme o próprio Pinto, este não tinha e nem teve pretensão aos postulados comunistas. Pode-se o aproximar mais de uma postura caciquista ou populista, dada sua admiração a Getúlio Vargas, para arrebanhar eleitores. A Assembléia de Deus possuia a mesma admiração e pretensão a participação política. A respeito da vinculação a grupos político, Sylvestre por também ser uma assembleiano assim traduziu o pensamento evangélico:

> Não há como entender um político cristão atuando numa linha extremista de agitação e de radicalização de esquerda e nem há possibilidade de conciliar marxismo com cristianismo. Igualmente não há como aceitar um político evangélico comprometido com a extrema direita, defendendo posições reacionárias, votando deliberadamente com os interesses dos que exploram a massa trabalhadora, não se compadecendo dos milhões da famintos, doentes, desempregados e miseráveis que sobrevivem nos campos e nas cidades do nosso país.[372]

Quando de sua eleição para prefeito, Pinto ofereceu a assistência social a Gomes. Caso houvesse alguma desconfiança dos líderes assembleianos contra Pinto, foi dissipada ou reduzida nesta oferta, afinal a assistência social foi o maior campo de ação dentro da política não só assembleiana, como protestante em geral.

Já Gerson Gomes tinha penetração em grupos protestantes de distintas denominações em diversos municípios e na própria Feira de Santana devido sua atividade missionária e assistencial, o que resultou na união de interesses entre religião e política em um complexo cenário social feirense dos anos 1970 a 1990.

A religião, como elemento da cultura, tem papel importante na tentativa de entendimento da vida humana e sua dimensão encontra e atravessa os demais aspectos da realidade, como o político, o econômico e o social. Portanto, o estudo da religião e das formas de religiosidade se fez relevante

---

[372] SYLVESTRE, 1988, op. cit., p. 25.

para compreender a organização e ação humana. Estudar religião foi de suma importância em perceber relações cotidianas de poder em camadas da sociedade, da ação de homens e mulheres no tempo e no espaço histórico. Ao longo da história do protestantismo na Europa e nos Estados Unidos a intervenção no contexto político foi constante, desde o século XVI, na ambiência da Reforma Protestante quando os anabatistas pleiteavam além da reforma religiosa e individual, conquistas e reivindicações sociais e políticas.

O absenteísmo político dos protestantes brasileiros, baianos ou feirenses decorria do seu caráter minoritário no campo religioso. Quando o protestantismo expandiu-se, as terceiras ou quarta gerações começaram a freqüentar outros espaços de sociabilidade e as Denominações Evangélicas ganharam densidade numérica, começaram também a tomar consciência da sua densidade eleitoral. Entraram no jogo partidário com poderosas armas e legitimidade religiosa.

Considerações finais

O que motivou este trabalho foi analisar as relações entre religião e política, pelo fato de encontrar referências nas atas do grupo religioso da participação de assembleianos feirenses em candidaturas a cargos públicos, em um período pouco comum para esta prática, ou seja, as décadas que precederam a Constituinte de 1986, que segundo alguns estudiosos foi o que despertou a consciência evangélica para a prática político-partidária.

A presença dos pentecostais de Feira de Santana no cenário público, tanto na esfera local como estadual, contudo, foi um esforço de décadas, pois na representação deste grupo religioso as atividades referentes ao mundo tinham de ficar à parte daqueles que se convertiam ao Evangelho, pois “o mundo significava o ímpio e o crente que a ele se misturasse estaria se corrompendo”, conforme o pensamento da Assembléia de Deus.

Foi constatado que antes da política partidária em si, e juntamente com ela os assembleianos, já exerciam política através de entidades assistenciais que mantinham: o Orfanato Evangélico da Assembléia de Deus, o Centro de Recuperação Desafio Jovem e o Amparo ao Menor Abandonado, os mais representativos do grupo em análise.

A política assistencialista foi importante por “romper” a separação simbólica que os assembleianos acreditavam existir entre comunidade religiosa e comunidade feirense. Para manter suas entidades e exercer seu trabalho espiritual e material, em Feira de Santana, passaram a ter contato com os políticos locais e negociar com eles oportunidades de melhor exercer seu trabalho religioso e social. A aceitação se dava mediante a promessa de voto, o que era interessante para a Assembléia de Deus, que por ser uma expressiva denominação dentre os evangélicos feirenses, atraia o interesse de políticos em busca de votos. Ou seja, os assembleianos apoiavam a candidatura dos que se propusessem a contribuir com as suas obras assistenciais. Seguiam as práticas clientelistas e da barganha correntes na política baiana e brasileira.

As práticas assistencialistas contribuíram para legitimar as candidaturas que ocorreram no grupo religioso desde a década de 1950, como a de Gerson Gomes, o político mais representativo do grupo e que exercia atividades filantrópicas desde esse período, passando, em 1963, a ocupar a assessoria de assistência social no mandato de prefeito de Francisco Pinto e juntamente com outros evangélicos organizou a Associação Feirense de Assistência a Mendigos (SEFAM). Com o Regime Militar, que retirou Francisco Pinto do poder, políticos, bem como os políticos evangélicos, a exemplo de Gerson Gomes se retiraram estrategicamente da vida pública, mas logo retornariam devido as alianças que haviam feito com lideranças locais.

O retorno de Gerson Gomes à política foi com o mandato de vereador, em 1972, acompanhado de outros mandatos tanto como vereador, quanto deputado estadual e até uma candidatura, que não obteve sucesso, para prefeito de Feira de Santana, em 1982, mas que serviu para demarcar o peso eleitoral da comunidade assembleiana e evangélica, como um todo em Feira de Santana. A postura política de Gerson Gomes incentivou outros “irmãos” assembleianos a se aventurar na vida pública, como Waldeir dos Santos Pereira, Severino Soares, Urbano Matos, Lucivaldo Teixeira e José Marques, que tiveram o apoio oficial da Assembléia de Deus de Feira de Santana. Estava contrariado, desta forma, o preceito bíblico do “tu não participarás” e “meu reino não é deste mundo”, porém praticavam a política como uma vocação, uma determinação divina.

Portanto, um despertar da consciência evangélica para a necessidade de participar da vida pública foi manifestada décadas antes da Constituinte de 1986, ao menos em nível local. A Constituinte deste período foi importante em permitir o arranjo das forças evangélicas, através do slogan “irmão vota em irmão”, amplamente difundido nacionalmente com o assembleiano Josué Sylvestre.

Atualmente a candidatura de um pentecostal a um cargo político faz parte do cenário nacional, e se tornou um aspecto comum esta prática, desde o advento da Constituinte de 1986, quando não só os evangélicos, mas diversos membros da sociedade buscaram representatividade com a abertura democrática que se instalava. Diversas denominações sejam elas

assembleiana, batista ou iurdiana, entre outras, se organizaram de forma sistemática para ter representantes de seu credo na Câmara Municipal de Feira de Santana e na Assembléia Legislativa da Bahia.

Durante as atuações dos políticos em apreço, que conquistaram representatividade na Câmara Municipal de Feira de Santana ou na Assembléia Legislativa da Bahia, o que se verificou foi uma atitude política voltada aos interesses evangélicos, sobretudo assembleiano, no que se refere ao atendimento de suas entidades assistenciais, com a elaboração e aprovação de projetos que as contemplavam, e com a doação de terrenos e verbas que contribuíssem para a construção de novos templos.

Mantinham uma política partidária voltada basicamente em atender interesses ligados à assistencial social evangélica. Dessa forma garantiram apoio e simpatia de lideranças municipais preocupadas com o bem-estar de Feira de Santana, através da tentativa de retirar migrantes, mendigos, viciados em tóxicos e crianças das ruas e encaminhá-los às suas entidades, na tentativa de tornar “limpa” a imagem da Feira de Santana que se modernizava, com sua “crescente indústria e próspero comércio”, conforme pregava os veículos de comunicação, o *Jornal Feira Hoje* e a *Revista Panorama da Bahia*, importantes periódicos para compreender a dinâmica feirense em sua organização social e política nos anos de 1970 a 1990.

Quanto aos critérios de participação de seus fiéis na vida pública ocorria, principalmente, com a indicação da Denominação Assembléia de Deus. Os que não receberam sua indicação não lograram vitória nas urnas. Porém, contribuíram para a derrota dos indicados pelo grupo religioso. Também não possuíam um critério partidário: a indicação de candidatos da Assembléia de Deus de Feira de Santana ocorria independente da legenda partidária, confirmando a ausência de um projeto e ideologia político-partidária próprios. A legenda que abrigasse seu candidato não era um critério a observar, poderia ser da situação ou da oposição.

Para a construção da dissertação foi imprescindível o contato com as atas da Denominação Assembléia de Deus, de modo a tentar compreender seu universo, guiado por normas e condutas, por vezes, rígidas demais, sobretudo para o fiel comum, mas que contribuíram na formação das representações

sociais do grupo, e nas contradições e dilemas vivenciados, como na própria participação na política, já que suas condutas deviam ser preservadas em temor e amor a Deus. Porém, não foi difícil embutir a política como uma propósito de servir a Deus, embora esta proposição não tenha eliminado os conflitos e dilemas inerentes à comunidade religiosa.

Uma forma de “preservação” da estrutura religiosa foi indicar para a atuação política aqueles que possuíssem bens simbólicos no grupo, retirando da atuação política o fiel comum. A princípio, em Feira de Santana, os que possuíam o capital simbólico para se candidatar eram os diáconos e presbíteros, como ocorreu, respectivamente, com Gerson Gomes e Waldeir Pereira, quando de suas vitórias nas urnas. Quanto ao pastor havia maior resistência, por ser o condutor da comunidade, mas que foi superado, tanto que os que mais assumiram mandatos políticos nas últimas eleições nacionais, entre os evangélicos, foram os pastores. Aos leigos ficava a orientação de votar nos indicados da comunidade religiosa, o que não foi totalmente acatado dadas as contradições existentes.

A relação entre religião e política, inevitavelmente, envolve uma série de contradições e polêmicas, mas, não a ponto de impedir o funcionamento de uma Denominação Protestante ou associações religiosas. Pelo contrário, as contradições pontuaram não apenas o funcionamento dos grupos evangélicos, como da sociedade brasileira como um todo, ao longo da História do País.

O que se espera desta dissertação é que possa ter contribuído para o estudo das relações entre religião e política, ou de outros caminhos que se pode percorrer através do estudo da religião e, se possível, suscitar a partir das inúmeras brechas deixadas por este trabalho, que sem dúvidas foram maiores que às conclusões a que pôde chegar e que são, desde já, provisórias. E que possa ter contribuído para a construção da História da Assembléia de Deus de Feira de Santana, através das peculiaridades pertinentes a ela.

Fontes

Fontes da Assembléia de Deus

- Livros de Atas da Assembléia de Deus (1950 - 1990), contendo informações sobre a organização e o cotidiano da comunidade religiosa;
- Livros de membros da Assembléia de Deus, contendo dados sobre os fiéis: procedência, filiação, data de batismo, nascimento;
- Livro de Atas do Centro de Recuperação da Assembléia de Deus (1980 – 1990)
- Estatuto da Assembléia de Deus de Feira de Santana;
- Artigos do jornal O Mensageiro da Paz - (edição em 3 volumes). O Mensageiro da Paz é importante em perceber aspectos referentes a doutrina e organização da Assembléia de Deus, além do entendimento que tinham sobre política e fatos que ocorriam na cidade de Feira de Santana e no Brasil. Jornal denominacional, de escala nacional.

Fontes referentes à Feira de Santana e ao Estado da Bahia

- Livro de Atas da Câmara Municipal de Feira de Santana (1973 a 1978);
- Projetos de leis, moções e requerimentos do Deputado Gerson Gomes da Silva na Assembléia Legislativa (1979 a 1982; 1987 - 1990).

Jornais

- Feira Hoje (1972 a 1990) coleta de informações sobre o desenvolvimento da cidade de Feira de Santana no período de estudo, bem como de aspectos tratados no jornal sobre a atuação protestante na região.

Fontes orais (durante o processo de pesquisa foram feitas as seguintes entrevistas):

- Gerson Gomes da Silva (diácono da Assembléia de Deus e ex-político);
- Luciano Ribeiro (membro da Igreja Católica e ex-político);
- Cadmiel Pereira (assessor político e filho do falecido Pastor Waldeir dos Santos Pereira);
- Jairo Soares (pastor da Assembléia de Deus);
- Norma Soares (membro e integrante do Círculo de oração da Assembléia de Deus);
- Marli Santana (membro e integrante do Círculo de oração da Assembléia de Deus);
- Alunos e obreiros do Centro de Recuperação Desafio Jovem da Assembléia de Deus.

Fontes iconográficas

- Acervo de Eber Soares, filho do falecido Pastor Severino Soares e retirada do Jornal Feira Hoje

Memórias e fontes impressas

BERG, Daniel. *Enviado por Deus*: Memórias de Daniel Berg. Rio de Janeiro. CPAD. 2000.

FERNANDES, Rogério Armentano. *65anos*: jubileu de ferro. Resumo do Histórico da ADEFS (1938 – 2003). Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Feira de Santana – Ba. 2003.

GILLANDERS, Isobel. *A história inacabada*. Tradução: Lélia V. Fernandes. Feira de Santana. Ed. Planzo. 1990.

GOMES, Geziel. *Porque sou pentecostal*. Rio de Janeiro. Casas Publicadoras de Assembléia de Deus (CPAD). 1972.

OLIVEIRA, Lélia Vitor Fernandes de. Inquilinos da Casa da Cidadania. Fundação Cultural Egberto Costa. Feira de Santana. 2006.

SILVA, Waldemar. *A Assembléia de Deus de Feira de Santana* – manuscrito - s/d.

SYLVESTRE, Josué. *Irmão vota em irmão*: os Evangélicos, a Constituinte e a Bíblia. Brasília. Pergaminho. 1986.

SYLVESTRE, Josué. Os evangélicos, a constituinte e as eleições municipais. Brasília. Ed Papiro. 1988.

VINGREN, Ivar. *Gunar Vingren:* o diário do pioneiro. Rio de Janeiro. CPAD. S/d.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo. Ática, 1979.

ALVES, Rubem. *Da Esperança*. Campinas. SP. Papirus. 1987.

AZZI, Riolando. *O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular*. Petrópolis. Vozes. 1997.

Bíblia de Estudo Esperança. São Paulo. Edições Vida Nova. 2000.

BOBSIN, Oneide. *Produção reigiosa e Significação Social do Pentecostalismo a partir de sua Prática e Representação.* São Paulo. Universidade Católica de São Paulo. 1984.

BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo. Ed. Perspectiva. 1974.

BRITO, Charlene J. *Presença protestante progressista em Feira de Santana*: um trabalho ecumênico de ação social (1970 – 1990). Feira de Santana. 2008. (Trabalho de conclusão de curso).

CAMPOS. Leonildo Silveira. Os políticos de Cristo – uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. In BURITY, Joanildo e MACHADO, Maria das Dores Campos (org). *Os votos de Deus*: Evangélicos, política e eleições no Brasil. Recife: Massangana, 2006.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo. Paz e Terra. Vol. 2. 1999.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro. Bertran Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*: a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre. UFRGS. 2002.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *Estudos avançados.* 11 (5), 1991.

CONDE, Emílio. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro. CPAD. 2000.

CORTEN, André. *Os Pobres e o Espírito Santo*: o pentecostalismo no Brasil. Rio de Janeiro. Vozes. 1996.

COUTO, Edilece Souza. *Tempo de Festas*: homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940). Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Letra da UNESP. Assis – SP. 2004.

COUTO, Clari Alves. *Orar e vigiar:* o poder disciplinador da religião como representação do pecado na AD de Conceição do Coité, 1970 a 1990. UEFS. 2001.

COUTROT, Aline. Religião e política. IN RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro. Ed FGV. 2003.

CRUZ, Rossini Cerqueira da. *A inserção de Feira de Santana (BA) nos processos de integração produtiva e de desconcentração econômica nacional*. Campinas. SP. [s.n]. 1999. (Tese de doutorado).

DANTAS NETO, Paulo Fábio*. Tradição, autocracia e carisma*: a política de Antônio Carlos Magalhães na modernização da Bahia (1954 – 1974). Belo Horizonte. UFMG. 2006.

DIAS, Caroline Silva Luz. *Neopentecostais em Feira de Santana*: o G12 e o Modelo dos 12 e o Mover do Fruto Fiel. Mestrado em História. UEFS. 2009. (Dissertação de mestrado).

DOSSE, François. *A História em Migalhas*: dos Annales à Nova História Cultural. Tradução: Dulce dos Santos. Bauru. SP. EDUSC. 2003. (edição revisada).

FALCON, Francisco J. Calazans. História e representação. IN Cardoso, Ciro F. & Vainfas, Ronaldo (orgs) *Domínios da História*: ensaios de teoria e metodologia. RJ. Campus. 1997.

FERNANDES, Rubem Cesar. ...[et al]. *Novo nascimento*: os evangélicos em Casa, na Igreja e na Política. Rio de Janeiro. Mauad. 1998.

FIGUEREDO FILHO, Valdemar. *Entre o palanque e o púlpito*: mídia, religião e política. São Paulo. Annablume. 2005.

FERREIRA, Jean Neilla Rocha. *Assembléia de Deus em Feira de Santana*: um estudo das representações políticas na década da colheita. UEFS. Feira de Santana. 2009. (Trabalho de conclusão de curso).

FERREIRA, Sara Silva dos Anjos. *O papel da mulher na expansão e consolidação da Assembléia de Deus em Feira de Santana* (1949 - 1980). Feira de Santana. UEFS. 2008. (Monografia de especialização).

FREITAS, Nacelice B. *Urbanização em Feira de Santana*: influência da industrialização (1970-1996). Salvador: UFBA (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). 1998.

FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. IN ANTONIAZZI, A. ... |et al|. *Nem Anjos nem Demônios*: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis. Rio de Janeiro. Vozes. 1994.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil*: da constituinte ao impeachment. Tese de doutorado. Unicamp. S.P. 1993.

FRESTON, Paul. Evangélicos na Política Brasileira. IN *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro. 1992.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo. Cia de Bolso. 2007.

GIUMBELLI, Emerson. Caridade, assistência social, política e cidadania: práticas e reflexões no Espiritismo. In LANDIM, Leilah (org.). *Ações em sociedade*: militância, caridade, assistência, etc. Rio de Janeiro. Nau Ed. 1998.

GUERRIEIRO, Silas. *Novos movimentos religiosos* - o quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006.

GUIMARÃES, Tarcísio Farias. *A expansão protestante em Feira de Santana (1935 – 1995)*. Feira de Santana. Texto não publicado, s/d.

GUTIERREZ, Benjamin F. & CAMPOS, Leonildo Silveira. *Na força do Espírito Santo*: os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas. São Paulo. Associação Literária Pendão Real. 1996.

HOUTART, François. *Mercado e Religião*. Tradução: Claudia Berliner e Renata Cordeiro. São Paulo. Cortez Editora. 2003.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo. Martins Fontes. 1992.

JACOB, Cesar Romero e outros. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro. PUC – Rio; São Paulo. Loyola. 2003.

LÉONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro*: estudo de eclesiologia e história social. Tradução: Lineu Schützer. 3ª ed. rev. São Paulo. Aste. 2002.

LEONÁRD, Émile. *O Iluminismo num protestantismo de constituição recente*. São Paulo. Imprensa Metodista. 1988.

LEITE, Rinaldo, *A rainha destronada*: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas. PUC – SP. São Paulo. 2005.

LIMA, Zélia. Lucas Evangelista: O Lucas da Feira. Estudos sobre a rebeldia escrava em Feira de Santana/ 1807-1849. Dissertação de mestrado – UFBA. Salvador. 1990

MACHADO, Maria das D. Campos & MARIZ, Cecília Loreto. Evangélicos e católicos: as articulações da religião com a política. IN PEREIRA, Mabel &

MARTELLI, Stefano. A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização. São Paulo, Paulinas. 1995.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. *O Celeste Porvir:* a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo. Paulinas. 1984.

MENESES, Jonatas Silva. *A participação política da Igreja Evangélica Assembléia de Deus no Estado de Sergipe*: estratégias e ações para um projeto político. Salvador. UFBA, 1995.

MIRANDA, Julia. *Carisma, sociedade e política*: novas linguagens do religioso e do político. Rio de Janeiro. Relume Dumará. 1999.

MORAIS, Ana Angélica Vergne de. Resgate da memória literária de Feira de Santana. IN *Feira de Santana: seu passado, seu presente, seu futuro*. Feira de Santana: Associação Comunitária dos Amigos de Feira de Santana – ACAFS/ Universidade Estadual de Feira de Santana, 2000.

NADER, Ana Beatriz. *Autênticos do MDB*: semeadores da democracia. História oral e de vida política. São Paulo. Paz e Terra. 1998.

NOVAES, Regina Reyes. *Os escolhidos de Deus*: pentecostais, trabalhadores e cidadania. RJ. Ed Marco Zero. 1985.

NOVAES, Regina. Os pentecostais e a organização dos trabalhadores. In *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro. Tempo e Presença. Nº 5. 1980.

OLIVEIRA, Clóvis F. R. *De empório à princesa do Sertão*: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893 – 1937). Salvador. UFBA, 2000. (Dissertação de mestrado)

OLIVEIRA, Clóvis F. R. Um poeta contra a ordem. IN MORAIS, Ana Angélica [et al]. *Aluísio Resende*: poemas, com ensaios críticos e dossiê. Feira de Santana. UEFS. Departamento de Letras e Arte, 2000.

OLIVEIRA, Marco Davi de. *A religião mais negra do Brasil*: por que mais de oito milhões de negros são pentecostais. São Paulo. Mundo Cristão. 2004.

ORTIZ, Renato. Religiões populares e indústria cultural. *Religião e Sociedade.* Rio de Janeiro. Ano 3. n. 5. 1980.

PACHECO, Larissa. *A feira e a nova Feira*: tradição, costume e conflito (1967 – 1977). Feira de Santana. UEFS. 2008. (Trabalho monográfico).

PEREIRA, Cristina Kelly da Silva. *A história de um silêncio*: um estudo de caso sobre questões da negritude em uma comunidade batista da periferia da cidade de São Paulo. São Bernardo do Campo. Universidade Metodista de São Paulo. 2008. (Dissertação de mestrado).

PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*: religião, sociedade e política. Ed Hucitec. São Paulo. 1996.

PINHEIRO, Eloísa Petti. *Europa, França e Bahia*: difusão e adaptação de modelos urbanos. Salvador. EDUFBA. 2002.

PINTO DE AGUIAR, Manoel. *Notas sobre o enigma baiano*. Salvador. Planejamento. Vol 5. N. 4. Out/ Dez. 1997.

POPPINO. Rollie E. *Feira de Santana*. Ed Itapuã. Coleção Baiana. Bahia. 1968.

READ, William R. *Fermento religioso nas massas do Brasil*. Eerdmans Publishing Co. 1967.

REILY**,** Duncan A. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo. Aste. 1984.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro. Ed FGV. 2003.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo*: Brasil e América Latina. Petrópolis. RJ. Vozes, 1994.

SAMPAIO, Maria I. da Silva. *Representação do processo saúde-doença entre os pentecostais da Assembléia de Deus em Feira de Santana*. Feira de Santana. UEFS. Ba. 2003. (dissertação de mestrado).

SANTANA, Célia. *Mulheres pentecostais*. UFPE. Recife. 2001. (Dissertação de mestrado).

SANTANA, Charles D'Almeida. *Fartura e ventura camponesas: trabalho, cotidiano e migração*. Bahia. 1950 – 1980. SP. Annablume. 1998.

SANTOS, Igor Gomes. *Os evangélicos e a política partidária*. Relatório PROBIC. Feira de Santana. Jun. 2005.

SANTOS, Igor Gomes. *Na contramão do sentido*: origens e trajetória do PT de Feira de Santana – Bahia (1979 – 2000). Niterói. UFF. 2007. Dissertação de mestrado.

SANTOS, Lyndon A. Santos. *As outras faces do sagrado*: protestantismo e cultura na Primeira República Brasileira. Edufma. São Paulo. Ed ABHR. 2006.

SANTOS, Lyndon (orgs.) *Religião e violência em tempos de globalização*. São Paulo. Campinas. 2004.

SILVA, Aldo José Morais. *Natureza sã, civilidade e comércio em Feira de Santana*: elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia (1833 – 1937). UFBA. Salvador. 2000, p. 75. (Dissertação de mestrado).

SILVA, Elizete da. *Cidadãos de outra pátria*: anglicanos e batistas na Bahia. Tese de Doutorado. USP. São Paulo. FFLCH-USP. 1998.

SILVA, Elizete da. *A missão batista independente*: uma alternativa nacional. Dissertação de mestrado. Salvador. UFBA. 1982

SILVA**,** Elizete da. Protestantismo: Visões do Progresso e do Trabalho no Brasil. IN *Humanas:* revista do DCHF. Nº1. Feira de Santana. UEFS. 2002.

SILVA, Elizete da. Protestantismo e Religiosidade Popular. IN Religiosidades, Misticismo e História no Brasil Central Brasília. CEHILA. 2001.

SILVA, Elizete da. Os batistas e o governo militar: Deus salve a pátria. Assis – São Paulo. UNESP. *X Simpósio da ABHR*. 2008.

SILVA, Elizete da. *Protestantismo Ecumênico e realidade brasileira*. UEFS. Feira de Santana. 2007. (Trabalho de professor pleno).

SILVA, Elizete da. A Expansão protestante em Feira de Santana – 1935 a 1995. Projeto de Pesquisa. 2000.

SILVA, Igor José Trabuco da. *"Tu não participarás":* a Assembléia de Deus de Feira de Santana e os dilemas da participação política (1972 a 1990). Feira de Santana. UEFS. 2008. Monografia de Especialização

SIEPIERSKI, Paulo D e GIL, Benedito M. (orgs.). *Religião no Brasil*: enfoques, dinâmicas e abordagens. São Paulo. Paulinas. 2003.

SOUZA, Beatriz Muniz de. *A Experiência da Salvação*. Pentecostais em São Paulo. São Paulo. Duas cidades. 1969.

SOUZA, Jessé de. A Ética protestante e a Ideologia do Atraso. IN *O Malandro e o Protestante*: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira. Brasília: Ed UnB.

SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. *Em diálogo com Deus*: a construção do "self" entre mulheres pentecostais. Salvador. UFBA. 2007. (Tese de doutorado).

TEIXEIRA**,** Marli Geralda. *Nós os batistas... um estudo de história das mentalidades.* São Paulo. FFLCH/ USP. Tese de doutoramento. 1983.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo. Cia das Letras. 1998.

THOMPSON, E. P***.*** *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*. SP. Unicamp. 2001

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária*; tradução Renato Busatto Neto, Cláudia Rocha de Almeida – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. V II.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. SP. Paz e Terra. 2002.

UZÊDA, Jorge Almeida. *O aguaceiro da modernidade na cidade do Salvador*. Salvador. UFBA. 2006

VOVELLE, Michel. *Imagens e imaginário na História*: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo. Ed. Ática. 1997.

VOVELLE, M. *O popular em questão*: a religiosidade popular. IN Ideologias e Mentalidades. São Paulo. Brasiliense. 1991.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. SP. Martin Claret. 2002.

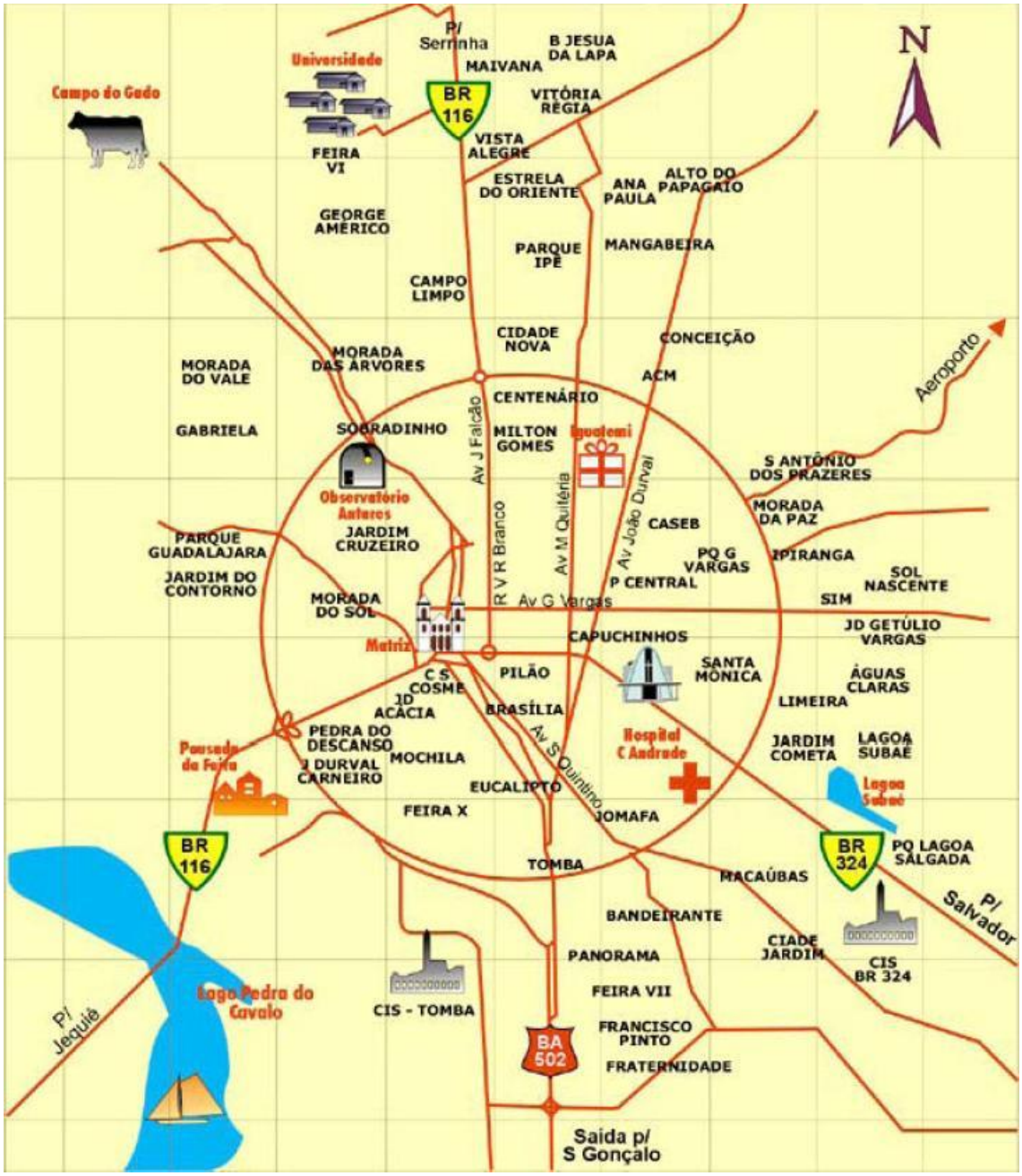
WEBER, Max. *Ensaios de sociologia*. Rio de Janeiro. Zahar Ed. 1963.

Documentos eletrônicos

http://; 108.photobucket.com/álbuns/n15/lukasbaiano/mapafeira desantana.jpg

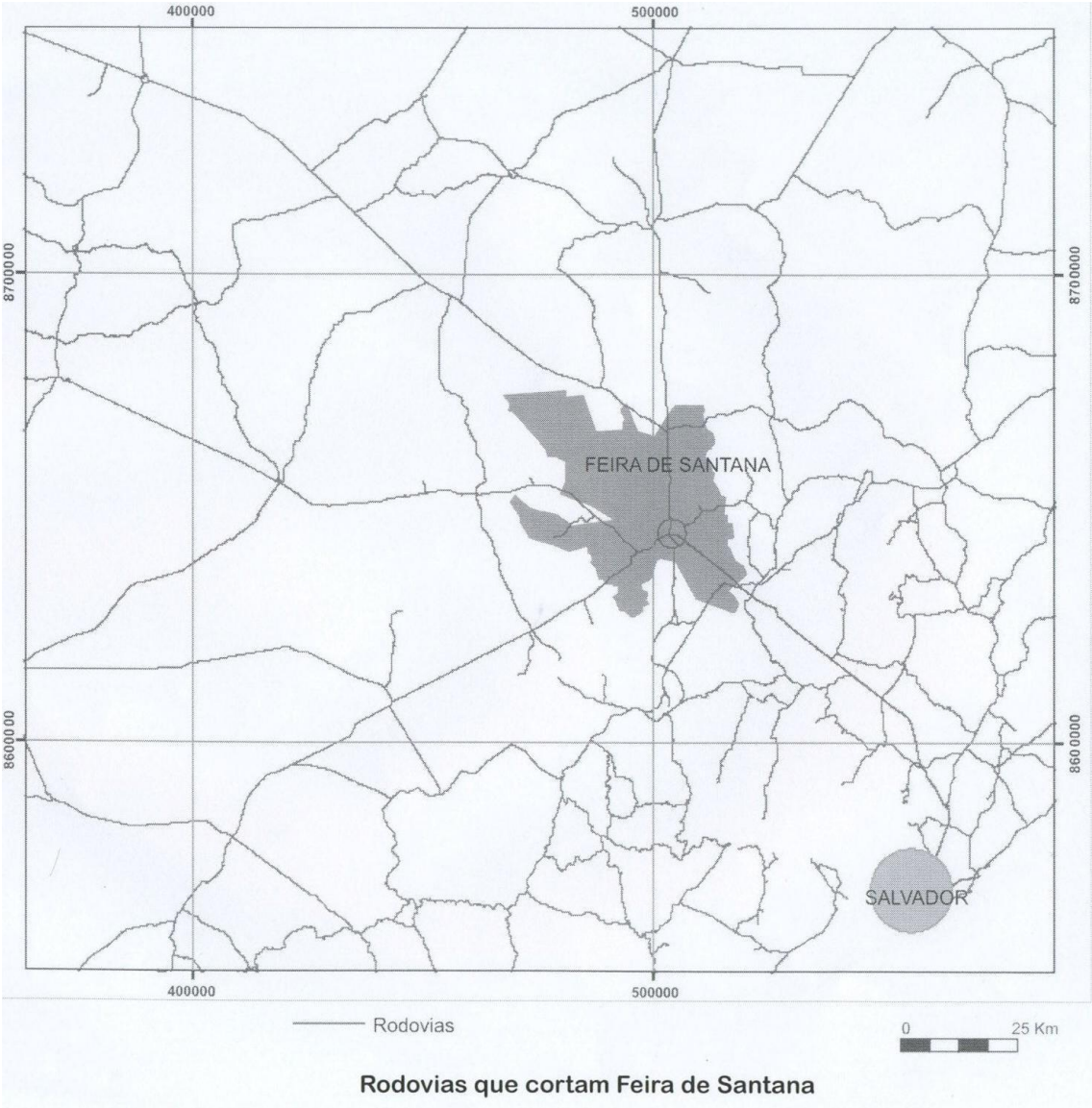
Anexos

Mapa 1: Mapa estilizado de Feira de Santana



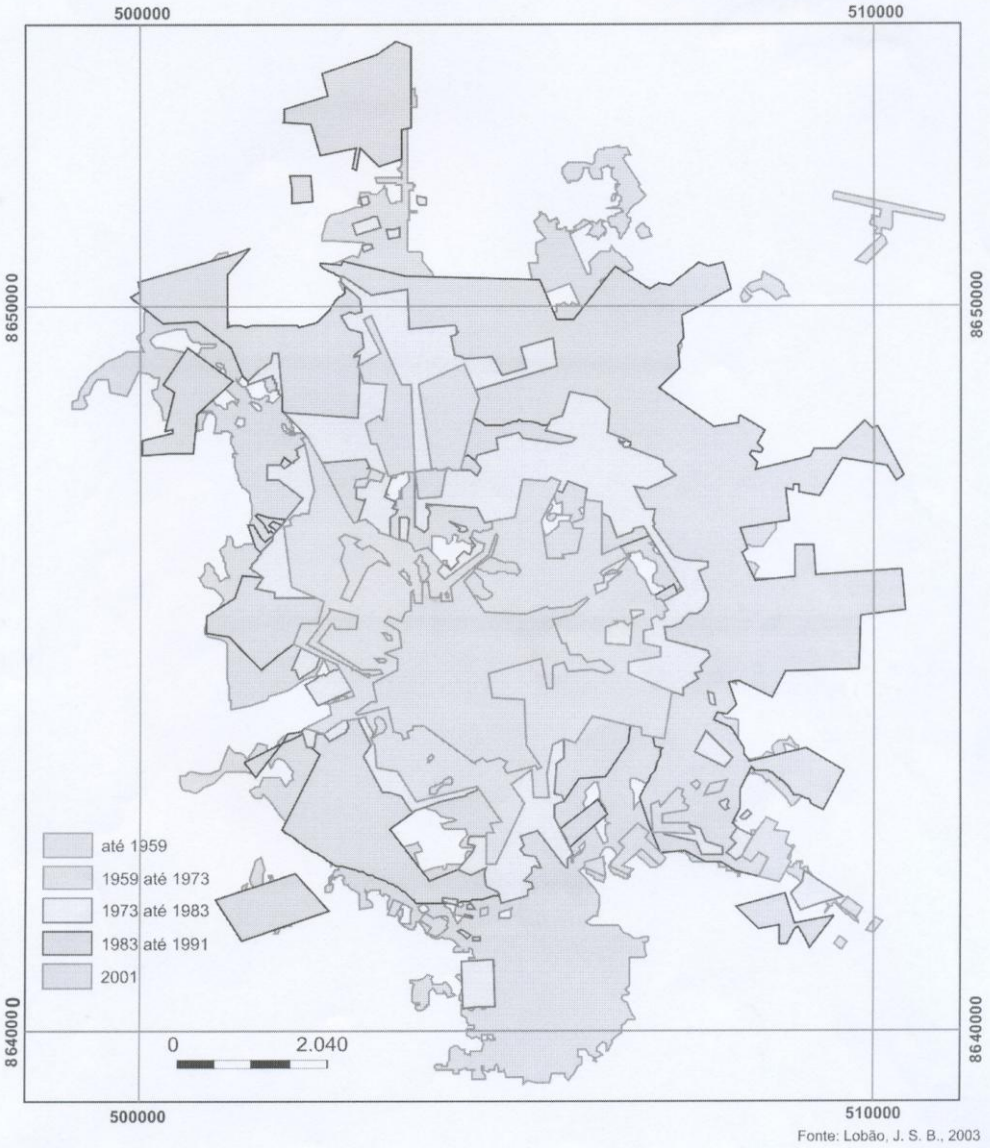
Na imagem, o anel de contorno faz a separação entre o centro e a periferia da cidade. Extraído de http://; 108.photobucket.com/álbuns/n15/lukasbaiano/mapafeira desantana.jpg

Mapa 2: Rodovias que cortam Feira de Santana



Extraído de SILVA, Elizete da. *Protestantismo Ecumênico e realidade brasileira*. UEFS. Feira de Santana. 2007. (Trabalho de professor pleno).

Mapa 3: Evolução Urbana de Feira de Santana



Evolução Urbana de Feira de Santana